

COMUNICAÇÃO
COMUNICAÇÃO
COMUNICAÇÃO

**COMUNICAÇÃO
19**



INSTITUTO DE ARTES, COMUNICAÇÕES E TURISMO
PUC-CAMP

COMUNICARTE

Revista semestral do Instituto de Artes e Comunicações da
Pontifícia Universidade Católica de Campinas

Integrante da Rede Ibero-Americana de Revistas de Comunicação e Cultura
ANO XII - Nº 19 -1994

DIRETOR FUNDADOR: Prof. Mário L. Erbolato (1982-1990)

DIRETOR: Prof. Julio Cesar Tadeu Barbosa

EDITOR: Prof. Mário Martins Rios - MT 17.287

SECRETÁRIO: Prof. Carlos Alberto Torres

CONSELHO EDITORIAL: Cleonice Furtado de Mendonça Van Raij, Fláilda Brito Garboggini
Siqueira, João Baptista de Almeida Junior, J. B. Pinho, Luiz Gonzaga Godoy Trigo,
Marcel Cheida, Maria Rosana Nassar Ferrari, Paulo Cheida Sans, Sidineia Gomes
de Freitas

Capa: Wladimir Fera.

Secretaria Administrativa: Andréa Jones Lona e Maria Rita Kechichian Alonso.

Diagramação e Composição - Supervisão Geral: Anis Carlos Fares; Coordenadora:
Celia Regina Fogagnoli Marçola; Equipe: Maria Aparecida Meschiatti
Storti e Maria Rita Aparecida Bulgarelli Nunes; Desenhistas; Alcy Gomes
Ribeiro e Marcelo De Toni Adorno.

Impressão - Encarregado: Benedito Antonio Gavioli; Equipe: Ademilson Batista
da Silva, Douglas Heleno Ciolfi, Emerson Rogerio Scolari, Jair Alves de
Oliveira, Nilson José Marçola, Paulo Roberto Gomes da Silva, Ricardo
Maçaneiro, Roberto Mauro Duarte e Sérgio Ademilson Giungi.

COMUNICARTE, órgão oficial do Instituto de Artes e Comunicações, da PUCAMP,
é redigida por professores e alunos desta unidade e divulga também trabalhos que lhe
forem enviados, a convite ou espontaneamente, por especialistas da área. ** Os temas
abordados serão relacionados com as artes, a comunicação social e o turismo.
**COMUNICARTE não se responsabiliza pelos conceitos emitidos em artigos
assinados, mas dá ampla liberdade de pensamento aos seus colaboradores. **Todos
os trabalhos são submetidos ao Conselho de Redação que, pela sua maioria, pode
sugerir ao autor alterações não substanciais em seus textos, visando sobretudo
aprimorar aspectos técnicos. A linguagem deve ser simples e acessível. **Recomenda-
se que as colaborações tenham o mínimo de cinco e o máximo de 12 páginas
datilografadas, em espaço dois com 70 toques por linha. **Não haverá, em hipótese
alguma, devolução de originais. **O conteúdo de COMUNICARTE inclui artigos, teses,
comunicação de pesquisas, resenhas de livros e quaisquer outras matérias julgadas
oportunas. **As ilustrações poderão ser fornecidas pelos autores. **A redação segue
integralmente as diretrizes da Associação Brasileira de Normas Técnicas, quanto a
notas, citações bibliográficas, referências e outras, ligadas à publicações de artigos. **
As matérias eventualmente publicadas não serão remuneradas. **Permite-se a
transcrição dos artigos de autoria de professores do IAC/PUCAMP, desde que
mencionada a fonte. ** COMUNICARTE é enviada gratuitamente a Faculdades,
Institutos e Escolas de Comunicação Social, a professores e entidades da área,
mediante solicitação escrita.

ISSN 0102 - 0242

COMUNICARTE

SUMÁRIO

AO LEITOR	5 a	6
Cleonice Furtado de Mendonça RAIJ		
Fedra: O corpo como metáfora	7 a	25
Maurício SILVA		
Modernidade anti-moderna: O primeiro autor Kitsch da literatura brasileira	26 a	33
José Antonio TRANSFERETTI		
"A vida na verdade" A poética política de Vaclav Havel .	34 a	66
João Baptista de Almeida Júnior		
A aceitação ou condenação da imagem	67 a	81
Javier Esteinou MADRID		
"Comunicacion, cultura y liberalismo social en el mexicano moderno"	82 a	90
Luiz Gonzaga Godoi TRIGO		
Qualidade, qualidade e qualidade	91 a	98
Isval Marques de PINHO		
Mercado turístico brasileiro na europa	99 a	115
Opinião e Debate		
Da "sociologia do lazer"para "lazer e sociedade" relato de uma experiência de ensino	116 a	121
Proposta de um Jornal-laboratório comunitário e Elemento de prática interdisciplinar	122 a	135
Pesquisa e Documentação		
A produção bibliográfica para a área de turismo no Brasil	136 a	150
Preservação da herança cultural, museus e desenvolvimento no Canadá - Relatório de estágio no Canadá pelo facultyenrichment program	150 a	158

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS
(Sociedade Campineira de Educação e Instrução)

Grão-Chanceler: D. Gilberto Pereira Lopes

Reitor: Prof. Gilberto Luiz Moraes Selber

Vice-Reitor para Assuntos Administrativos: Prof. Alberto Martins

Vice-Reitor para Assuntos Acadêmicos: Pe. José Benedito de Almeida David

INSTITUTO DE ARTES E COMUNICAÇÕES

Diretora: Profª Zelinda Fávero Gervásio

Vice-Diretora: Profª Maria Ângela Marques Ambrizi Bissoli



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS
INSTITUTO DE ARTES, COMUNICAÇÕES E TURISMO

Rodovia D. Pedro I, km 136 - tel.: 52-0899 - ramal 176
Caixa Postal 317 - CEP 13020-904 - Campinas - SP - BRASIL

AO LEITOR

A revista *Comunicarte*, editada pelo Instituto de Artes, Comunicações e Turismo (IACT), novamente chega às suas mãos com textos de qualidade abordando temas destas áreas, desenvolvidos por professores da Puccamp e de outras universidades brasileiras e latino-americanas. Além disso, apresenta uma nova capa, de autoria de Wladimir Fera, professor do IACT.

No primeiro artigo desta edição, a professora da Puccamp, Cleonice Furtado de Mendonça van Raij, escreve "Fedra: O Corpo como Metáfora", onde analisa a utilização do corpo como um signo no texto teatral escrito em 59 d.C. por Lúcio Sêneca. A seguir, no texto "Modernidade Anti-moderna: o Primeiro Autor Kitsch da Literatura Brasileira", Maurício Silva, das Faculdades Metropolitanas Unidas, enfoca o trabalho de um esquecido autor brasileiro, Benjamin Costallat.

Em "A Vida na Verdade", José Antonio Transferetti, padre e professor da Puccamp aborda a poética política de Vaclav Havel. João Baptista de Almeida Junior, também professor da "casa", escreve "A Aceitação ou Condenação de Imagem", sobre a intensificação da comunicação por meio de imagens.

"Comunicacion, Cultura y Liberalismo Social en el Mexico Moderno" é o artigo de autoria de Javier Esteinou Madrid, da Universidade Autônoma Metropolitana do México. Na área de Turismo, a *Comunicarte* apresenta três textos: "Qualidade, Qualidade e Qualidade", de Luiz Gonzaga Godoi Trigo, professor da Puccamp, e Paulo Roberto Faddul Biafora; "Mercado Turístico Brasileiro na Europa", de autoria do acadêmico do curso de Turismo da Puccamp, Isval Marques de Pinho; e "Da Sociologia do Lazer para Lazer e Sociedade", de Nelson Carvalho Marcellino, docente da Universidade Estadual de Campinas, publicado na seção "Opinião e Debate".

Também na seção "Opinião e Debate" está o artigo do professor do departamento de Jornalismo do IACT, Bruno Fuser, intitulado "Proposta de um Jornal-laboratório Comunitário e Elemento de Prática Interdisciplinar". Finalmente, a seção "Pesquisa e Documentação" apresenta os trabalhos "A Produção Bibliográfica para a Área de Turismo no Brasil", de Margarita Barretto, e "Preservação da Herança Cultural, Museus e Desenvolvimento no Canadá", da professora da Puccamp, Regina Márcia Moura Tavares.

FEDRA*: O CORPO COMO METÁFORA**

Cleonice Furtado de Mendonça RAIJ
PUCCAMP

1. A CORPOREIDADE

Na *Fedra*, o corpo é essencialmente um signo, isto é, um sinal e uma comunicação, na medida em que, por toda sua extensão, as personagens se manifestam por meio de reações físicas, reações que servem não só para caracterizá-las, como também para retratar, de forma palpável, as metáforas textuais: *abismo, fogo e monstro*, suportes da ação dramática.

Assim, quando a peça se abre, a heroína ostenta um corpo já em desordem: lágrimas, semblante triste, coração ardendo de paixão, mãos ociosas, mente preocupada:

v. 90-91: ... "passar a vida entre lágrimas...

v. 99 -101: "Mas outra dor maior aumenta minha tristeza. Nem o repouso noturno, nem um profundo sono me libertam de minhas preocupações: avoluma-se o mal, cresce e me

(*) *Fedra*, escrita provavelmente com 59 d.c., faz parte da produção teatral de Lúcio Aneu Sênica - grande figura do Império Romano no século I da era cristã: escritor, filósofo e político.

Fedra narra a paixão violenta da rainha cretense pelo seu enteado - Hipólito. Desprezada por este, a heroína vingava-se, levando-o à morte.

(**) Nossa análise sobre a relação corpo-signo inspira-se no ensaio de Joaquim Brasil FONTES: "Raison et Dé-raison dans la Phèdre de Racine", in *Annales littéraires de l'Université, Besançon*, 1992.

abrsa por dentro (...). Estão ao abandono as telas de Palas e por entre minhas próprias mãos escapam-se as tarefas (de fiar)",

levando leitor/espectador a perceber, de imediato, o fogo (= paixão) que a devora, e o abismo para o qual se dirige, graças à monstruosidade que está dentro de si.

Pela semiologia do corpo são detectados ritmo e evolução das paixões e da destruição para a qual as personagens caminham.

É possível depreender por meio destes versos:

v. 227: "A bárbara Antópe, teve experiência de seu braço cruel.

v. 413 - 414: "Amansa a alma inflexível do austero Hipólito (...); abranda seu coração selvagem.

v. 246 - 248: "Por estas encanecidas cabeleiras da velhice, por este coração cansado de preocupações e por estes seios que te são queridos...

v. 431 - 433: "Por que, fatigada, diriges para cá teus passos senis, ó Ama fiel, trazendo a frente agitada e a tristeza no semblante?"

que a linguagem corporal, além de caracterizar Teseu, Hipólito e a Ama, aponta, obliquamente, para alguns "sintomas" da cólera, da castidade, da insensibilidade, da cumplicidade, da virilidade, recorrentes ao longo da peça e elementos-chave no desfecho do drama.

Esses traços se multiplicam à proporção que as personagens desenham, através de suas próprias falas, situações em curso. Fedra pergunta:

v. 260: "...ou tombarei precipitando-me de cabeça desde a cidadela de Palas?",

revelando a loucura que a empurra para o abismo; a Ama, confidente de sua senhora, tem sobejas condições de projetar os sintomas da crise amorosa que envolve Fedra:

v. 255 - 256: "Modera, filha, os impulsos de tua delirante mente, domina o coração.

v. 363 - 383: ... "e sua paixão também secreta, embora dissimulada, transparece no semblante; salta-lhe o fogo dos olhos e suas pálpebras fatigadas, esquivam-se da luz; nada satisfaz, por muito tempo, a esta alma inquieta, e uma dor indefinível agita seus membros de forma insensata. Ora cambaleia como moribunda, com passo lânguido, e mal sustenta a cabeça sobre o pescoço vacilante (...); ordena que a levantem e que o corpo seja, outra vez, colocado em repouso e que se lhe soltem os cabelos (...); sempre insatisfeita consigo mesma, muda as aparências (...); caminha com passo inseguro, já abandonada pelas forças: não tem a mesma força e nem o vermelho do rubor lhe tinge o pálido rosto; a paixão arrasa-lhe os membros, seus passos já tremem e a fina elegância de seu esplêndido corpo desapareceu. E os olhos, que carregavam rasgos da tocha de Febo, já não trazem o brilho da sua raça paterna. As lágrimas rolam pelo rosto e, constantemente, as pálpebras se orvalham"...

Há, nesses versos, verdadeira teatralização da paixão que consome a heroína. A palavra escapa ao controle de Fedra e é seu corpo quem fala: rubor, palidez, lágrimas, tremores, febre, etc., denunciando a ansiedade, o medo, os desencantos, a aflição, o dilaceramento em situação-limite.

Fontes¹, estudando o poema de Safo, citado no Pseudo-Longino, levanta a hipótese de que a descrição do sujeito amoroso, feita nesses versos pela poetisa de Mitilene, foi o ponto de partida, na Antigüidade, para a criação de um *topòs literário*, no qual o corpo é visto como um *signo* que *expressa* os sintomas da paixão. É possível que aquele poema de Safo tenha sido um dos pontos de partida para a elaboração da personagem Fedra, em Sêneca - como seguramente o foi para a criação da Phèdre de Racine.

A paixão doentia que destrói Fedra torna-se pública, uma vez que esta ostenta brutalmente, aos olhos de todos, um corpo tomado de emoção, abandono e desordem. Essa cena de desolação é apresentada pela Ama:

v. 385 - 386: "A própria |rainha|, recostada em seu leito dourado, em sua loucura recusa as vestes habituais".

As roupas - prolongamento ambíguo do corpo - encarregam-se de teatralizar o estado deste: pesam, são excessivas, incomodam, daí o desnudamento e a transfiguração de Fedra:

v. 387 - 393: "Removei, ó criadas, as vestes tecidas com púrpura e ouro, e que longe fique o vermelho do múrice Tírio e os fios que os seres longínquos colhem das ramagens: que uma faixa estreita, com folga, prenda minhas vestes; e que o colo esteja livre de colar, nem prenda nas orelhas a nívea pérola (...) e, soltos, os cabelos não tragam perfume assírio".

Os sinais dessa paixão amorosa - doença ou fatalidade imposta pelos deuses - deixa, no corpo do enfermo, sintomas que se avolumam e são irreversíveis:

v. 585 - 587: "Seu corpo inanimado subitamente cai à terra e uma cor semelhante à morte cobre suas feições. Levanta teu rosto, retoma a palavra"...

Ainda que a imagem de Fedra desfalecida revele caos, morte, destruição, restam-lhe forças vitais que a impulsionam, a impelem em busca do seu desejo. Recobrando, então, os sentidos, conscientemente, a heroína percorre a trajetória do seu abismo, projetado detalhadamente através da dramática confissão feita a Hipólito:

v. 640 - 643: "Um calor ardente abraça meu coração insensato. O violento fogo de um amor secreto me ferve no interior mais profundo das medulas e, imerso nas entranhas, me corre pelas veias..."²

v. 646 - 660: "Amo os traços de Teseu (...) quando a primeira barba sombreava suas faces puras (...). Fitas rituais prendiam-lhe os cabelos e um rosado pudor tingia-lhe as faces delicadas; músculos vigorosos cobriam-lhe os braços menos rudes; ele tinha a aparência de tua Febe ou do meu Febo, ou melhor, a tua - sim, bem semelhante, tal era quando agradou ao inimigo, assim levava erguida a cabeça: em ti resplandece uma beleza mais selvagem. Todo teu pai está em ti, contudo, uma parte de tua severa mãe compõe, em pé de igualdade tua formosura: em teu rosto grego aflora a rudeza de um cita.

v. 702 - 703: "Por onde quer que vás, para aí serei arrastada em delírio: novamente, homem insensível, eu me prostro aos teus pés.

v. 711 - 712: ... "Isso é mais do que eu sonhava: morrer em tuas mãos sem perder minha honra".

Tais versos registram a maneira ordenada como Fedra desenha a imagem de Teseu *reencontrada* em Hipólito. Trata-se, sem dúvida, de um grande combate mítico e teatral das trevas x luz: de um lado, noite, trevas, lágrimas, silêncio, cinzas, cativoiro, opressão, ansiedade; de outro, todos os objetos vibrantes: as armas, os gritos, o ouro, as chamas, o sangue, as tochas, as vestes paradoxais, as insígnias, o aço. Há entre esses dois pólos uma troca sempre ameaçadora, todavia nunca realizada.

É bom que atentemos para o fato de que essa imagem constituída através da *lembrança* tem força de trauma, uma vez que representa para a heroína o conflito em que se vê envolvida como objeto: acometida de um delírio, Fedra, de forma obstinada, deseja a luz, que, paradoxalmente, simboliza incêndio, ferimento, dor, ruína, trevas, frustração..

Eros - responsável pelo fogo que incendeia Fedra - é, pois, uma força ambígua..

A reação de Hipólito é violenta e sua linguagem carregada de signos da desordem e dos sentimentos devastadores:

v. 673: "Quando lançarás o raio com tua terrível mão..."

v. 680: "Por que tua mão direita, ó senhor dos deuses e dos homens, permanece ociosa..."

v. 692 - 693: ... "e o ambíguo filho acusou o crime da mãe através do seu rosto feroz: - este mesmo ventre te gerou.

v. 704: "Afasta para longe do meu castro corpo teu contato impudente.

v. 714: ... "que (até) esta espada que te tocou abandone meu casto flango".

É possível rastrear, ao longo de toda a *Fedra*, índices de passagens que apontam a linguagem corporal em estreita ligação com o desenvolvimento da peça, registrando claramente as metáforas - abismo, fogo e monstro - que sustentam o drama:

v. 279 - 282: "O seu furor se infiltra até o fundo das medulas, com fogo secreto que destrói as veias (...), no entanto devora as entranhas profundamente.

v. 299 - 308: "Ele próprio que rege o céu e as nuvens, quantas vezes não assumiu formas menos nobres: ora como ave agitou suas asas brancas (...); ora como novilho, de fronte feroz, ofereceu, audaz, seu dorso ao divertimento das jovens (...), com as patas usadas à feição de lentos remos domou, com o peito ostensivo, o mar profundo..."

v. 317 - 329: "O filho de Alcmena (...) permitiu que colocassem esmeraldas em seus dedos e que fosse dada uma ordem em seus rebeldes cabelos; cingiu suas pernas com ouro lavrado, enquanto um coturno dourado lhe aprisionava os pés; e, com a mão que antes carregava a clava, esticou os fios do rápido fuso (...) e, sobre aqueles ombros em

que se havia apoiado o reino do alto céu, viram um transparente manto feito de fio de Tiro.

v. 346 - 349: "Ora o javali afia as presas mortais e tem toda a boca a espumar, os leões púnicos agitam suas jubas quando o Amor os excita".

Retirados do primeiro canto coral, tais versos revelam o poder de Eros (= fogo) que não só se transfigura fisicamente para atingir seus objetivos, como também ataca a todos, provocando sensível desordem corporal

Estes versos:

v. 447 - 448: "Agora teu coração é sensível e é ao jovem de agora que Vênus agrada.

v. 453: ... "a alegria vai bem para o jovem, o rosto triste para o velho.

v. 466 - 467: "O pai soberano do universo, ao observar as mãos tão ávidas do destino...

v. 499 - 500: ... "nem bois brancos como a neve, cobertos de trigo sagrado, apresentam, às centenas, os pescoços ao sacrifício.

v. 503 - 504: ... "e, cansado de pesados trabalhos, descansa seu corpo branco no liso.

v. 519 - 521: "Como é agradável beber água da fonte na concha da mão: um sono mais tranquilo envolve aquele que estende seus membros livres de preocupações num duro leito.

v. 531 - 533: "As cidades não cingiam seus flancos nem com vasta muralha, nem com numerosas torres, nem o soldado empunhava na mão armas cruéis...

v. 544 - 545: ... "a princípio combatiam com as mãos nuas...

v. 547 - 548: ... "nem a espada que com sua longa lâmina cingisse o flanco | do soldado | ...

v. 555: ... "tomba o pai pela mão do filho..."

v. 572: ... "e os lobos mostrarão mansos focinhos às corças"...

deixam entrever que o corpo sofre diferentes e sensíveis transformações em função de uma vida levada no campo ou na cidade.

O segundo canto coral pondera sobre a beleza física:

v. 743 - 763: ... "tanto mais brilha tua formosura, quanto mais clara em sua plenitude cintila a dourada Febe, quando, unindo os cornos, junta os seus fogos e, no carro que avança, ao longo da noite ela mostra seu rosto; nem lhe resistem ao brilho as estrelas menores (...). Não admires em demasia tuas feições (...). Beleza, bem incerto para os mortais, efêmero presente de curta duração, como te desvaneces veloz em teu passo apressado!

v. 770 - 778: ... "e o brilho que irradia das faces bem jovens num instante se vai e, cada dia | que passa |, rouba a um corpo formoso o espólio de uma graça. A beleza é uma coisa fugaz (...). O tempo te mina em silêncio (...). A beleza não está mais segura em regiões inacessíveis.

v. 795 - 813: "Que o frio não maltrate tanto este rosto e que este rosto não busque tantas vezes o sol: cintilará com mais brilho que o mármore de Paros. Como é agradável tua face virilmente severa e o ar grave de teu rosto maduro! Podes comparar teu colo resplandecente ao de Febo: uma cabeleira que cai desalinhadamente, cobrindo-o, enfeita-lhe os ombros e os protege; a ti convém uma frente eriçada e o cabelo mais curto, caindo em desordem; tu podes ambicionar vencer os duros e belicosos deuses pela força e pela ampla estatura de teu corpo: pois igualas a

Hércules em músculos, apesar de seres jovem e teu peito é mais longo que o de Marte, deus dos combates (...). Puxa a correia com a ponta dos dedos e com todas as tuas forças lança o dardo.

v. 820 - 823: "A raros homens (percorre a história dos séculos) não custou caro a beleza.

Que a ti um Deus muito benévolo te deixe protegido e tua nobre beleza mostre a imagem de uma velhice disforme",

enaltecendo não só a sua fragilidade, como também a beleza de Hipólito, comparando-o a Febo, cujo brilho enfraquece o das estrelas, a Hércules e Marte, associando, então, aos seus dotes físicos, os atributos que apresenta: mestre na caça, na guerra, na montaria, na força.

Esse mesmo canto coral, ao anunciar a chegada de Teseu esboça-lhe os traços corporais, reveladores que são de seu estatuto social e do lugar de onde vem:

v. 829 - 833: "Mas quem é esse que traz um porte régio em seu rosto e que levanta com altivez a cabeça? (...) não fossem suas faces lívidas de uma palidez doentia e um desalinho grosseiro não deixasse seus cabelos eriçados".

Teseu se queixa à Ama:

v. 847: "Meus passos tremem",

depois, pergunta a Fedra:

v. 886 - 887: "Por que desvias teu aflitivo rosto e cobres, colocando à frente as vestes, as lágrimas que, subitamente, te inundam as faces?".

Os distúrbios físicos observados nessas passagens apontam, por parte de Teseu, cansaço, dor, fraqueza, familiaridade com a morte, perda da força que desfrutava - sinais de sua passagem pelos Infernos e de sua longa e atribulada volta para o mundo dos vivos; por parte de Fedra, monstruosidade, vingança, abismo, destruição, *furor*.

Indignado com o crime supostamente cometido por Hipólito, Teseu, por meio desta pergunta retórica:

v. 915 - 916: "Onde está aquele rosto que fingia uma viril severidade, e aquele porte que se conservava descuidado, que procurava o primitivo e o antigo"...

ao confrontar o caráter visual do filho com o crime acontecido, denuncia a máscara de Hipólito: violência, monstruosidade, elementos que o conduzirão ao abismo.

O terceiro canto coral ao indagar:

v. 989 - 990: "Mas, por que se apressa o mensageiro com rápidos passos e molha com tristes lágrimas o aflito rosto?",

se utiliza da desordem física para retratar a personagem que traz consigo os sinais da tragédia que terá rápido desenrolar a partir deste momento.

Antes que a morte de Hipólito seja detalhadamente relatada pelo mensageiro, há significativo jogo de expressões físicas e emocionais entre este e Teseu:

v. 994: "Meu coração está prevenido para suportar a adversidade.

v. 995: "Minha língua recusa à dor palavras que fazem sofrer".

Autêntica teatralização da morte é observada no relato do mensageiro, que, progressivamente, desenha a destruição física de Hipólito:

v. 1085 - 1110: "Ao cair de cabeça, estirado à margem, enroscou seu corpo num apertado laço e quanto mais luta, tanto mais aperta esses laços flexíveis (...). Ele ensangüenta largamente os campos e a cabeça espedaçada salta sobre os rochedos; os espinhos lhe arrancam os cabelos e as duras pedras dilaceram o seu belo rosto e, entre muitas feridas, sucumbe sua infausta formosura. Velozes, as rodas retorcem os membros moribundos; finalmente, enquanto era

arrastado, um tronco com uma estaca meio queimada o retém com sua ponta enfiada em meio à virilha (...). Em seguida, já quase sem vida, dilaceram-no os matagais, as eriçadas sarças com seus pontiagudos espinhos; todos os troncos arrancaram uma parte daquele corpo. Uma fúnebre tropa de escravos vagueia pelos campos, por aqueles lugares onde Hipólito tinha sido retalhado e por onde manchas de sangue marcavam um longo caminho e, tristes, os cachorros procuravam pelos membros do seu dono. Mas o cuidadoso esforço dos aflitos |escravos| ainda não recompusera o corpo”

por um monstro que, no final da peça, emerge do mar, materializando a monstrosidade moral que, obsessivamente, permeia toda a *Fedra*.

Estas passagens, repletas de signos corporais, relatam a trajetória do abismo de Fedra:

v. 1155: ... “e o que Fedra, fora de si, apressa-se a fazer com a espada na mão?

v. 1157 - 1158: “Que significa esta espada, que significam esses gritos e pranto sobre um cadáver odioso?

v. 1176 - 1178: “Com esta mão eu te pagarei a vingança e introduzirei a espada em meu peito infame, deixarei Fedra, ao mesmo tempo, sem vida e sem culpa.

v. 1181 - 1182: “Aceita os restos de minha cabeça e recebe a cabeleira que arranquei da fronte dilacerada.

v. 1197 - 1198: “Um peito impio se abre ao punhal justiceiro, e meu sangue derramado cumpre o sacrifício...

v. 1279 - 1280: “Quanto a esta (...) que a terra, com todo o seu peso, caia sobre sua ímpia cabeça”.

Merecem especial atenção os versos a seguir:

v. 1169 - 1174: "Que cruel Sinis, ou que Procrusta espalhou dessa maneira seus membros? Que touro de Creta, animal híbrido que enche a prisão de Dédalo com enormes mugidos os espalhou ferozmente com sua cornuda frente? Ai de mim, para onde fugiu tua beleza, e os olhos que eram minha estrela? Jazes sem vida?".

Fedra, diante do corpo dilacerado de Hipólito, associa tal monstruosidade a três façanhas de Teseu: Sinis e Procrusta, bandidos mortos por ele, e o Minotauro.

Nessa passagem, a monstruosidade familiar é, sem dúvida, recorrente: Fedra, num jogo magistral de palavras, inverte o papel de Teseu, transformando-o, de herói e matador de monstro, no próprio monstro que mata seu filho. Trata-se de uma inversão trágica, que sela o percurso de Teseu como fundamentalmente trágico.

Ante "os membros horrivelmente espalhados, numa dilaceração cruel", Teseu busca o abismo.

A degradação de tudo é óbvia atingindo forte caráter visual, registrado no diálogo entre Teseu e o coro, onde o *corpo* ocupa espaço significativo, quando da dramatização de Hipólito destruído:

*Teseu v. 1247 - 1255: "Trazei-me aqui, | sim |, trazei aqui os restos deste corpo querido e entregai-me seu peito e seus membros amontoados ao acaso (...). Abraça estes membros, tudo o que resta do teu filho, homem digno de lástima, aquece-o inclinando-o em teu angustiado coração.

*Coro v. 1256 -1264: "Pai, recompõe os esparsos membros do corpo dilacerado e restitui ao seu lugar as partes extraviadas: este é o lugar de sua valente mão direita, aqui deve-se colocar sua mão esquerda, que tão bem sabia governar as rédeas; reconheço os sinais do seu lado esquerdo. Quantas partes escapam ainda de

nossas lágrimas! Persisti, ainda que tremais, ó mãos, nesta lúgubre ocupação; detei os rios de lágrimas, ó ardentes olhos, enquanto este pai enumera os membros do seu filho e dá forma ao seu corpo.

“Teseu v. 1265 -1279: “O que é isto sem forma e horripilante, destroçado completamente por tantas feridas? Não estou seguro de que parte de ti possa ser; mas parte de ti é: aqui, põe aqui, não é seu lugar, mas está livre. É este aquele rosto que brilhava com fulgor celestial, capaz de dobrar olhos hostis? A isto se reduziu aquela formosura? (...). Mas vós buscai pelos campos as partes do corpo espalhadas”.

Nesse diálogo entre Teseu e o coro, encontra-se dupla inversão trágica:

i) Hipólito, caçador exímio, ocupa o lugar da caça, apresentando, assim, a grande ironia trágica;

ii) o ritual da caça sofre mudanças: ao invés de se repartir a presa entre os membros do grupo, procura-se, aqui, recompor o que foi dilacerado, partido, dividido em incontáveis pedaços, numa tentativa de recompor o *todo*.

Em se tratando de *corporeidade*, é expressiva a encenação corporal do monstro que destrói Hipólito:

v. 1035 - 1048: “Que |horrrível| aspecto tinha aquele gigantesco corpo! Um touro, levantando no ar seu colo azulado, erguia um alto penacho em sua fronte verde; estavam eriçadas suas orelhas, em seus olhos, uma cor instável (...); para o primeiro, seus olhos vomitam chamas; para outro, reluzem de forma distinta com um rasgo azulado; sua exuberante nunca levanta firmes músculos e suas amplas narinas rugem quando se abrem para aspirar; o peito e a papada verdejam como uma alga pegajosa e seus imensos flancos são borrifados por um fuco

avermelhado; enfim, a extremidade posterior do seu dorso se assemelha à forma monstruosa e enorme de um animal, arrastando uma parte escamosa”,

marcando o cruzamento de dois universos: o *mitológico*, povoado por seres tão fabulosos como o que destrói a Hipólito e o *natural*, instituído pela monstruosidade humana, que atravessa toda a peça: o monstro marítimo surge dos abismos, instigado pelo *furor* de Teseu, que, assim, procede graças à monstruosidade de Fedra. Esta, conscientemente, contamina todas as personagens.

O monstro é, pois, a um só tempo: i) signo da monstruosidade moral, feita, materializada; um símbolo presentificado; ii) é presença da monstruosidade simbólica.

É evidente, nos versos que se estendem da narração do mensageiro até a recomposição do corpo de Hipólito por Teseu, a grande força da *corporeidade*, presente em cada verso, a mostrar como o corpo de Hipólito é inteiramente mutilado e espalhado pela natureza, depois, tragicamente reintegrado pela própria natureza, e, a seguir, recuperado pelo pai que procura, num ritual tenso e de muita dramaticidade, reunir os pedaços espalhados, prestando ao filho honras fúnebres.

Esse final da *Fedra* apresenta um aspecto fundamental do trágico: a peça termina com um rito de purificação futura, como que a vislumbrar a possibilidade de uma redenção.

Um paralelo entre o corpo humano dilacerado e a morte violenta e inesperada que o caçador dá à caça, pode, assim, ser traçado: morta, esta, a caça, é esquartejada e repartida entre os membros do grupo.

A peça mostra, em toda sua extensão, o gradativo desfalecimento do corpo diante da brutalidade da vida, em seus contornos mais trágicos, configurando o sofrimento das personagens graças à farta linguagem figurativa empregada por Sêneca.

2. A CABELEIRA

Em inúmeras passagens da *Fedra*, a palavra escapa ao controle das personagens, passando a falar o *corpo*: rubor, palidez, porte viril, tremores, lágrimas, olhos fundos, febre, rudeza física, gritos, ágeis pés, fraqueza, lamentações, braço cruel, passo inseguro, etc. - elementos esses reveladores da imagem humana.

A *cabeleira* é, entre outros, um signo de corporeidade. Por meio dela é possível divisar uma relação de ordem x natureza, que, de certa maneira, tematiza a distinção cultura x natureza.

Tal signo de corporeidade autoriza-nos seguir, num contraponto, os percursos e deslocamentos da peça. Assim, quando a Ama fala:

v. 246: "Por estas encanecidas cabeleiras da velhice"

tenta, ao referir-se aos próprios cabelos, demover Fedra de doentio sentimento por meio da compaixão, levando a heroína a lembrar-se dos laços afetivos que as unem por longos anos.

Esse comportamento da Ama provoca sensível quebra na prudência que até então demonstrara, apresentando-se como um dos primeiros sinais, ainda que dissimulados, de sua cumplicidade com a paixão que consome sua senhora. Assim, os cabelos da Ama não só retratam sua idade avançada, seu enfraquecimento moral, como também são o signo oblíquo da desordem instaurada na peça.

O coro, no verso 320:

... "e que fosse dada uma ordem em seus cabelos rebeldes",

confronta a anarquia da Natureza - representada pelos cabelos desordenados de Hércules enamorado de Ônfale e sob o domínio de Cupido - com cultura e civilização, estas simbolizadas pela ordem a ser dada nos cabelos do herói grego.

Um dos signos da cabeleira em desordem é a ruptura com a ordem, a cultura. Com base nessa argumentação, é possível, pois, apontar esse elemento como uma espécie de metáfora do conflito que atravessa a peça senequiana:

ordem x desordem.

Os versos 371 - 372:

... "e que lhe soltem os cabelos para, em seguida, ordenar que os recomponham",

traduzem a insatisfação, o caos, a ansiedade, a luta, a ambigüidade em que Fedra está mergulhada. A mudança de aparência simboliza grande insegurança diante de seu estatuto de mulher, ao mesmo tempo que esboça um desejo que a faz distanciar-se da vida prisioneira que leva.

No imaginário de Fedra, a cabeleira solta representa liberdade:

v. 393 - 396: ... "e, soltos os cabelos não tragam perfume assírio. Caídos assim livremente, espalhem-se meus cabelos pelo colo e por cima dos ombros, para que, agitados em minhas rápidas corridas, sigam os ventos.

v. 401 - 403: ... "e atou os cabelos com um nó e os soltou (...). Assim percorrerei as florestas".

Pode-se entrever, nesses versos, a vontade de Fedra assumir o lugar de Hipólito: as selvas, a vida livre, em contato com a natureza. A heroína traz à tona a beleza viril da raça guerreira, em especial a de Antópe, mãe de Hipólito, realçada por cabeleira longa e esvoaçante, semelhante à crina de um cavalo que se agita quando corre em liberdade pelos prados.

Aqui, não só a beleza de Fedra é masculinizada, como também todo o seu comportamento.

No verso 651:

"Fitas rituais prendiam-lhe os cabelos",

Fedra projeta a virilidade de Teseu em Hipólito, recordando-se de que aquele, entregue como vítima oferecida em sacrifício ao Minotauro, sai vitorioso do labirinto.

Tanto na fala de Hipólito:

v. 707 - 708: "Eis que, com minha esquerda, viro para trás sua impudica cabeça, torcendo-lhe os cabelos",

quanto na da Ama:

v. 731 - 732: "Que os cabelos desfeitos e as madeixas arrancadas permaneçam como estão",

o cabelo é signo de violência: violência física de Hipólito em relação a Fedra.

O coro estabelece comparações entre:

i) Baco e Hipólito:

v. 753 - 757: "E tu, Líber, de volta da Índia portadora dos tirsos, eternamente jovem pelo cabelo comprido (...), nem tu vencerás os densos cabelos de Hipólito";

ii) Febo e Hipólito:

v. 800 - 804: "Podes comparar teu colo resplandecente ao de Febo: uma cabeleira que cai desalinhadamente, cobrindo-o, enfeitelhe os ombros e os protege; a ti convém uma frente eriçada e o cabelo mais curto, caindo em desordem",

apresentando o cabelo como símbolo de liberdade, juventude, beleza, proteção, força, longividade.

Segundo costumes de alguns povos antigos, para os jovens que sássem da efebia, deixar de cortar os cabelos não era uma questão de vaidade ou uma escolha pessoal, mas, sim, símbolo e espécie de consagração de sua condição. Sabe-se que Licurgo³ ordenou aos jovens que trouxessem os cabelos longos. Esperava, assim, que parecessem maiores, mais nobres, mais terríveis.

É significativa a mudança no comportamento do coro: este, que no segundo canto coral entendia a desordem do cabelo como proteção, juventude, beleza, força, celebração, passa a interpretá-la como signo da violência, quando, no final desse canto, não só atribui a Fedra o crime contra Hipólito:

v. 826: "Ela procura crédito na desordem de seus cabelos" ...,

mas também anuncia a chegada de Teseu, trazendo os cabelos semelhantes aos de Hipólito:

v. 833: ... "e um desalinho grosseiro não deixasse seus cabelos eriçados".

Trata-se, sem dúvida, de um ponto nevrálgico do texto: Hipólito, Fedra e Teseu são apontados por um índice referencial comum, mas carregado de sentido: as três personagens têm o cabelo em desalinho:

i) a desordem dos cabelos de Hipólito é signo de sua forte ligação com a natureza, em contato com a qual atravessa a peça inteira, ignorando por completo os costumes da cidade, a vida civilizada.

Comparando-se integralmente a Diana, Hipólito torna-se casto para sempre ao fechar-se sobre si mesmo e recusar a travessia da fronteira que separa a alteridade juvenil da identidade adulta, recusa que justifica sua desmedida aversão pelas mulheres.

Seus cabelos despeitados retratam, pois, o seu lado selvagem, sua desregrada vida humana, sua frieza, seu despojamento e abandono diante do Amor;

ii) a desordem dos cabelos de Fedra é signo da violência, da destruição, do crime, da sua própria monstruosidade, que encontra raízes nas sua hereditariedade.

Essa desordem traz à cena o que está ausente: a ordem, a cultura.

Enlouquecida por doentia paixão, a monstruosidade de Fedra se agiganta, extrapolando seu próprio ser, para contaminar outras personagens;

iii) a desordem dos cabelos de Teseu é signo da morte.

Regressando dos Infernos, ele traz consigo não só os traços de quem esteve em meio aos mortos, como também a própria morte, uma vez que é ele quem desencadeia a morte de Hipólito e Fedra.

"Os cabelos desordenados refletem, enfaticamente, não apenas recusa do artifício e da cultura (*sine lege*), mas também regresso à anarquia da natureza".⁴

Quando a monstruosidade, que atravessa toda a peça, se presentifica na figura do monstro marinho que dilacera o corpo de Hipólito, os cabelos do herói são arrancados pelos espinhos para que se integrem mais à natureza, seu espaço por excelência:

v. 1094: ... "os espinhos lhe arrancam os cabelos"...

Seus cabelos arrancados simbolizam ruína, morte, destruição.

Nos versos 1181-1182:

"Aceita os restos de minha cabeça e recebe a
cabeleira que arranquei da fronte dilacerada",

é possível trabalhar o ritual do cabelo cortado através de dois simbolismos:

i) Fedra corta, voluntariamente, seus cabelos, num gesto simbólico de renúncia à vida, à feminilidade, à cultura e de preparação para sua própria morte. Esse ritual assemelha-se àquele de Iris ao preparar Dido para morte, *Eneida*, IV, 704. Aqui, os cabelos curtos simbolizam derrota, luto, destruição;

ii) Fedra, esperançosa em unir-se a Hipólito depois de morta, teria arrancado seus cabelos e oferecido ao amante já morto, numa referência de Sêneca ao culto do herói de Trezena, em cuja cidade as noivas tinham por costume oferecer a Hipólito, antes do casamento, uma mecha dos seus cabelos⁵. Os cabelos cortados são, pois, símbolo de celebração, união, vida, ainda.

A leitura da cabeleira permite que se afirme que a corporeidade - signo de emoção, tristeza, evolução, alegria, mudança, etc. - revela momentos, desejos, conflitos, gestos, transformações das personagens, atuando, assim como uma verdadeira força geradora de emoções.

O estudo da corporeidade torna, pois, patente que as emoções violentas são lidas, em especial, através do corpo. Tal fato mostra o grande paradoxo da obra literária: ainda que o corpo seja essencialmente expressivo, sua leitura só pode ser feita por meio de palavras.

NOTAS

(1) Joaquim Brasil FONTES. Eros, tecelão de mitos: a poesia de Safo de Lesbos, São Paulo, Estação Liberdade, 1991, p. 154-155.

(2) Os "sintomas corporais" da paixão parecem proceder, inicialmente, do domínio da épica. Trata-se de uma transposição dos signos do combate entre guerreiros para o domínio da lírica. Cf. Joaquim Brasil FONTES, loc. cit.

(3) Apud Jean-Pierre VERNANT. A morte nos olhos, trad. de Clóvis Marques, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1988, p. 54.

(4) Joaquim Brasil FONTES, op. cit., p. 78.

(5) EURÍPIDES. Hippolytos, introduction and commentary by W. S. Barret, London, Oxford University Press, 1964, p. 3-4.

MODERNIDADE ANTI-MODERNA: O PRIMEIRO AUTOR KITSCH DA LITERATURA BRASILEIRA

Maurício SILVA

Se perguntássemos quem foi o nosso primeiro autor verdadeiramente popular, a pergunta daria margem para uma série de considerações a respeito do fenômeno da popularidade na literatura nacional, originando uma discussão infinita em torno de temas, estilos e outros componentes básicos da obra de ficção. Com efeito, não é fácil definir categoricamente um conceito tão fluido e desgastado como o de *arte popular*, o que, no limite, torna qualquer discussão sobre este assunto um mero exercício de especulação teórica. Nem por isso deixamos, vez por outra, de apontar elementos de extração popular em alguns dos nossos mais consagrados escritores: se considerarmos esse conceito de um ponto de vista estético - enfatizando aspectos intrinsecamente artísticos, além da recepção literária -, não há dúvida que os nossos românticos, com seus imbatíveis folhetins, colocar-se-iam na vanguarda da literatura popular; se, de outra forma, considerarmos o mesmo conceito de uma perspectiva social, é possível que enxerguemos nos romances de temática proletária do começo do século as primeiras obras autenticamente populares de nossa literatura; mas, finalmente, se adotarmos uma ótica particularizada do popular, enquanto elemento, fundamental do processo de modernização por que passava o país nas décadas de 1920-1930, então é preciso que concedamos especial atenção para um esquecido autor de nossa literatura brasileira: Benjamim Costallat.

Forjado numa atmosfera autenticamente mundana, Costallat logrou criar uma obra em tudo condizente com a euforia

artificial desencadeada pelas conquistas técnicas e humanas dos anos vinte. Assim, o autor preocupou-se particularmente em dar uma feição popular às suas obras, seja no aspecto gráfico (com capas chamativas e configuradas segundo a estética *art nouveau*), seja na temática (com seus temas voltados para a cultura de massa, os tipos glamourosos do cinema, os motivos eróticos etc). Na verdade, esta era uma marca distintiva da modernização, observada também sob a perspectiva da publicidade, para a qual o autor (que era ainda editor) estava sempre atento.

Ser moderno, neste sentido, era por exemplo adotar os figurinos estéticos mundanos que, da França, chegavam até nós como um imperativo básico da civilização¹: com uma linguagem carregada de estrangeirismos, que iam dos simples vocábulos ao nome das personagens, com uma valorização estética de tudo o que era fútil e efêmero, com uma temática centrada no mundanismo como estilo de vida, Benjamim Costallat construiu uma obra que oscilava entre o sofisticado e o popular, enfatizando este último como elemento constituinte de uma incipiente modernidade. Não se trata, evidentemente, do popular romântico de um Alencar ou um Macedo; tampouco pode-se falar num popular ideologicamente marcado, como acontecia com um Fábio Luz ou um Lima Barreto; nem mesmo podemos pensar numa versão modernista do popular, tal como ocorria em Mário de Andrade ou Manuel Bandeira. O popular de Benjamim Costallat buscava, antes, o que de mais massificado podia sugerir este conceito, como o erotismo fútil das musas cinematográficas ou o artificialismo kitsch de uma burguesia em ascensão.

Era, sem dúvida, uma leitura muito pessoal do popular.

A começar pelo tratamento dado às personagens, é possível verificar que seus romances são povoados por uma quantidade assustadora de dândis e esnobes, bem de acordo com a atmosfera *belle époque* vivida pelos intelectuais cariocas do começo do século. O cenário onde os acontecimentos se desenvolvem não escapam, igualmente, à mesma atmosfera artificial e importada, com suas luzes feéricas ou seus automóveis luxuosos, sugerindo uma irrefreável sedução urbana. A linguagem telegráfica, importada, profundamente marcada pelas expressões da moda completam o quadro superficial que conforma os romances.

Mas é possível passarmos do âmbito das generalizações para a análise mais detalhada de alguns aspectos definitivamente populares presentes em sua ficção, sempre no sentido mundano do conceito, sentido que oscila dentro dos limites expressos pelo sofisticado e pelo público. Talvez o exemplo mais acabado deste modelo de popular, que estamos sugerindo, seja o cinema da década de 1930, com suas cenas hollywoodianas, suas atrizes glamourosas e sedutoras, seus cenários de sonhos modernos e promissores. Benjamim Costallat não ficou alheio a mais este modismo que se espalhava por todo o mundo, habitando seus romances por fantásticas figuras de *femmes fatales*, onde se misturavam a futilidade mundana do universo que as cercava e a personalização extrema do sensualismo. Não sem razão, a mais cinematográfica e glamourosa criação do autor leva o sugestivo nome de uma das principais estrelas do cinema mundial, eternizada pelo talento inigualável de Rita Hayworth:

"o vestido transparente deixava ver todo o corpo de Gilda. Ella parecia em todo o esplendor de mulher feita. O desenho vigoroso das ancas subia até as linhas suaves dos seios. A curva dos ombros prolongava-se no movimento ondulante de dous braços maravilhosos e quentes. Agora o vestido, de tão transparente e de tão coleante, era apenas um colorido rubro sobre a carne da mulher. Ella aparecia inteiramente nua e vermelha, verdadeira deusa infernal, como se fosse a expressão satânica da volúpia!"²

Descrição que assume definitivamente sua natureza cinematográfica nestas palavras reveladoras do romancista:

"Ella estava de pyjama, com uma formidável piteira na bocca, com o ar das vampiras de cinema".³

Influência do cinema é possível verificar também nos cenários e ambientes elegantes que perfazem seus romances, além do fato significativo de o autor chamar uma de suas mais célebres novelas pelo título revelador de *Mile*. Cinema (1923). Af estão presentes desde um sentido muito pessoal do trágico cinematográfico, até um concentrado esforço que dá à narrativa o mesmo contorno popular que o cinema da época possuía, um popular que assume sem conflitos sua feição massificada. Partindo de um substrato precariamente moderno, o autor faz uma releitura

popular do cinema, empregando linguagem simples, codimentos eróticos, composição modesta e enredo padrão. Alcança, com isso, um efeito estético inovador, que alia, pela primeira vez em nossa literatura, a atmosfera sedutora de Hollywood e o contexto singular do Rio de Janeiro da primeira República.⁴

Com razão, Benjamim Costallat merece ser considerado um dos mais populares autores de nossa literatura, com suas cenas onde se mesclavam, cinematograficamente, muita luxúria, vícios e futilidades, o que, evidentemente, não se traduz necessariamente em maior recepção por parte do público ou adesão por parte da crítica.⁵ Em uma palavra, foi o primeiro autor kitsch da literatura brasileira, na medida em que deslocava estilemas consagrados pela cultura superior, fazendo uma releitura popular da mesma, provocando o desgaste daqueles e contribuindo para a divulgação de formas consumidas, junto à chamada *midcult*.⁶

Talvez nada mais relacionado à estética kitsch do que o sentido de futilidade, exaustivamente presente nos romances de Costallat: da mulher ao cenário, passando pelas próprias relações amorosas, tudo parece carregado de uma inerente representação fútil da realidade. Até a noção de moderno empregada pelo autor padece de uma extremada banalidade, já que surge associada, freqüentemente, a modismos passageiros e pouco consistentes: um modernismo cuja única marca fundamental é o deslumbramento, sentimento contudo que não persiste por muito tempo, diante da vertigem e da superficialidade dos conceitos. Mas é ainda no tratamento dado à figura feminina, como de resto já sugeriu a crítica especializada, que Benjamim Costallat vai representar melhor o que aqui chamamos de sentido de futilidade. É sintomática, por exemplo, esta descrição que o autor faz da protagonista de um dos seus romances:

“Germaine era uma mulher que se aborrecia. Não tinha, além do jogo, outra distração e outra finalidade. Ainda moça já havia quasi gasto o patrimonio de seu pae (...) agradavam muito mais a Germaine os banhos azues das tardes de Copacabana”.⁸

Fútil é também o sensualismo presente em suas obras, banalizado pela luxúria e pelo amor devasso da prostituição, codimentos eróticos que dava aos romances de Costallat um sentido muito contemporâneo de arte popular. O obsceno, o

degradante, a banalização da figura feminina, a pornografia *tout court* unem-se numa tentativa deliberada de criar uma atmosfera francamente popular, onde não faltam ainda o amor devasso de satânicas adolescentes travestidas de ingênuas moças de família:

"Rosalina, calças de pyjama, o busto nú, seus minúsculos seios de dezessete annos, atrevidos e brancos, terminados por duas manchinhas cor de rosa quasi imperceptiveis, olhou para a sua propria imagem, para a sua imagem de garota adoravel e sorriu (...) E aquellas meninas de familia do seculo faziam os seus calculos de conquista, a somma de novos admiradores adquiridos, o balanço de seus conquistadores, como prostitutas entre si recapitulando extenuadas um dia de labor sexual".⁹

Assim, tudo o que se refere à criação do espectro feminino, mas principalmente o que há de mais picante e sedutor no mesmo, interessa aos romances de Costallat, denotando, de passagem, uma admiração muito grande pelo mito de Salomé eternizado por muitos artistas, mas difundido no Brasil principalmente pela figura singular do esteta inglês Oscar Wilde, a quem Benjamim Costallat deve mais de uma característica literária. Aliás, não é apenas no que existe de mais estetizante em seus romances que podemos aproximar Costallat do escritor inglês: também na sua obsessão por desvendar os mistérios do *bas-fond* carioca, bem ao gosto do decadentismo da época, o autor brasileiro aproxima-se não apenas de Oscar Wilde, mas principalmente de seu maior divulgador e cultuador entre nós, o jornalista João do Rio.¹⁰ De qualquer maneira, é na percepção da figura feminina, a partir de uma ótica estetizante, que Costallat vai consolidar sua ligação com o romancista estrangeiro, como nos prova esta descrição verdadeiramente onírica e estilizada de uma das inúmeras mulheres fatais que habitam os seus romances:

"o circulo de luz do 'abat-jour' despia ainda mais Katucha, já despida por um kimono de seda branca e transparente. As pernas maravilhosas e imoveis da mulher alongavam-se fóra do jorro de luz da lampada, como a evocação e o espectro de beleza. Katucha fechara novamente as palpebras. A fisionomia palida seria quase serena, se a boca, na sua mancha sangrenta, não desse, aos labios, alguma cousa como o perfume e a flor de um constante pecado".¹¹

Não há como dissociar esta personagem, com sua roupa transparente, suas pernas maravilhosas, sua sedutora palidez, interrompida bruscamente pelo carmesim de uns lábios pecadores, das principais figuras cinematográficas dos anos trinta. Melhor que esta, talvez, só a descrição de Livia Marshall, com que Benjamim Costallat abre um de seus mais significativos contos:

“um collo alongado, a silhueta fina, um doentio olhar, altiva de pescoço, as pernas nervosas è bem desenhadas dentro de uma ‘toilette’ que lhe emmoldurava exageradamente as fórmias rígidas”.¹²

O kitsch evidencia-se ainda na própria estrutura de seus romances, com uma certa padronização narrativa e a utilização de frases de efeito em cada final de capítulo. O clima afrancesado - e, mais tarde, via cinema, americanizado - perfaz todo o cenário kitsch, estando presente mesmo quando deslocado, já que o autor não hesita em utilizá-lo num contexto reconhecidamente suburbano. Finalmente, este fenômeno estético parece atingir sua máxima concretização na decoração dos cenários romanescos com objetos tipicamente kitsch: tapetes e camas turcos, um Buda de porcelana cuja boca exala perfumes místicos de incenso, uma radiola moderna tocando tangos argentinos, almofadas coloridas e desenhadas, mesinhas inglesas para fumo, vasos chineses e animais de porcelana de Copenhague. Definitivamente, nos romances de Benjamim Costallat assistimos ao esplendor do objeto kitsch como peça de decoração.¹³

Indício de modernidade do autor, o kitsch emerge em sua obra como recurso estético inovador numa época em que moderno significava, quase sempre, valorizar o que a civilização possuía de mais útil e benéfico, como o progresso e o desenvolvimento tecnológico. Invertendo o conceito de modernidade, Benjamim Costallat faz uma opção pelo fútil, pelo banal e por tudo o que representa mero desperdício, diante de uma sociedade que começava a se caracterizar pelo pragmatismo e pela vigência da relação custo/benefício em todas as esferas da vida social. Para Costallat, o que valia mesmo era a atmosfera vaga e simbólica dos encontros dissimulados, os objetos decorativos sem utilidade aparente, o amor banalizado por um sensualismo popular e efêmero, a vida como realização plena do mundanismo. Afinal de contas, tudo passa tão rápido como as fitas de cinema, tudo é tão efêmero,

quanto os enredos hollywoodianos, tudo é tão volátil como as glamourosas estrelas cinematográficas. Fato que não causa espanto em se tratando de um autor tão singularmente inserido em sua época, lutando por fazer do kitsch o paradigma estético de sua geração e do cinema a mais perfeita metáfora da vida. O próprio Benjamim Costallat, num de seus romances, diz esta frase que, com certeza, não teria hesitado em adotar como divisa pessoal: "a vida não espera."¹⁴

Essa vertigem da velocidade, conseqüência de uma leitura da realidade promovida pela ótica do cinema, cuja origem etimológica já denota esse movimento contínuo e infrene, promove uma visão verdadeiramente singular do fenômeno da modernidade, retirando dela tudo o que direta ou indiretamente possa significar desenvolvimento e progresso e deixando apenas o que contenha, na sua base, um sólido sentido de futilidade. Afinal de contas, como já disse uma vez o autor, num exemplo modelar de banalização da vida:

"somos modernos nas gravatas como no amor!"¹⁵

Trata-se, sem dúvida alguma, de uma compreensão bastante pessoal da modernidade. Em outros termos, como sugerimos desde o título deste ensaio, uma autêntica modernidade anti-moderna.

NOTAS

(1) Para a adoção da cultura francesa no Brasil das primeiras década do século, cf. NEEDELL, Jeffrey D. Belle Epoque Tropical. Sociedade e Cultura no Rio de Janeiro na Virada do Século. São Paulo, Companhia das Letras, 1993; e BROCA, Brito. A Vida Literária no Brasil. 1900. Rio de Janeiro, José Olympio, 1960.

(2) COSTALLAT, Benjamim. A Loucura Sentimental. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1930, p. 72.

(3) COSTALLAT, B. A Loucura Sentimental, p. 199.

(4) Para a reelaboração da linguagem cinematográfica feita por Benjamim Costallat e outros autores da época, consultar SUSSEKIND, Flora. Cinematógrafo de Letras. Literatura, Técnica e Modernização no Brasil. São Paulo, Companhia das Letras, 1987.

(5) Há uma controvérsia quanto à recepção dos romances de Benjamim Costallat. Afeito aos mais modernos métodos publicitários, consta que o

autor divulgava tiragens acima do que realmente imprimia, a fim de forçar uma aceitação pública expressiva e, conseqüentemente, levar seus virtuais leitores a se interessar por suas obras. Cf. MACHADO NETO, A. L. *Estrutura Social da República das Letras (Sociologia da Vida Intelectual Brasileira. 1870-1930)*. São Paulo, Grijalbo/Edusp, 1973.

(6) Para as noções de kitsch e de midcult, bem como suas implicações estéticas, cf. ECO, Humberto. *Apocalípticos e Integrados*. São Paulo, Perspectiva, 1990.

(7) Cf. PAES, José Paulo. "O art nouveau na literatura brasileira". Gregos e Baianos. São Paulo, Brasiliense, 1985, p. 64-80.

(8) COSTALLAT, Benjamim. *A Mulher da Madrugada*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1934, p. 22/28.

(9) COSTALLAT, Benjamim. *Melle. Cinema. Novella de Costumes do Momento que passa*. Rio de Janeiro, Benjamim Costallat & Miccolis, 1923, p. 21/37.

(10) Consultar, por exemplo, o romance *A Virgem da Macumba* (Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1934) para a aproximação do autor com Oscar Wilde; o livro de crônicas *Mysterios do Rio* (Rio de Janeiro, H. Antunes, 1931) para a aproximação com João do Rio. Sobre a recepção de Oscar Wilde no Brasil, cf. FARIA, Gentil Luiz de. *A Presença de Oscar Wilde na "Belle Epoque" Brasileira*. São Paulo, Pazzartz, 1988. Para a possível relação entre Costallat e João do Rio, cf. LIMA, Alceu Amoroso. *Contribuição à História do Modernismo Literário. O Pré-Modernismo de 1919-1920*. Rio de Janeiro, Agir, 1948.

(11) COSTALLAT, Benjamim. *katucha*. Rio de Janeiro, Getulio Costa, 1931, p. 17.

(12) COSTALLAT, Benjamim. *Modernos...* Rio de Janeiro, Benjamim Costallat & Miccolis, 1920, p. 13.

(13) Para um estudo acurado do objeto kitsch, cf. MOLES, Abraham. *O kitsch*. São Paulo, Perspectiva, 1986.

(14) COSTALLAT, Benjamim. *Gurya*. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1929, p. 45.

(15) COSTALLAT, Benjamim. *Modernos...* p. 56.

CURRICULUM

Maurício Silva

Professor de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira nas Faculdades Metropolitanas Unidas (São Paulo). Formado em Letras Clássicas e Vernáculas pela Universidade de São Paulo, onde é pós-graduando na área de Literatura Brasileira. Foi pesquisador do Núcleo de Estudos da Violência da Universidade de São Paulo (1990-1992). Possui diversos trabalhos publicados em periódicos nacionais e internacionais (Estados Unidos e Europa).

“A VIDA NA VERDADE”

A Poética Política de Vaclav Havel*

José Antonio TRANSFERETTI

1. Vaclav Havel é um filósofo que pensa a sociedade a partir de categorias filosóficas delimitadas e circunscritas dentro do seu tempo. A presente dissertação é um estudo filosófico sobre a filosofia que se encontra nos seus textos. Havel não é um filósofo especulativo. Sua filosofia retrata a sua experiência de vida marcada por um país, onde a liberdade sempre se constituiu num desafio. Vivendo em condições adversas, procurou descobrir os caminhos da filosofia como luz que se descortina no final do túnel.

Nesse sentido, a filosofia supera a si mesma como forma racional de entender o mundo e, como Boécio, passa a ser companheira e inspiradora dos momentos mais dramáticos da experiência do ser no mundo. Segundo alguns comentaristas, a filosofia de Havel surgiu nas catacumbas e assumiu a forma socrática de estar no mundo, algumas vezes entendida como “absurdo” (dramaturgia), outras como “esperança” (ensaios políticos) e outras, ainda, como “busca do absoluto” (cartas da prisão).

Jiri Dienstbier, Mario Soares, Sidonius e outros destacam a importância do testemunho de Havel. Para Milan Kundera a sua própria vida, tal como se deu, se apresenta ela mesma como uma obra de arte. Na verdade, ela representa a forma maior de se inserir

(*) Este texto foi apresentado por ocasião da defesa da minha tese doutoral sobre o pensamento de Vaclav Havel na Pontifícia Universitas Gregoriana, Roma (Itália) em 28 de abril de 1994. Trata-se na verdade, de uma pesquisa síntese das questões de fundo abordadas na pesquisa.

no mundo, como resposta ao sofrimento imposto por um regime cruel.

Esta dissertação nasceu junto com as transformações no Leste Europeu. Havel foi fortemente influenciado pelas mudanças ocorridas no seu país em 1948, quando os comunistas tomaram o poder. Sua filosofia está enraizada neste mundo e aparece como crítica e como compromisso, sendo impossível dissociar o filósofo desta realidade fundante. Ao mesmo tempo, tornou-se o grande opositor do regime transformando-se numa figura de destaque nos acontecimentos de 1989 quando o poder retornou aos braços do povo.

Havel não é "classificável" dentro de alguma corrente de pensamento filosófica ou cultural, ele nunca seguiu rigidamente nenhum pensador em particular. Recebeu várias influências, desde a dramaturgia (teatro do absurdo), da literatura engajada (literatura humanista tcheca, russa) e da filosofia (antiga, existencialista e personalista). Mais do que a teoria dos filósofos em si, interessa-lhe a atmosfera produzida por estes pensamentos. Pode-se afirmar que basicamente é um humanista a procura do Absoluto (Deus), preocupado com o destino dos seus concidadãos; daí recolhe sua experiência, procurando nos pensadores a luz para guiar seus caminhos. Na verdade, trata-se de um filósofo que condiciona a teoria à prática e vice-versa.

Havel é um poeta que filosofa e um filósofo que poetisa. Como poeta capta os sinais do mundo, olha a vida nos seus aspectos mais íntimos, desvelando os recôncavos da alma humana. Seu olhar irônico penetra mundo adentro revelando a sua verdadeira face. Assim como Sócrates andava pelas praças, pelos palcos dos teatros, pelos bares e avenidas discutindo com a população. Sua filosofia está marcada pela vida comprometida com a justiça social. Neste sentido, a filosofia nasce com a poesia e a poesia dá o sentido do filosofar. Como os primeiros filósofos foram marcados pela admiração, pelo espanto, Havel também inaugura um tempo em que a filosofia se torna a alma do povo, o sentimento inaudito que inunda o ser.

Toda a filosofia produzida na Tchecoslováquia neste período, especialmente a de Vaclav Havel, insere-se no quadro da resistência política. O mundo da cultura em geral, tornou-se uma espécie de antídoto à manipulação social, nas suas palavras "lugar

de tomada de consciência social". A filosofia apareceu como busca do mistério mais profundo, como espaço de reflexão sobre temas metafísicos, como consoladora da alma aflita, como esperança de dias melhores, como forma de liberdade, fonte de inspiração para o combate, instrumento de resistência, colocando deste modo o sistema em cheque-mate, pois questionava a fundo revelando suas principais fissuras.

Este trabalho é pioneiro. Seu objeto material é literário filosófico e o formal ético filosófico. Nos esforçamos para proceder com rigor científico e a metodologia, expositiva, analítica e crítica serviu de caminho para o diálogo com o autor. É a primeira vez que se faz uma tese científica sobre Vaclav Havel. Creio que faz sentido estudá-lo por quatro razões: 1. por ser humanista, combatente, visionário de um mundo novo; 2. por sua importância como escritor, por sua obra filosófica ser rica de significados; 3. por ter combinado tão bem, em sua vida, a arte da maestria política e a do escritor; 4. por sua vida-obra ter adquirido um significado existencial político tão grande, para os cidadãos do seu país, num momento histórico tão relevante.

2. Sendo profundamente marcado pela experiência do seu país, Havel constrói uma filosofia baseada num olhar que ele chama "olhar dos de baixo". Trata-se da sua forma de ver o mundo, de captar o real, de experimentar a vida tal qual ela se deu. Esta forma de ser penetrou dentro de sua vida e influenciou toda a sua trajetória de filósofo e de militante. Este sentimento de compaixão pelos que sofrem, espelho maior da sua própria vida, fez com que Havel se sentisse solidário com os perseguidos e rompesse decisivamente com o regime comunista instaurado no seu país.

Seus primeiros escritos filosóficos em forma poética retratam este sentimento. A preocupação maior sempre foi com a qualidade da vida, com a liberdade, com o homem, com a mecanização da vida em sociedade. Este sentimento também influenciou sua dramaturgia. Ao lado de Jan Grossman, Havel descobriu o teatro como um instrumento vivo e concreto, ligado no tempo e no espaço de introspecção de uma sociedade, tornando-se um verdadeiro fenômeno social. Segundo Havel, a tarefa do teatro é perturbar interiormente, sacudir existencialmente os espectadores. Inspirado pelo "teatro do absurdo" captou o drama

social das pessoas que viviam robotizadas simplesmente cumprindo normas impostas por um poder autoritário.

O teatro do absurdo trás para dentro do palco a experiência da vida tal qual vivida no seu avesso. O avesso de um mundo sem coração, onde o homem se encontra perdido com sua personalidade desintegrada. A partir da vida cotidiana, dos acontecimentos mais banais, o teatro do absurdo procura captar o que "anda no ar" e, fazer as pessoas refletirem sobre isto, como se estivessem diante de um espelho. Olhando pra si mesmas descobrem a mediocridade, a insignificância, o grotesco, expressões de um mundo caracterizado pelo ridículo das relações sociais, o absurdo da vida. O teatro se apresenta, então, como lugar do engajamento da própria sociedade, que se descobre a si mesma, colocando em cheque-mate a sua própria existência.

O tema principal de suas peças é a Identidade Humana, que perpassa toda a sua ética. Percebendo que no seu país as pessoas vivem de uma forma infeliz, simplesmente repetindo rituais impostos pelo sistema, Havel constrói uma dramaturgia onde revela de forma nítida o avesso da sociedade, colocando no palco a vida tal qual era vivida sem falsificações. As peças analisadas na tese, "Audiência", "Vernissage" e "Petição", continuam as críticas aos mecanismos sociais de repressão, ao mesmo tempo que retrata a figura de um intelectual reprimido pelo sistema, justamente por seu compromisso com os mais fracos, realizando de forma concreta na sua solidariedade com os perseguidos.

Estas peças, foram escritas num período de marasmo social, onde todas as tentativas de liberdade e de vida eram profundamente reprimidas. Revelam um pensador sério, íntegro, responsável, que assume com a própria vida aquilo que afirma nos textos. Mais do que palavras, a arte neste caso assume a condição de um espaço de liberdade que não existia na sociedade e torna-se protagonista de transformações sociais. O teatro é portanto, um foco espiritual e social do seu tempo (aqui e agora) relaciona-se diretamente com a parcela da sociedade que assiste ao espetáculo e o reconhecem como o seu "habitat natural". Ele é a "alma coletiva" de um povo, está ligado com o espaço e o tempo e, se relaciona necessariamente com as estruturas de poder. Havel entende que a missão do dramaturgo, tal como ele pratica, não é de facilitar a vida do expectador, ao contrário, sua tarefa é mostrar

a realidade tal qual é, exigir ações concretas. Não é por acaso que alguns teóricos, comentando as transformações ocorridas na Tchecoslováquia em 1989, referem-se a uma "Revolução do Teatro".

Nesse sentido, a sua filosofia revelada na arte tem um endereçamento certo, ou seja, ela se dirige contra o poder e a favor da vida, fazendo com que o ser humano reprimido pelo sistema reencontre a sua identidade que foi roubada. Deste modo, ele cumpre a sua missão, pois sua tarefa como filósofo e escritor é de revelar as misérias deste mundo, fazendo com que o ser humano se encontre com ele mesmo.

3. Havel não é um cientista político ou um sociólogo, é um poeta e com este sentimento procura compreender a realidade na qual está vivendo. Com seu jeito profundo de olhar, entra na vida social, descobrindo seus efeitos maléficos sobre o ser humano. Neste momento sua filosofia adquire o caráter de crítica política em sentido existencial-personalista, pois, sua preocupação é com o cidadão na sua condição concreta de homem livre e criativo, de amante da natureza, de construtor da história.

Segundo Havel, o sistema comunista totalitário instaurado em seu país em 1948, revela-se como um poder anônimo, impessoal, dominado por um sujeito central que se diz portador da única verdade possível. Impõe-se através do medo, tendo como aparato de controle a polícia do Estado. Baseia-se numa ideologia forte que empurra os cidadãos para fora da vida social e política, transformando-os ao mesmo tempo em vítimas e cúmplices do sistema. Destrói os grupos e instituições que formam o tecido civil da sociedade. Sufoca a cultura e as manifestações livres da arte. Interessa-lhes somente a arte produzida nos seus espaços e ditadas por suas regras. Destrói o indivíduo na sua singularidade, na sua capacidade de fazer história participando de forma livre dos destinos do seu país. Padroniza a vida, banaliza as relações sociais, impõe um ritmo de vida sem sentido. Aos cidadãos cabe-lhes simplesmente cumprir ordens, obedecer ao ritual imposto.

Segundo o pensamento de Havel, um sistema assim só poderia levar as pessoas a uma crise, talvez a mais grave porque nivela por baixo, destrói os valores espirituais, expulsando do seu seio o Absoluto. Enfim, um sistema baseado na "Vida na Mentira" que espalha a morte como se fosse vida. Por isto, Havel condena o sistema na sua globalidade, pois destrói o ser humano nas suas

bases ontológicas, na sua possibilidade de realizar como humano que é. Deste modo, pode-se dizer que para Havel sair do comunismo é entrar na história, reencontrar-se com a própria vida na sua existência mais fundamental.

4. Por ser um filósofo comprometido, preocupado com os destinos do seu povo, Havel não pára na crítica ao sistema, pelo contrário, vislumbra sempre num sinal de esperança, porque para ele a esperança é uma dimensão do espírito. Nesse sentido, procura esboçar um caminho coerente de alternativa política. Um caminho de resistência possível dentro das condições da vida de então. Sua filosofia torna-se filosofia da ação, voltada para a práxis dos cidadãos, compreendendo uma ética de ação política. Com um pensamento extremamente realista, elabora uma proposta alternativa possível.

Se todo o sistema se baseia numa "vida na mentira", como postura existencial de colocar o indivíduo em função do sistema e não vice-versa, Havel entende que para superá-lo somente uma outra atitude existencial, no mesmo nível, poderia ter eficácia política, daí elabora o conceito de "vida na verdade", como alternativa política inspirada numa filosofia realista e prática alicerçada no cotidiano da vida. Mais do que uma teoria, ela transforma-se em ética, ou seja, em norma de vida para uma população descrente de tudo.

Embora já tenha aparecido na poesia e nas peças de teatro ao elaborar a teoria da "vida na verdade", ele apresenta de forma cabal os elementos de ética política. Se o sistema comunista se baseia na anulação do indivíduo como forma de manutenção, a "vida na verdade" se baseia justamente na afirmação do indivíduo como sujeito central, como pessoa fundamental e propõe uma atitude corajosa por parte de cada cidadão de recusa permanente a viver o ritual imposto pela "vida na mentira".

Mas o que é a "vida na verdade"? Havel explica este conceito, mostrando como, a partir de gestos concretos de recusa a seguir as regras sociais impostas, as pessoas podem fazer com que a verdade da sua vida prevaleça sobre a mentira do sistema. Desobedecendo às suas imposições que naturalmente são contrárias às leis da vida, as pessoas destroem o mundo da aparência na qual estão envolvidas e transformam em verdades sua própria ação. Nesse sentido, a "vida na verdade" contrapõe diretamente o

sistema pois representa o seu oposto, possuindo uma dimensão existencial e ética.

Segundo Havel, o poder político da "vida na verdade" reside no seu caráter invisível e onipresente, ou seja, na sua esfera secreta. Este espaço que está escondido penetra em todo o tecido social, desenvolve-se estabelecendo comunicação. O testemunho pessoal existencial dos cidadãos que desejam viver a verdade possui um poder através da força dos seus gestos, colocando constantemente o sistema em perigo. A exemplo dos primeiros filósofos que entendiam ser a virtude a qualidade nobre de um cidadão, Havel propõe a verdade como critério, norma de vida. Para Havel, a "Vida na Verdade" é uma força que adquire poder político na medida em que exige dos cidadãos uma nova postura diante do mundo, recusando explicitamente a continuar mantendo os laços que legitimam a "vida na mentira".

Para ilustrar o seu pensamento Havel, cita a "Carta de 77", mostrando que o sentido ético da carta aparece no seu sentimento de solidariedade a um grupo de rock que foi preso injustamente. O movimento em torno da carta representa o confronto entre duas concepções de vida, de um lado o poder com sua brutalidade estéril e de outro um grupo de jovens que simplesmente queria viver a vida e cantar a sua liberdade. O movimento de solidariedade criado em torno destes jovens se deu por um puro ato de amor, nasceu da idéia de fazer o bem pelo bem. Ela não tinha objetivos políticos maiores, muito menos visava à tomada do poder. Entretanto, foi a partir deste gesto banal do cotidiano que o sistema se viu profundamente abalado. A "vida na verdade" coloca o indivíduo como sujeito de suas ações, devolve-lhe a capacidade de participar da política, da cultura, da sociedade em geral.

A "vida na verdade" se desenvolveu no terreno especialmente do mundo da cultura, que se realizava na clandestinidade da sociedade, constituindo-se como "poder dos sem poder". Não podendo aparecer, criou-se uma imensa rede de contato de escritos, de poemas, e serviu como espaço de resistência e de criatividade. A maioria dos seus membros tornou-se dissidente, por sua posição de firmeza e de oposição ao regime.

Segundo Havel, a "vida na verdade" está relacionada com as teorias de Masaryk sobre as atividade em pequena escala,

ou seja, a atuação dos cidadãos em realizar pequenas ações que lentamente vão crescendo como um fermento na massa e com a concepção da "política anti-política", que para Havel seria uma forma mais humana de fazer política, uma política voltada mais para o cidadão, feita de modo responsável, uma política que se opunha radicalmente à perspectiva adotada pelo sistema.

Deste modo, a teoria da "vida na verdade" se apresenta como ética responsável que se enraíza no cotidiano das pessoas, levando-as a se oporem, com o seu testemunho, a toda forma de aniquilação do indivíduo e a toda forma de "vida na mentira". Deste modo, para Havel, o conflito fundamental se situa ao nível da "vida na mentira" e da "vida na verdade" como posturas existenciais que se relacionam antagonicamente.

Como consequência da "vida na verdade", Havel propõe uma "revolução existencial", exigindo a transformação de todos os valores como condição para transformar radicalmente a vida em sociedade. Deste modo, Havel condiciona a política a uma ética social norteada nos valores do bem, do amor, do respeito, da fraternidade e da justiça para que volte a ser arte nobre de cidadãos respeitáveis. Segundo o nosso entender, a concretização da "vida na verdade" se deu no ano de 1989, quando Vaclav Havel foi destinado para o cargo de Presidente do País.

5. Mas foi na prisão, sob condições indignas, que Havel se colocou a questão do Absoluto de forma radical. E o colocou como interrogação, como pergunta, como dúvida, como busca. Mesmo vivendo sob um regime que procurava de todos os meios extirpar este sentimento, Havel não se abateu. Com seu jeito tímido e discreto, não se dobrou perante os algozes do ditador e escreveu na clandestinidade as cartas mais bonitas de sua vida. Espelho de um mundo sem coração, procurou no interior de si, no recolhimento de uma solitária, o sentido da vida e o descobriu como responsabilidade perante o mundo, espelhado na experiência fundamental da descoberta do Absoluto.

Segundo Havel, quando o ser se perde no mundo, não encontrando o sentido para o qual foi destinado, entra em crise, construindo uma sociedade sem razão e sem sentido. Por isso, em muitas passagens Havel retrata a situação existencial do homem moderno que se perdeu, que se alienou, que fugiu do pensamento original do Criador. Para Havel, a experiência do Absoluto, tira o

homem do seu sentido absurdo e projeta-o perante a vida, como um sujeito que assume a sua condição de ser separado e enraizado no mundo.

A "revolução existencial" se consuma com a experiência do Absoluto, devolvendo ao homem a sua responsabilidade perante si mesmo, perante o outro, perante a natureza e perante Deus. Elabora, a partir daí, uma ética da responsabilidade que atinge o cidadão nos aspectos mais íntimos e cotidianos. A vida reencontra seu sentido, na sua dimensão ontológica, colocando deste modo as estruturas básicas do sistema em cheque-mate. Assim, a filosofia de Havel atinge o ser na sua profundidade, revelando a verdadeira face do Absoluto, fundamento último de toda realidade. Libertado das prisões deste mundo, das ideologias e falsidades, a filosofia de Havel educa para a responsabilidade perante sua separação e a busca de realização do ser originário. Daí a sua humana filosofia como consoladora da alma aflita. A educação da alma para a eternidade no qual a filosofia conduz, nos liberta das ideologias do mundo, das visões falsas e nos conduz a única verdade, que somente Deus pode revelar de forma perene e profunda, tornando os seres humanos completamente livres.

6. Neste sentido, a filosofia de Havel assume a condição de serva, de sabedoria, de forma de resistência, de companhia, de luz, de guia, de senhora da verdade, consoladora da alma aflita, tornando-se nas palavras de Sidonius em "ortus philosophiae", porque está na origem do ser e colocou o homem no seu lugar, no lugar destinado pelo Criador. Havel constrói uma filosofia "a partir do mundo e para o mundo", está voltada à ação sobre a sociedade e sobre ela exerce uma influência decisiva. Uma filosofia aprendida no cotidiano da vida, a partir das lutas contra um mundo indócil. Uma filosofia clandestina, silenciosa, que aprendeu a tecer a si mesma com a mesma raiva com que era perseguida. Uma filosofia que está associada a uma cultura, que ficou conhecida como a "cultura dos sem poder", que por sua influência política levou seu mentor ao poder central. Uma filosofia que representa uma experiência e não simplesmente uma especulação qualquer. Uma filosofia que penetrou dentro da vida, causando pânico nos detentores do poder e fez pagar com a própria vida aqueles que dela deram seu testemunho.

Havel nunca estudou filosofia numa academia, segundo Mário Soares, formou-se na escola da vida, e foi aí no silêncio da noite impassível que fez da filosofia sua amiga, sua arma, seu escudo, sua arte maior.

Quero que esta tese seja uma homenagem aos artistas que pela sua irreverência, ousadia e coragem foram silenciados pela força da lei de alguns ou pelo poder da metralhadora. A todos estes a minha gratidão e sincero respeito.

BIBLIOGRAFIA

* Os textos de Havel e os indicados na Bibliografia Geral foram colocados segundo a versão que possuímos e utilizamos para a realização desta pesquisa.

I - Obras de Václav Havel.

1) Poesia

Havel, V., Antikódy (Poesie Tipografiche), (1966)

2) Escritos Políticos

- _____ HAVEL, V., L'anatomia du "Gag", (1963).
- _____ Sulla Metafisica Dialettica, (1964).
- _____ On Evasive Thinking, (1965).
- _____ Le Destin Tchèque? (1968).
- _____ Circolo Vizioso (1969).
- _____ Carta a A. Dubcék, (1969)
- _____ Lettre ouvert á Gustav Husak, (1975).
- _____ Second Wind, (1976).
- _____ On The Theme of an Opposition, (1976).
- _____ Le Pouvoir des sans-pouvoir, (1978).
- _____ Article 202, (1978).
- _____ Article 203 (1978).

- Havel, V., *Antikódy* (Poesie Tipografiche), (1966)
- _____ Reports on My House Arrest, (1979).
- _____ Dell'entropia in Politica, (1980).
- _____ I Take the side of Truth, (1983).
- _____ Letters to Olga, (1983).
- _____ La Responsabilité en tant que destin, (1983).
- _____ La Politique et la conscience, (1984).
- _____ Six Remarques á propos de la Culture, (1984).
- _____ Thriller, (1984).
- _____ L'anatomie d'une réticence, (1985).
- _____ Radok today, (1986).
- _____ Meeting Gorbachev, (1987).
- _____ The Power of Folly, (1987).
- _____ Farce, Reformability, and the Future of the World, (1987).
- _____ Last Conversation, (1987).
- _____ Histoires et "Totalitarisme", (1987)
- _____ Thinking About František K. (1988).
- _____ Neglected Generation, (1988).
- _____ Face aux juges, (1988).
- _____ Interrogatoire á distance, Paris, (1989).
- _____ Una Hora entre el Fracasado y el Politico, (1989).
- _____ Testing Ground, (1989).
- _____ Quelques mots sur la parole, (1989).
- _____ The Future of Central Europe, (1990).
- _____ Meditazione Estive, (1991).
- _____ L'amour et la vérité doivent triompher de la haine et du mensonge, (1990).

3) Peças de Teatro.

HAVEL, V., Um Serão em Família, (1956).

_____ O Auto-Stop, (1961).

_____ Os Melhores Rocks da Senhora Hermanová,
(1962).

_____ Festa no Jardim, (1963).

_____ Memorandum, New York (1967)

_____ Borboleta sobre a Antena (1965).

_____ O Aviso, (1965).

_____ O Anjo da Guarda, (1966).

_____ The Increased Difficulty of Concentration, Lon-
don (1968).

_____ A Grande Roda, (1972).

_____ A Opera dos Quatro Vintens (1972).

_____ I Cospiratori, (1977).

_____ Albergo di Montagna, (1977).

_____ L'Opera dello Straccione, (1977).

_____ Audience, (1975).

_____ Vernissage, (1976).

_____ Pétition, (1979).

_____ Largo Desolato, Paris, (1984).

_____ As Tentações, (1985).

_____ Le Grande Roue, Paris, (1987).

_____ La Faute, Paris, (1990).

II - BIBLIOGRAFIA GERAL

ABEL, E., The Shattered Bloc. Behind the Upheaval in Eastern
Europe, Boston, 1990.

ADORNO, T. W., Negative Dialektk, Franklurt, 1966.

- ADORNO, T. e HORKHEIMER, M., *Dialética do Esclarecimento*, Rio de Janeiro, 1985.
- AGUSTIN, S., *Las Confessiones*, Madrid, 1974.
- ALVES, C., *Antologia Poética*, Rio de Janeiro, 1971.
- ALBROW, M., *La Burocrazia*, Bologna, 1973.
- AMSLER, S., *Les Actes des Prophetes*, Genève, 1985.
- ANDERSON, B., *Imagined Communities*, London, 1983.
- ARENDT, H., *Le Origini del Totalitarismo*, Milano, 1966.
- _____ , *Politica e Mensogna*, Milano, 1985.
- _____ , *Entre o Passado e o Futuro*, S. Paulo, 1972.
- ARISTOTELE, *Opere*, Roma, 1973.
- ARON, R., *Démocratie et Totalitarisme*, Paris, 1965.
- ASCHERSON, N., "Rising in the East", in MT, (1989): 8-11.
- ASH, T. G., *The Magic Lanter*, New York, 1990.
- _____ , *We are the People: The Revolution of 89*, Cambridge, 1990.
- _____ , *Does Central Europe Exist? The Uses of Adversity*, New York, 1989.
- AUGUSTO, E., *A Vida Alheia*, Rio de Janeiro, 1970.
- BARTH, H., *Wahrheit und Ideologie*, Stuttgart, 1945.
- _____ , *Verità e Ideologia*, Bologna, 1971.
- BARRACLOUGH, G., "The Budapest Roundtable". *Cross Currents: A Yearbook of Central European Culture*, 10 (1991): 17-30.
- BATAGLIA, F., *Il Valore nella Storia*, Bologna, 1969.
- BELOHRADSKY, V., "Fenomenologia come filosofia della cultura (Analisi della misurazione)", in *Giornale di Metafisica*, 5-6 (1973): 417:441.
- _____ , "Modello Strutturale del Totalitarismo", in *L'est*, 2(1972): 107-139.

- _____ , "Letteratura come critica della banalità del male", in *Studie*, 56 (1978): 44-67.
- _____ , *Rivoluzione e Burocrazia*, Roma, 1979.
- _____ , *Il Mondo della vita: um problema politico, l'eredità europea nel dissenso e in charta 77*, Milano, 1981.
- BENDA, V., *Lettere dal Carcere*, Bologna, 1981.
- BENN, D. W., *From Glasnost to Freedom of Speech: Russian Openness and International Relations*, New York, 1992.
- BENTELEY, E., *The Theatre of Commitment*, New York, 1967.
- BERDJAEV, N., *The Origin of Russian Communism*, New York, 1937.
- BERLINCK, M. T., *Centro Popular de Cultura - CPC/UNE-*, S. Paulo, 1984.
- BERMEO, N. (Org.), *Liberalization and Democratization. Chance in the Soviet Union and Eastern Europe*, Baltimore and London, 1992.
- BERDJAEV, N., *Il Senso della Storia*, Milano, 1971.
- BERTONI, F., *Intervista a Edward Goldstucker*, Roma, 1981.
- BESANÇON, M., *Breve trattato di sovietologia*, Milano, 1976.
- BIANCHINI, S. (Ed.), *Per Una Critica del Socialismo Reale*, Milano, 1981.
- BOBBIO, N. e MATTEUCCI N., *Dizionario di Politica*, Torino, 1976.
- BOBBIO, N., *Estado, Governo, Sociedade*, S. Paulo, 1988.
- _____ , *La teoria delle forme di governo nella storia del pensiero politico*, Torino, 1976.
- BOFF, C., *Teologia e Prática*, Petrópolis, 1978.
- BOEHNER, P. e GILSON, E., *História da Filosofia Cristã*, Petrópolis, 1991.
- BOFFITO, C. e FOA, L. (orgs.), *La Crisi del Modelo Sovietico in Cecoslováchia*, Torino, 1970.

- BONNOURE, P., *Histoire de la Tchécoslovaquie*, Paris, 1968.
- BRADLEY, F. H., *Apparenza e Realtá*, Milano, 1984.
- BRADLEY, J. N., *Politics in Czechoslovakia, 1945-1971*, Washington, 1981.
- BRECHT, B., *Scritti Sulla Letteratura e sull'arte*, Torino, 1973.
- BRÉHIER, É., *Historia da Filosofia*, S. Paulo, 1977.
- BREMOND, A., "La Politique de Socrate", in *Archives de Philosophie*, IX (1932): 3-10.
- BRINTON, W. M. e RINZLER, A. (Eds.), *Whithout Force or lies*, San Francisco, 1990.
- BROCH, H., *Poesia e conoscenza*, Milano, 1965.
- _____ , *Dichten und Erkennen*, Zürich, 1955.
- _____ , *Azione e conoscenza*, Milano, 1966.
- _____ , *L'incognita*, Milano, 1966.
- _____ , *I sonnambuli*, Torino, 1960.
- BROCHARD, V., "L'Ouvre de Socrate", in *Anée Philosophique*, XII, 1901.
- BRODSKY, J., "Why Milan Kundera is Wrong about Dostoevsky", in *Cross Current: A Yearbook of Central European Culture*, 5 (1986): 477-483.
- BROOK, P., *L'Espace vide. Écrits sur le théâtre*, Paris, 1977.
- BROUÉ, P., *Ecrits á Prague sous la Censure*, Paris, 1969.
- BRUSTEIN, R., *The Theatre of Revolt*, New York, 1971.
- BRUNET-LACAZE, J. M., "La Charte 77 et le Droits del l'homme en Tchécoslovaquie" in *Istima*, 2 (1977): 116.
- BRUNSCHUNG, L., "Le Progrés de la Conscience dans la Philosophie Occidentale", Paris, 1928.
- BRZEZINSKI, Z., *The Grand Failure. The Bird and Death of Communism in the Twentieth Century*, New York, 1989.

- BUSI, A. A., *Introdução ao Pensar*, Petrópolis, 1977.
- BUBER, M., *Ich und Du*, Heidelberg, 1966.
- CHIROT, D., (org.), *The Origin of Backwardness in Eastern Europe*, California, 1989.
- CAMUS, A., *O Mito de Sísifo*, S. Paulo, 1977.
- _____ , *Essais*, Paris, 1965.
- CANDIDO, A., *Literatura e Sociedade*, S. Paulo, 1976.
- CANETTI, E., *Auto da fé*, Milano, 1967.
- _____ , *Massa e potere*, Milano, 1972.
- _____ , *Potere e sopravvivenza*, Milano, 1974.
- CARNAP, R., *Introduction to Semantics and Formalisation of Logic*, Harvard University Press, 1961.
- CARR, E. H., *History of Soviet Russia*, London, 1964.
- CAREN-HUNT, R. N., *The Theory and Practice of Comunism*, London, 1951.
- CASSIRER, E., *Il mito dello stato*, Milano, 1970.
- CATALUCCIO, M. F. e GORI, F. (Org.), *La Primavera de Praga*, Milano, 1990.
- CHAMIE, M., *Instauração e Práxis*, S. Paulo, 1974.
- CHAUÍ, M. (Org.), *Primeira Filosofia*, S. Paulo, 1987.
- _____ , *O que é Ideologia*, S. Paulo, 1988.
- CHOMSKY, N., *Intervista su Linguaggio e Ideologia*, Roma-Bari, 1977.
- COHEN, S. F., *An End to Silence: Uncensored Opinion in the Soviet union*, New York, 1982.
- CLAIR, A., *Ethique et Humanisme*, Paris, 1989.
- CONCETTI, G. (Org.), *Cristo Redentore dell'uomo - Centro del Cosmo e della Storia*, Milano, 1980.

- CONFERÊNCIA Nacional dos Bispos do Brasil, "Ética Pessoa e Sociedade", in Sedoc, 26 (1993): 41-74.
- COPFERMANN, E., *La Mise en Crise théâtrale*, Paris, 1972.
- CORVIN, M., *Le Théâtre nouveau á l'étranger*, Paris, 1964.
- COSTA NETO, L., *Hegemonia e Política de Estado*, Petrópolis, 1988.
- CROCE, B., *La storie come pensiero e come azione*, Bari, 1954.
- CROZIER, M., *Il fenomeno burocrativo*, Milano, 1969.
- CURRY, J. L., *Dissent in Eastern Europe*, New York, 1983.
- CURTIUS, E. R., *European Literature and the Latin Middle Ages*, Princepton University Press, 1973.
- DAHRENDORF, R., *Refletions on The Revolution in Europe*, London, 1990.
- DAIX, P., *Prague au Coeur*, Paris, 1968.
- DANIÉLOU, J., *Saggio sul misterio della storia*, Bréscia, 1963.
- DANTAS, P., "Uma Festa de Cultura Popular", in *Revista Brasiliense*, 44 (1962): 33-35.
- DAWISHA, K., *Eastern Europe, Gorbachev and Reform. The Great Challenge*, Cambrige, 1990.
- DE MELLO, H. B., *A Cultura do Simulacro*, S. Paulo, 1988.
- DENITCH, G., *The End of the Gold War. European unity, Socialism and the Shift in Global Power*, Minneapolis, 1990.
- DE BRITO, A. C., *A Palavra Cerzida*, Rio de Janeiro, 1967.
- DORSO, G., *Dittadura, Classe Política e Classe Dirigente*, Roma, 1986.
- DORT, B., *Théâtre public. Essais de critique*, Paris, 1967.
- DRAWIN, C. R., "História Interdita (a propósito do "fim" do Socialismo)", in *Perspectiva Teológica*, 22 (1990): 363-372.

- DREIFUS, R. A., 1964: *A Conquista do Estado*, Petrópolis, 1981.
- DUBCEK, A., *Il Nuovo Corso in Cecoslovacchia*, Roma, 1968.
- DUVIGNAUD, J. e LAGGOUTTE, J., *Le Théâtre contemporain. Culture et contre-culture*, Paris, 1974.
- DUSAN, H., *Gli Scrittori e il Potere*, Roma, 1970.
- DUVIGNAUD, J., "Théâtre Occidental", in *Encyclopaedia Universalis*, 17 (1985): 1083-1086.
- DUVIGNAUD, J., *Sociologie du Théâtre. Essai sur les ombres collectives*, Paris, 1965.
- ECHIKSON, W., *Lighting the Night - Revolution in Eastern Europe*, London, 1990.
- EIGENMANN, U., *Politische Praxis des Glaubens - Dom Hélder Câmara's Weg zum Anwalt der Armen und seine Reden an die Reichen*, Freiburg (Schweiz) Munster, 1984.
- EISENSTEIN, E. L., *The Printing Press as an Agent of Change*, Cambridge, 1979.
- ELLIGER, K., *Prophet und Politik*, ZAW 53 (1935): 3-22.
- ELLACURIA, I., *Filosofia en la realidad histórica*, Madrid, 1991.
- ERRERA, R., "Vaclav Havel, Une Morale de la Liberté", in *Études* 372\3 (1990): 293-299.
- ESTEVAN, C., *A Questão da Cultura Popular*, Rio de Janeiro, 1963.
- ESSLIN, M., *The Theatre of the Absurd*, New York, 1961.
- FALLACI, O., *Intervista con la Storia*, Milano, 1988.
- FAYE, J. P., *Théorie du Récit. Introduction aux Langages Totalitaires*, Paris, 1972.
- FELDBRUGGE, F. J. M., *Soviet Dissent: Contemporary Movements for National, Religious and Human Rights*, Middletown, 1985.
- FIDELIUS, P., *Popolo, Democracia, Socialismo*, Bologna, 1981.
- _____ , *L'Esprit Post-Totalitaire*, Paris, 1986.

- FINKIELKRAUT, A., "Milan Kundera Interview". *Cross Currents: A Yearbook of Central European Culture*, 1 (1982): 15-29.
- FINLEY, M., *Os Antigos Gregos*, S. Paulo, 1968.
- FISICHELLA, D., *Totalitarismo: Un Regime de Nostro Tempo*, Roma, 1987.
- _____ , *Anilisi del Totalitarismo*, Messina-Firenze, 1978.
- FORESTO, A., *La Trufa dei Koltroz e la Libertá nella Educazione Comunista in Cecoslovaquia*, Roma, 1977.
- FOUCAULT, M., *Microffsica do Poder*, S. Paulo, 1978.
- _____ , *Naissance de la clinique. Une archéologie du regard médical*, Paris, 1963.
- _____ , *Les mots et les choses*, Paris, 1966.
- _____ , *Surveiller et punir. Naissance de la prison*, Paris, 1975.
- FRANÇOIS, F., *Il Colpo di Stato di Praga - 1948 -*, Milano, 1977.
- FRANZHLAVAC, V., *Das Ende der Eiszeit: Von Michail Gorbatschow zu Vaclav Havel*, Wien, 1990.
- FRANKLAND, M. *The Patriots Revolution: How East Europe Won its Freedom*, London, 1990.
- FREIRE, R. e BRITO, F., *Utopia e Paixão*, Rio de Janeiro, 1986.
- FROM, E., *Avere ou Essere*, Milano, 1977.
- GADAMER, H. G., *Veritá e metodo*, Milano, 1972.
- GARGANI, A., "Scienza e senso comune", in *Scientia*, 5-8 (1978): 391-406.
- GAT, G., *The Bloc That Failed. Soviet. East European Relations in Transition*, Indianapolis, 1990.
- GEIGER, T., *Ideologie und Wahrheit: Eine Soziologische Kritik des Glaubens*, Stoccarda e Vienna, 1953.
- GERNET, L., *Antropologie de la Gréce Antique*, Paris, 1976.

- GLENNY, M., *The Rebirth of History. Eastern Europe in the Age of Democracy*, London, 1990.
- GOETZ-STANKIEWICZ, M., "Five Czech Novels of the Seventies", in *Acta* 1.3-4 (1987): 2-8.
- _____, *The Silenced Theatre. Czech Playwrights without a Stage*, Toronto, 1979.
- _____, (Org.), *Good-bye Samizdat: Twenty Years of Czechoslovak Underground Writing*. Evanston, 1992.
- _____, (Org.), *The Vanek Plays: Five Authors One Character*, Vancouver, 1987.
- _____, (Org.), *Drama Contemporary: Czechoslovakia*, New York, 1985.
- _____, "The Theatre of the Absurd in Czechoslovakia", *Survey* 94-95 (1975): 85-100.
- _____, "Vaclav Havel: A Writer for Today's Season". *World Literature Today* 55.3 (1981): 388-393.
- GOFFMAN, E., *La mise en scène de la vie quotidienne*, Paris, 1973
- GRIFFITH, W., *Central and Eastern Europe: The Opening Curtain?*, San Francisco and London, 1989.
- GLUCKSMAN, A., *Sortir du Communisme, c'est rentrer dans l'histoire*, Paris, 1989.
- _____, *Silenzio si Uccide*, Milano, 1987.
- _____, *Les maitres penseurs*, Paris, 1977.
- GODFERDER, S., *A Primavera de Praga*, S. Paulo, 1981.
- GORBACIOV, M., *Perestrojka - Il Nuovo Pensiero per il Nostro Paese e per il Mondo-*, Roma, 1987.
- GORDON, H. S., *Samzdat and an Independent Society in Central and Eastern Europe*, Columbus, 1989.
- GRAMSCI, A., *La Formazione dell'Uomo*, Roma, 1974.
- _____, *Letteratura e Vita Nazionale*, Roma, 1975.

- GRUSA, J. (org.), *Stunde namens Hoffnung, Almanach Tschechischer Literatur 1968-1978*, Lucerne, 1978.
- GUENZANI, C., (Org.), *Václav Havel, Dissenso Culturale e politico in cecoslovacchia, per una decifrazione teatrale del codice di potere*, Venezia, 1977.
- GUITTON, J., *Histoire et Destinée*, Paris, 1970.
- GULLAR, F., *Cultura Posta em Questão*, Rio de Janeiro, 1965.
- , *Vanguarda e Desenvolvimento*, Rio de Janeiro, 1969.
- GUTIERREZ, G., *Teologia de la Liberation - Perspectivas-*, 1978.
- GRUSA, J., *Prière pour une Ville*, Paris, 1981.
- GWETZMAN, B. e MICHAEL, T. K., *The Collapse of Communism*, New York, 1990.
- HABERMAS, J., *Teoria e prassi nella società tecnologica*, Bari, 1969.
- HÁJEK, J., *Dix ans Après, Prague, 1968-1978*, Paris, 1978.
- , *The Counter-revolution of Science: studies on the Abuse of Reason*, The Free Press of Glencoe, 1952.
- , *The Constitution of Liberty*, The University of Chicago Press, 1960.
- KALIK, T., "The Church and Society in Czechoslovakia: The Evangelization of a Post-Communist Country" in *Religion in Communist Lands*, 19, n-1-2 (1991):53-57.
- HARABIK-SAMAL, M., "Religion in Central Europe", *Cross Currents*, V, (1986):46-51.
- HANKES, N., *Tearing down the Curtain. The People's Revolution in Eastern Europe by a team from the Observer*, London, Sydney, Auckland and Toronto, 1990.
- HEGEL, G. W. F., *Leçons sur l'Histoire de la Philosophie*, Paris, 1954.

- HERMET, G., (org.), *Le Totalitarisme*, Paris, 1984.
- HIRSCH, H., "Unabhängiges Publikationswesen in Polen - 1976 - 1983 -", in *Osteuropa*, 7 (1984):33-39.
- HOBBS, T., *Leviatã*, S. Paulo, 1973.
- HOENSCH, J., *Geschichte der Tschechoslovakischen Republik (1918-1965)*, Stuttgart, 1966.
- HORKHEIMER, M., *Traditionelle und Kritische Theorie*, Frankfurt am Main, 1981.
- HRADAL, B., *Una solitud massa sorollosa*, Barcelona, 1989.
- _____ , *Yo que he servido al rey de Inglaterra*, Barcelona, 1989.
- HUSSERL, E., *La crisi delle scienze europee e la fenomenologia trascendentale*, Milano, 1965.
- HUSA, V., *Geschichte der Tschechoslowakei*, Praque, 1962.
- HUTCHINGS, R. L., *Soviet-East European Relations: Consolidation et Conflit*, University of Wisconsin Press, 1983.
- HVIZDALA, K., *La Vita Quotidiana nel Socialismo Reale - Rapporto per la prossima generazione sulla liquidazione del popolo céco -*, Bologna, 1980.
- IGGERS, G. G., *The Cult of Authority*, New York, 1958.
- IOANNES PAULUS PP. II, *Litteras Encyclicae Dives in Misericordia*, 1979.
- JACQUART, E. C., *Le Thèâtre de la dérision*, Paris, 1974.
- JAKUB, T., *In Defesa della politica*, Bologna, 1981.
- JOÃO DA CRUZ, S., *Obras Completas*, Petrópolis, 1991.
- JOSEF, K., *Il Corpo e L'uniforme*, appunti per una civiltá mitteleurope, Bologna, 1981.
- JOUVENEL, B., *Il Potere*, Milano, 1947.
- KAHOUT, P., *La Verduga*, Madri, 1979.

- _____ , L'exécutrive, Paris, 1980.
- KANT, E., Textos Seletos, Petrópolis, 1975.
- KAPLAN, K., Proces Politiques a Prague, Paris, 1978.
- _____ , The Short March, The Communist Takeover in Czechoslovakia, 1945-1948, London, 1987.
- _____ , Dans les Archives du Comité Central, 30 ans de Secrets du Bloc Soviétique, Paris, 1978.
- KAVAN, K., Freedom at a Price, Thetford Noufolk, 1985.
- KEANE, J., (Org.), The Power of the Powerless - Citizens against the state in central eastern Europe, New York, 1985.
- _____ , Democracy and civil society, New York, 1988.
- _____ , The media and Demoracy, Cambridge, 1991.
- KERNODLE, G., From Art to Theater, Chicago, 1949.
- KONRAD, G., e SZELENYI, I., The Intellectuals on the Road to Class Power, New York and London, 1979.
- KONRÁD, G., Antipolitics, San Diego, New York, London, 1984.
- KORBEL, J., The Communist Subversion of Czechoslovachia, 1938-1948, Princeton, 1959.
- KOYRÉ, A., Dal momento del pressappoco all'universo della precisione, Torino, 1967.
- KRAUS, H. J., Prophetie un Politik, Munich, 1952.
- KRAUS, K., Detti e contradetti, Milano, 1977.
- KRISEOVÁ, E., Dichter und Prásident - Die Autorisiert Biografie, Berlim, 1991.
- KUHN, T., Struttura delle rivoluzioni scientifiche, Torino, 1969.
- KUNDERA, M., "The Lisbon Conference on Literature". Cross Currents: A Yearbook of Central European Culture, 9(1990): 75-124.

- KUSIN, W., From Dubcek to Charter 77, Czechoslovakia 1968 - 1978, Edinburgh, 1978;
- _____ , Political Grouping in the Czechoslovak Reform movement, London, 1972.
- LA BOÉTIE, E., Discurso da Servidão Voluntária, S. Paulo, 1982.
- LALOY, J., "Staline et Stalinisme", in Encyclopaedia Universalis, 17 (1985): 149-152.
- LA SENNE, R., Traité de Moral e Générale, Paris, 1949.
- LEBRUN, G., O que é Poder, S. Paulo, 1984.
- LEDERER, J., Tschechische Gespräche. Schriftsteller geben Antwort, Reinbek: Rowohlt Verlag, 1979.
- LEGENDRE, P., L'amour de censeur, Paris, 1974.
- _____ , Jouis du pouvoir. Traité de la burocratie patriote, Paris, 1976.
- LEUCHTENBURG, W., O Século Inacabado, Rio de Janeiro, 1976.
- LEVESQUE, L., Le parti Comuniste Italien, L'URSS et l'ordre international: Le cheminement du PCI depuis 1975, Berkeley, octobre 1986 (Dattiloscritto).
- LÉVINAS, E., Entre nous - Essais sur le penser-à-l'autre - Paris, 1991.
- _____ , Totalité et infini - Essais sur L'Extériorité, Paris, 1971.
- _____ , Humanisme de L'Autre Homme, Paris, 1972.
- LIEHM, A. J., The Politics of Culture, New York, 1968.
- LIVORSI, F., Utopia e Totalitarismo, Torino, 1979.
- LOCKE, J., Second Treatise of Government, Oxford, 1946.
- LOMAX, B., "Samizdar under Seige", in Labor Focus on Eastern Europe, 6 (1983): 29-31.
- _____ , "Harassment of Opposition Intensifies", in Labor Focus on Eastern Europe, 7 (1984): 26-28.

- LONGO, L., *Sui Fatti di Cecoslováquia*, Roma, 1968.
- LOWITH, K., *El sentido de la Historia*, Madrid, 1973.
- MÁDR, O., "The Struggle of The Czech Church: What we can Learn From a Theological Analysis", in *Religion in Communist Lands*, 19 (1991): 45-57.
- MANNHEIM, K., *Ideologie und Utopie*, Bonn, 1929.
- MARCUS, E. H., *One-dimensional man*, Boston, 1964.
- , *Eros y Civilización*, México, 1965.
- , *Essays on Liberation*, Boston, 1969.
- , *La Sociedad Carnívora*, Argentina, 1970.
- MARINIS, M., "Teatro Político: Progetto e Utopia", in *Biblioteca Teatrale*, 9 (1974): 164-180.
- MARTINET, G., *Les Cinq Communismes*, Paris, 1971.
- MEADONS, H. D., *Groping in the Dark: the first Decade of Global Modelling*, New York, 1982.
- MERLEAU-PONTY, M., *Signes*, Paris, 1960.
- MERTON, R. K., *Teoria e struttura sociale*, Bologna, 1971.
- MIANOWICZ, T., "Unofficial Publishing Lives on", in *Index Censorship*, 12 (1983): 24-25.
- MINK, G., "L'U. R. S. S. et L'Europe de L'Est: rapports de domination et forces centrifuges", in *Encyclopaedia Universalis*, 17 (1985): 883-893.
- MILLET, R., *Socrate et la Pensée Moderne*, Paris, 1920.
- MILLER, L., PETERSEN, K., (Orgs.) *Literature and Politics in Central Europe: studies in honour of Markéta Goetz-Stankiewicz*, Columbia, 1993.
- MILOVAN, G., *Una Analise del Sistema Comunista*, Bologna, 1957.
- MIRANDA, M. F., *Libertados para a Práxis da Justiça*, S. Paulo, 1986.

- MLYNÁR, Z., "Crises in Soviet Type Systems", in Study 9 (1985): 52-53.
- _____ , Il Progetto Gorbaciov, Roma, 1987.
- MONDIN, B., Introdução á Filosofia, S. Paulo, 1983.
- MOARAWS, K., "Un fenomeno Complesso - Gli Intellettuali Protagonisti della Svolta a Est", in Il Mensageiro, 2-10-1990, p.4.
- MONNEROT, J., Sociologie du Communisme, Paris, 1949.
- MONTALBANO, G., Critica al Comunismo, Roma, 1987.
- MOREIRA ALVES, M. H., Estado e Oposição no Brasil (1964-1984), Petrópolis, 1985.
- MORIN, E., Autocritica. Una Domanda sul Comunismo, Bologna, 1962.
- _____ , Introduction á une Politique de l'homme, Paris, 1965.
- _____ , Cultura de Massas no Século XX, S. Paulo, 1967.
- MOSSE, L., The Nationalization of the Masses, New York, 1974.
- MULLER, J., Voices of czechoslovak socialists, Whitstable, 1976.
- NAESS, A., Ecology, Community and Lifestyle", Cambrige, 1989.
- NEUBAUER, Z., "Il Camino della Filosofia - La Rivelazione dell'essere nel simbolo -", in CSEO autprints, 6 (1980): 34-71.
- NEVERS, R., The Soviet Union and Eastern Europe: The end of an Era, London, 1990.
- NICHTA, A., e PRIZEI, I., Postcomunist Eastern Europe: Crisis and Reform, New York, 1992.
- NOZICK, R., State and Utopia, New York, 1974.
- OCCHETTO, A., L'indimenticabile 89, Roma, 1990.
- OPOCHER, E., LEZIONE SUL Totalitarismo, Padova, 1974.

- ORWEL, G., *A Revolução dos Bichos*, Rio de Janeiro, 1970.
- _____, 1984, Rio de Janeiro, 1973.
- OXLEY, A., *Czechoslovakia The Party and the People*, New York, 1973.
- PALOUS, M., "L'amico di Famiglia e l'uomo ridicolo - Riflessioni sulla Filosofia contemporanea-", in *CSEO autprints*, 6 (1980): 3-33.
- PALOUS, R., "La Metafora della Luce - Pagine scelte di uno studio sulla conversione -", in *CSEO autprints*, 6 (1980): 72-96.
- PAOLI, A., *A Raíz do Homem*, S. Paulo, 1977.
- PASTOR, F. A., *A Lógica do Inefável*, S. Paulo, 1989.
- _____, "A Emancipação histórica e reflexão teológica. Considerações sobre a "Teologia da Libertação" in *Perspectiva Teológica* 20 (1978): 7-29.
- _____, *O Reino e a Historia. Problemas teóricos de uma Teologia da Práxis*, S. Paulo, 1982.
- _____, "Deus e a Práxis. Consenso Eclesial e debate teológico no Brasil" in *Perspectiva Teológica* 42 (1985): 179-200.
- _____, "Gnose Marxista e Teoria Cristã. Análise da instrução Romana sobre a Teologia da Libertação" in *Perspectiva Teológica* 41 (1985): 77-86.
- PASSERIN D'ENTRÉVES, A., *La Dottrina dello stato*, Torino, 1976.
- PATOCKA, J., *Essais Herétiques - sur la philosophie de l'histoire*, Paris, 1981.
- _____, *Qu'est-ce que la phénoménologie?*, Grenoble, 1988.
- _____, *La Crise du sens*, Bruxelles. 1986.
- PELIKAN, J., *Il Fuoco di Praga - Per un Socialismo Reale -*, Milano, 1978.

- _____ , Partito Comunista Cecoslovaco, Milano, 1970.
- _____ , Ici Pragué, Paris, 1973.
- _____ , The Czechoslovak Political Trials, 1950-1954, California, 1971.
- PELLICANI, L., Gramsci e la questione comunista, Firenze, 1976.
- _____ , I Rivoluzionari di professione, Firenze, 1975.
- PESKA, V., "Tchéque Littérature", in Encyclopaedia Universalis, 17 (1985): 747-749.
- PLATONE, Opere, Roma, 1974.
- POGGELER, O., El camino del pensar de Martin Heidegger, Madrid, 1986.
- POLIN, C., Il Totalitarismo, Roma, 1984.
- POLIN, P., "Le Pouvoir de la Philosophie", in Institut Catholique de Paris, 3 (1978): 135-173.
- POSSET, J., Tschechische Samizdat-Periodika 1968-1988. University of Vienna, 1990.
- PRÉCAN, V. (org.), Die Sieben Jare von Prag, 1969-1976, Frankfurt am main, 1978.
- _____ , (Org.), Acta Creationis: Unabhängige Geschichtsschreibung in der Tschechoslowakei 1969-1980, Scheinfeld, 1988.
- _____ , "Provisional Annotated List Of Edice Petlice (Padlock Books), in Acta 1.3-4 (1987): 47-108.
- PREISNER, R., Critica del totalitarismo; frammenti, Roma, 1973.
- RAMADAN, O., Václav Havel (Ein Portrait) München, 1991.
- RAMET, P., "Religious Ferment in Eastern Europe", in Survey 28, 4 (1984): 93-97.
- ROBIN, L., La Morale Antique, Paris, 1947.
- RODIS-LEWIS, La Morale Stoicienne, Paris, 1970.

- ROMETTI, C., *Lo Stalinismo ao Bivio. Crise del Comunismo. Reforme Urgente*, Cittá di Castello, 1958.
- ROUANET, S. P., "Do Pós-Moderno ao Neo-Moderno", in *Tempo Brasileiro*, 84 (1986): 86-97.
- ROUGEMONT, D., *The Idea of Europe*, New York, 1967.
- RUPNIK, J., *Histoire Du Parti Communiste Tchecoslovaque*, Paris, 1981.
- _____ , "Intellectuals and Power in Czchoslovakia", in *Acta 2.5-8* (1988): 11-20.
- _____ , "Samizdat Periodicals in Czechoslovakia, 1977 - 1988", in *Acta 2.5-8* (1988): 64-82.
- SALVATORI, M. L., *Eurocomunismo e socialismo sovietico*, Torino, 1978.
- SALVAT, R., *El Teatro de los anos 70. Dicionaro de urgencia*, Barcelona, 1970.
- SANTINI, A., *Agostino Casaroli - Uomo del dialogo*, Torino, 1993.
- SARTRE, J. P., *L'être et le Néant*, Paris, 1943.
- SAUVAGE, M., *Sócrates e a Consciência do Homem*, Rio de Janeiro, 1959.
- S. CARUSO., (Org.) *Il socilismo in europa dieci anni dopo la cecoslovácchia*, Milano, 1979.
- SCHAFF, A., *Il Movimento Comunista al Bivio*, Milano, 1988.
- SCRUTON, R., *Czechoslovakia: The Unofficial Culture*, London, 1987.
- SEIFERT, J., "Poets and Power", in *Index on Censorhip*, 14 (1985): 8-12.
- _____ , *Tuttle le Belezze del Mondo*, Roma, 1985.
- _____ , *Le Parapluie de Picadilly*, Paris, 1984.
- SHILS, E., *Center and Periphery*, University of Chicago Press, 1975.

- SIMECKA, M., KUSÝ, M. (Orgs.), *Il Grande Fratello e la Grande Sorella, ovvero la Società della Paura*, Bologna, 1982.
- SIMECKA, M., "Home-made books", in *Index on Censorship* 8.5 (1979): 24-25.
- _____, "Literary Pluralism", in *Acta* 1.2 (1987): 6-9.
- SILNITSKY, F., (Org.) *Communism and Eastern Europe*, New York, 1979.
- SKILLING, H. G., *Samizdat and an Independent Society in Central and Eastern Europe*, Columbus, 1989.
- _____, *Czechoslovakia's Interrupted Revolution*, Princeton University Press, 1976.
- _____, "Two Democratic Revolutionaries: Tomáš G. Masaryk and Václav Havel", in Miller L. (Org.), *Literature and Politics in Central Europe: Studies in honour of Markéta Goetz-Stankiewicz*, Columbia, 1993, pp. 115-121.
- SORIAU, E., "L'Arte et la vie sociale", in *Cahiers internationaux de sociologie*, 1948.
- SPRIANO, P., "Le Riflessioni dei Comunisti italiani sulle società dell'est e il "socialimo reale", in *studi storici*, 1, (1982): 51-74.
- SUSIN, L. C., *O Homem Messiânico - Uma Introdução ao Pensamento de Emmanuel Levinas* -, Porto Alegre, 1984.
- SYMPOSIUM, A., "Who was Right. Who was Wrong, and Why. An Inquest on The Death of Communism", in *EN*, 75 (1990): 24-32.
- TADDEI, M., *Il Crampo Mentale e la Società Totalitaria*, Firenze, 1985.
- TALMON, J. L., *Le Origine Della Democrazia Totalitaria*, Bologna, 1967.
- TATU, M., "Le Début d'un nouveau régime", in *Encyclopaedia Universalis, Symposium*, (1987): 352-356.

- TATU, M., "Les Relations Est-Ouest", in *Encyclopaedia Universalis*, 17 (1985): 842-850.
- TAVIANI, T., e SCHINO, M., *Il Segredo della commedia dell'arte*, Florence, 1984.
- TELO, M., *Un cammino incompiuto - Le scelte europee del PCI tra storia e prospettiva, Democrazia e Diritto -*, Roma, 1986.
- TESAR, T., *Dignosi 301.7*, Bologna 1980.
- TERESTCHENENKO, M., "La philosophie politique de Václav Havel", in *Encyclopaedia Universalis* (1993): 406-408.
- TIMMERMAN, H., *Eurokomunismus*, Frankfurt/M, 1977.
- TISMANEAUNU, V., *Reinventing Politics: Eastern Europe From Stalin to Havel*, New York, 1992.
- TOKES, R. L. (org.), *Opposition in Eastern Europe*, Baltimore and London, 1979.
- TOMIN, Z., "The Typewriter Hold the Fort", in *Index or Censorship*, 12, (1983): 28-30.
- TOMSKY, A., "Modus Moriendi of the Catholic Church in Czechoslovakia", in *Religion in Communist Lands*, 10, (1982): 23-54.
- TOSI, A. W., "Il Teatro Ceco", In A. W. Tosi (org.), *Teatro Contemporaneo*, Roma, 1980.
- TRASFERETTI, J. A., *Espiritualidade Militante Re-criando a Teologia Moral*, Tese Doutoral (Academia Alfonsiana) Roma, 1990.
- TREFULKA, J., *Hommage aux Fous*, Paris, 1979.
- TRIGID, P., *Améere Revolution*, Paris, 1977.
- _____, *La Chute irrésistible D'Alexander Dubcek*, Paris, 1969.
- URBAN, J. B., *Moscou and the italien comunisty party. From Togliatti to Berlinguer*, Cornell University, 1986.
- VAKULIK, L., *Clé des Songes Tchéques*, Paris, 1983.

- _____, "A Padlock for Castle Schwarzenberg", in Acta 1.3-4 (1987): 40-46.
- _____, "La Censure ici et ailleurs". in L'autre Europe, 17-19 (1988): 98-101.
- _____, "Passé et avenir de la littérature parallèle en Tchécoslovaquie". L'autre Europe, 20 (1989): 106-111.
- _____ "Responsability as the Writers Destiny". in Acta 1.3-4 (1987): 8-15.
- VERNANT, J. P., Mito e Pensamento entre os Gregos, S. Paulo, 1973.
- VIDAL, M. e SANTIDRIAN, P. R., Etica Personal, Madrid, 1980.
- VIEGAS ANDRADE, S. N., A Vereda Trágica do "Grande Sertão: Veredas", S. Paulo, 1985.
- VIGIL, J. M., (Org.), La opcion por los pobres, Santander, 1991.
- VILLAR, J., De la tradition théâtrale, Paris, 1963.
- VOEGELIN, E., Un Interprete del Totalitarismo, Roma, 1978.
- _____, La nuova scienza della politica, Torino, 1968.
- WOJTYLA, K., L'Uomo nel Mondo, Roma, 1981.
- WADISLAV, J., ERRERA, R., (Orgs.), Václav Havel (Essais politiques), Paris, 1989.
- VLADISLAV, J., (Org.), Václav Havel or Living in Truth, Londo - Boston, 1986.
- _____, "La culture parallèle en Tchécoslovaquie", In L'Alternativa, 27-28 (1984): 37-39.
- _____, "All you need is a Typewriter" in index or Censorhip, 12, (1983): 33-35.
- WILLET, J., "Is There a Central European Culture?" Cross Currents. A Yearbook of Central European Culture, 10 (1991): 1-15.
- WILSON, P., (Org.) Václav Havel (Open Letters), London - Boston, 1991.

- ZEMAN, Z., *The Massaryks, The Making of Czechoslovakia*, New York, 1976.
- ZIMMERMANN, R., *América Latina o Não-ser*, Petrópolis, 1987.
- ZINOV'EV, A., *Il Gorbaciovismo*, Milano, 1988.
- ZYMUNT, B., "Living Without an Alternative", in *PQ*, 62, (1991): 35-44.
- ZUR LIPPE, R., *Maturbeherrschung am Menschen*, Frankfurt, 1974.

A ACEITAÇÃO OU CONDENAÇÃO DA IMAGEM

Prof. João Baptista de ALMEIDA JÚNIOR

Cada vez mais constatamos a crescente ICONIZAÇÃO da sociedade contemporânea, em praticamente todos os setores culturais, com a intensificação da comunicação por meio de imagens.

As descobertas técnicas do final do século XIX na área dos meios de comunicação social, desenvolvidas aceleradamente neste século com a indústria cultural, permitiram-nos passar das iluminuras artesanais e das pinturas de cavalete para a difusão de imagens ao ritmo da máquina. Com a alteração do substrato técnico do qual dependem, as imagens reproduzem em seu desenvolvimento esta lei logística do progresso e, por isso mesmo, sofrem as reações do seu próprio mercado consumidor.

Com efeito, como fato cultural dominante na esfera ideológica da sociedade contemporânea, as imagens despertam reações contraditórias.

Neste, pretendemos demonstrar a postura ensaística de alguns autores que abordaram o fenômeno da imagem e de ICONIZAÇÃO da sociedade para, em outra oportunidade, analisarmos as atitudes docentes quanto ao emprego de imagens no ensino. Para tanto, tomamos emprestados de ECO as categorias denominadas "*apocalípticos*" e "*integrados*" a fim de caracterizar, respectivamente, a atitude de recusa e a de concordância desses autores diante da imagem como produto da cultura de massa.

Com essa seleção bibliográfica disponível, pretende-se comparar os modos de abordagem do fenômeno da imagem de,

maneira a se obter maior clareza metodológica e não se incorrer nos mesmos vícios ideológicos detectados. Nossas comparações não pretendem elaborar julgamentos éticos ou políticos, mas apenas denunciar as análises metodologicamente tendenciosas, que hoje se apresentam sob uma forma particularmente aguda, envolvendo os fenômenos da cultura de massa.

Antes, porém, é necessária uma explicitação do que se entende pelas categorias propostas por ECO, tomando-se a precaução metodológica, a que o autor alude no prefácio do seu livro homônimo¹, de evitar a tipificação dualista e extremada de atitudes. Isto para não se adotar *conceitos-fetichê*² que poderiam representar modelos distorcidos de comportamentos analíticos, em geral, tão variados.

Embora exista na realidade social um sem números de atitudes "críticas" possíveis diante da imagem, atitudes que descrevem um espectro comportamental acadêmico com matizes diversos para cada autor, na verdade, interessa-nos aqui estabelecer duas formas distintas de enfoque, a de recusa e a de aceitação incondicional, como pressupostos ou perspectivas de análise do fenômeno da imagem no mundo atual.

1. "APOCALÍPTICOS" E "INTEGRADOS"

Segundo ECO, à categoria de "*apocalíptico*" pertencem os sujeitos nostálgicos "*de uma época em que os valores da cultura eram apanágio de classe e não estavam postos, indiscriminadamente, à disposição de todos*"³.

Costa Lima, criticando a "*hipocrisia dos tradicionalistas indignados*", refere-se a tais sujeitos como os "*cruzados do século XX*" que "*descobrem novos infiéis tanto nas revoluções sociais quanto na tecnológica*"⁴. Para este autor o "*apocalíptico*" revela com essa atitude preconceituosa uma reação de classe diante de um possível "ocaso de certa intelectualidade" frente aos novos canais dotados de alto poder de alcance e/ou reprodução: jornais, revistas de atualidade, histórias em quadrinhos, cinema, televisão, etc.

Para ECO, ainda, o "*apocalíptico*", admitindo como referencial verdadeiro e único a cultura aristocrática, considera a

cultura de massa uma anticultura⁵. Conseqüentemente, sua atitude é de condenação da cultura de massa e de todos os seus subprodutos, vistos como artigos culturais suspeitos ou mercadorias de uma cultura industrializada. O "apocalíptico" vê como irreversível o processo de degradação cultural da sociedade, iniciado com o surgimento e expansão da cultura de massa, e como salvaguarda, procura individualmente afastar-se da fruição desses subprodutos.

A intolerância leva o "apocalíptico" a julgar-se capaz de permanecer acima do nível médio e padronizado da "massa" e de não ser "contaminado" pelas mensagens iconológicas da cultura de massa. Essa intolerância extrapola a rejeição simples dos produtos da cultura de massa, considerados inferiores, atingindo mesmo a raia do preconceito social, isto é, a rejeição dos sujeitos da "massa". Agindo e pensando assim, o "apocalíptico" revela a incapacidade de aceitar "a perspectiva de uma humanidade que saiba operar sobre a história"⁶, ao mesmo tempo que, paradoxalmente, deixa transparecer uma desconfiança na ascensão da classe ou das classes subalternas que não têm o monopólio da produção da cultura de massa. Esse paradoxo vai aparecer, posteriormente, na atitude do "apocalíptico" docente em recusar, ao mesmo tempo, a imagem e a "classe" de educandos que a consome.

O "apocalíptico", enfim, não reconhece a possibilidade, mesmo remota, de encontrar valor cultural e artístico em alguma obra da cultura de massa, o que revela uma postura obsessiva de "dissentir". Com isso, jamais fará uma investigação concreta da maneira pela qual os produtos da cultura de massa são consumidos e de que forma tal consumo poderia ser diferente, a fim de investigar suas características culturais e suas potencialidades pedagógicas. Ao contrário, o "apocalíptico" prefere negar os produtos da cultura de massa em bloco e, com isso, nega também as imagens veiculadas contemporaneamente.

Por sua vez, à categoria de "integrado" pertencem os sujeitos que se adaptam à civilização de massa e ao movimento de alargamento cultural instaurado pela cultura de massa e seus meios de comunicação.

Para o "integrado" a cultura de massa é mais uma forma de cultura surgida na sociedade contemporânea que, historicamente, veio para ficar. Ao "integrado" não importa qual grupo a produz ou

para qual classe se destina. Importa sim que, diferentemente de outras modalidades mais herméticas de cultura, a de massa coloca seus bens culturais à disposição de um maior número de pessoas para uma fruição sem muitas dificuldades.

De modo diverso do *"apocalíptico"*, o *"integrado"* não se incomoda com o fato de nivelar seu gosto pessoal segundo o padrão mais geral da *"massa"*, nem pretende, com referência às suas aquisições culturais, a exclusividade de domínio do *"apocalíptico"*.

Se o *"apocalíptico"* levanta uma barreira intelectual contra a cultura de massa e teoriza para justificar sua *"concepção valorizante e aristocrática de cultura"*⁷, o *"integrado"* acolhe, com boa fé e sem reservas, as ofertas da cultura de massa em direção a um processo de envolvimento inconsciente que pode até conduzi-lo à alienação cultural.

Neste ponto, vale ressaltar um aspecto positivo da visão do *"apocalíptico"*, ao *"denunciar que a ideologia otimista dos integrados é profundamente falsa"*⁸.

Entretanto, em uma análise mais concreta das duas atitudes, aplicadas a situações de fato, é possível notar pontos comuns e tangenciais que, no fundo, revelam a mesma posição diante da cultura. Esta, entendida aqui, na acepção mais geral do termo⁹.

As duas posturas são conservadoras. O *"apocalíptico"* recusa-se mesmo a conhecer a cultura de massa nascente e a reconhecê-la como cultura, permanecendo integrado a uma forma de cultura passada que, por formação classista ou tradição, elegeu como *sendo mais verdadeira*. O *"integrado"* adapta-se aos novos padrões culturais da sociedade contemporânea para afirmar-se socialmente e não perder-se na ecologia modernizante e *apocalíptica* da cultura de massa, acreditando ampliar sua visão e participar de uma forma de cultura, que elegeu *como sendo mais verdadeira*, até por não conhecer outras modalidades.

As duas posturas acentuam o *status quo* em que se encontram os sujeitos: uma por omissão, outra por impulsão - ambas por acomodação. Nenhum dos dois sujeitos típicos parte das condições de fato, histórico-sociais da produção da cultura de massa. O referencial adotado como válido pelo *"apocalíptico"* é a

cultura aristocrática do passado, ao qual compara ou nega-se a comparar os produtos da cultura de massa contemporânea, manifestando assim um preconceito cultural de classe. O referencial básico do "integrado" é a própria cultura de massa, enquanto produto pronto, que reveste sua ação no mundo e legitima socialmente suas escolhas, visto que, desconhecendo outras formas mais elaboradas, não se concede preferências. Neste caso, trata-se de uma sobrevivência cultural da classe, isto é, trata-se de uma afirmação de classe.

Tais considerações nos levam a perceber que cada vez mais as duas categorias se misturam e se imbricam, revelando, de um lado, uma inconsistência conceitual de *termo-fetice*, e de outro, uma maleabilidade na aplicação a situações concretas. Isto significa que os termos substantivos "apocalíptico" e "integrado", quando empregados para caracterizar posturas analíticas diante dos produtos da cultura de massa, não são categóricos de posições cristalizadas. Isto porque, dependendo das condições e objetivos de fruição de um indivíduo, para um mesmo produto da cultura de massa, suas posturas podem se inverter ou amalgamar-se.

Um exemplo dessa confusão comportamental e conceitual é o fato de um "apocalíptico", vez por outra, ter em mãos uma história em quadrinhos para uma fruição rápida em um momento de lazer. Considerada inicialmente como artigo inferior da cultura de massa, o "apocalíptico" pode identificar algum código mais elaborado na história em quadrinhos e acabar reconhecendo seu valor artístico e cultural. Em outra situação, um "integrado", tendo acesso a uma exposição de pintura de um famoso museu de arte, pela televisão, e se interessando, pode iniciar uma freqüentação assídua dessa modalidade de arte, anteriormente fora de seu horizonte cultural por simples falta de iniciação.

Portanto, "apocalíptico" e "integrado" não são *termos substantivos* representativos de atitudes fechadas e antagônicas, como se acreditava de início. A nosso ver, e preferível adotar *apocalíptico e integrado* (sem aspas) como *termos predicativos* complementares, aplicáveis a um mesmo sujeito, dependendo das circunstâncias individuais, sociais ou institucionais de recepção e fruição de um produto da cultura de massa.

Considerando ainda os termos como categorias predicativas, é interessante desdobrá-los em termos equivalentes segundo o emprego da sinonímia.

O sujeito *apocalíptico* é o que dissente, isto é, recusa, logo é o sujeito *recusante, oponente, negativista e pessimista* em relação ao fenômeno da cultura de massa e, de modo particular neste trabalho, em relação à imagem. Enquanto que o sujeito *integrado* é o que não discorda, isto é, o que consente, logo é o sujeito *consenciente, apologista e otimista* em relação à imagem.

2. POSTURAS APOCALÍPTICAS E INTEGRADAS

Considerando o caráter de relatividade dos termos anteriormente referidos, faremos agora uma apresentação de autores que estudaram o fenômeno da imagem, assumindo postura *apocalíptica* ou *integrada* na abordagem textual.

Pretendemos com essa revisão bibliográfica conhecer a perspectiva de análise de alguns autores¹⁰ que estudaram as implicações da imagem na sociedade, de modo a traçar, em uma etapa seguinte, um paralelo entre essas perspectivas e as atitudes docentes diante do emprego de imagens no ensino.

O historiador e crítico de arte RENÊ HUYGHE é o primeiro autor a destacar. HUYGHE admite a crescente ICONIZAÇÃO da sociedade contemporânea a ponto de propor a denominação "civilização da imagem" para o século XX ao invés de "civilização do livro" que caracterizava, segundo ele, a modernidade saída da Renascença.

Em suas considerações sobre o poder da imagem, HUYGHE assume inicialmente uma postura de desconfiança em relação ao surto de imagens da cultura de massa, postura que busca superar, no desenvolvimento da obra, com a ressalva de que a imagem na arte, e só na arte, é um "*contraveneneo providencial*". A terminologia que utiliza para se referir ao fenômeno da comunicação de imagens e a maneira obsessiva com que descreve "*esse turbilhão a que assistimos e a vertigem angustiada que nos provoca*" evidenciam sua postura claramente *apocalíptica*.

"Esta proliferação da imagem, encarada como instrumento de informação, precipita a tendência do homem moderno para a passividade. Sem falar daquelas imagens que

se experimentou passar no écran cinematográfico demasiado rapidamente para serem percebidas, mas suficientemente lentas para se gravarem no inconsciente com um poder sugestivo que nada consegue entrar, pode dizer-se que este ataque contínuo do olhar visa criar uma inércia do espectador, que, incapaz de reflectir e controlar, regista e sofre uma espécie de hipnotismo larvar. A reflexão é eliminada, e o reflexo, com o seu automatismo, tende a suplantá-la, sendo simplesmente condicionado num grau superior ao que a experiência de Pavlov realizava. Pode dizer-se que a imagem, pelo emprego que dela se faz hoje, pretende alargar o psiquismo as famosas regras que Taylor promulgou para a ação, submetendo-a às leis da máquina. Esta tripla regra enunciava-se: 'Identidade, repetição, rapidez'".¹¹

Outro autor importante a considerar nesta breve resenha é Walter BENJAMIN, uma figura marginal no quadro docente da Escola de Frankfurt. Mesmo influenciado pela visão apocalíptica dos companheiros da Escola, diante do advento da "massa" nazista na República de Weimar, BENJAMIN¹² reconhece uma função revolucionária nas novas formas de reprodução da realidade por meio de imagens: a fotografia e o cinema. Reconhecimento que é objeto de crítica por parte dos companheiros de cátedra.

Declara BENJAMIN:

"Assim, doravante, pôde o desenho ilustrar a atualidade cotidiana. E nisso ele tornou-se íntimo colaborador da imprensa. Porém, decorridas apenas algumas dezenas de anos após essa descoberta, a fotografia viria a suplantá-lo em tal papel. Com ela, pela primeira vez, no tocante à reprodução de imagens, a mão encontrou-se demitida das tarefas artísticas essenciais que, daí em diante, foram reservadas ao olho fixo sobre a objetiva. Como, todavia, o olho capta mais rapidamente

do que a mão ao desenhar, a reprodução das imagens, a partir de então, pôde se concretizar num ritmo tão acelerado que chegou a seguir a própria cadência das palavras"¹³.

Comentando, ainda, os livros infantis produzidos na Alemanha do século XIX, BENJAMIN afirma que:

*"Um elemento salva o interesse mesmo das obras mais antiquadas e tendenciosas: a ilustração. Esta furtou-se ao controle das teorias filantrópicas e artistas e crianças entenderam-se rapidamente, passando por cima das cabeças dos pedagogos."*¹⁴.

Ao contrário da mentalidade apocalíptica que vê a imagem como imposição e impostura, BENJAMIN admite que a imagem e um mundo de formas, permeável e colorido, onde a cada visada as coisas mudam de lugar e de sentido. Nesse mundo, a criança não é presa passiva, mas viajante e companheira. Para o autor:

*"Não são as coisas que saltam das páginas em direção a criança que as contempla - a própria criança penetra-as no momento da contemplação, como nuvem que se sacia com o esplendor colorido desse mundo pictórico. Frente ao seu livro ilustrado a criança coloca em prática a arte dos taoistas consumados: vence a parede ilusória da superfície e, esgueirando-se entre tapetes e bastidores coloridos, penetra em um palco onde o conto de fadas vive"*¹⁵.

Outro autor que reconhece o poder de sedução das imagens sobre o homem contemporâneo é Gillo DORFLES. No artigo *"Civilización (e incivilización) de la imagen"*¹⁶. DORFLES caracteriza a efemeridade das imagens que são "hechas para no durar, están ligadas al momento, al día, al instante, y no pueden servir con el paso del tiempo"¹⁷. Alerta também que nossa época "se va diferenciando progressivamente, de todas las que le precedieron, por haber llevado a un grado nunca alcanzado el aspecto visual de la vida de relacion", convertendo-nos em *iconóforos*, isto é, consumidores de ícones e não mais indivíduos livres.

DORFLES chama nossa atenção, ainda, para o elevado grau que esse consumo atingiu atualmente e para o resultante enfraquecimento da capacidade de reação crítica dos indivíduos diante desse caos de imagens. Assim descreve:

*"El hombre de la calle ha aprendido a 'adoptar' con increíble facilidad y prontitud la presencia de nuevas imágenes y nuevas formas. Al contrario de lo que se creía hasta hace pocos años, la posibilidad de 'imponer' una nueva forma se ha hecho casi absoluta. Una determinada imagen (...), que en su primera aparición puede suscitar irritación y descontento, al cabo de pocos meses atribuciones apreciadas y buscadas; y esto no ocurre sólo por razones comerciales o publicitarias, sino exactamente por el fenómeno (...) de una rápida consunción de la receptividad individual, y por la verificación de un cociente entrópico inserto en toda forma desde el momento de su aparición"*¹⁸.

Gilbert COHEN-SÉAT e Pierre FOUGEYROLLAS, especialistas em análise de problemas da "sociedade de massa", advertem sobre a maneira com que "a informação visual, em virtude da potência propriamente técnica que emana e da precisão das imagens concretas que produz, impõe-se aos indivíduos com uma força que jamais possuíram as formas de expressão do passado"¹⁹.

Por esfera da informação visual, entendem os autores o plano da expressão do imaginário ou os "puros mundos de percepção", produzidos principalmente pelo cinema e televisão, que se sobrepõem ao real imediato, isto é, aos planos técnico e social da realidade, mudando fundamentalmente (subvertendo) o equilíbrio entre esses planos básicos e o do imaginário. Os autores lembram que nas sociedades do passado a representação do mundo dependia, até certo ponto, das relações do homem com seu meio material (plano técnico) e das relações sociais imediatas dos homens entre si (plano social). Contemporaneamente, a representação do mundo parece ser cada vez mais resultado da força da nova forma de expressão, a informação visual, através do

impacto sucessivo das imagens oferecidas pelos meios de comunicação.

*"Assim sendo, a informação visual, longe de refletir e expressar passivamente, por assim dizer, as relações fundamentais que unem o homem a seu meio e aos indivíduos entre si, tende a determiná-los ou, melhor, sobredeterminá-los, de maneira às vezes complexa, geral e decisiva"*²⁰.

Segundo os autores, ainda, antes do aparecimento e desenvolvimento da informação visual, o conhecimento que, em maior ou menor grau, recebiam os indivíduos, provinha em primeiro lugar dos enunciados, falados ou escritos. Estes desempenhavam o papel de mediadores entre o meio ambiente e o resto do mundo que pudesse se relacionar com ele. Com o desenvolvimento recente dos meios de comunicação, as imagens, que estes veiculam aos homens, não se relacionam, na maioria dos casos, ao seu mundo próximo, familiar, doméstico, nem com nada que à primeira vista se vincule com esse mundo próprio mas, contrariamente, apresentam um mundo artificial, plástico, preso ao imaginário (de imagem) que se sobrepõe ao mundo natural e social.

Depreende-se daí uma visão apocalíptica, pelo fato mesmo de que os autores apresentam uma forma de resistência cultural, não tanto à imagem, mas à evolução da técnica de expressão visual que, segundo eles, historicamente, subverteu a forma de estruturação da visão de mundo e, conseqüentemente, a ordem estabelecida.

Por outro lado, Michel TARDY mostra-se integrado aos novos padrões de comunicação quando afirma que:

"A cultura de massa convida-nos a uma verdadeira conversão pedagógica. A pedagogia deve criar pele nova, para integrar, sem deformá-los, os produtos da cultura de massa. A iniciação ao cinema e à televisão fornecerá, talvez, ocasião para se conseguir enfim essa renovação da pedagogia, que alguns precursores haviam tentado inutilmente. Para isso será preciso um novo

modo de ver e um pouco de imaginação. Precisam-se inventores"²¹.

Tratando basicamente das imagens do cinema e da televisão, TARDY refere-se aos principais personagens dessas imagens como sendo aqueles que as produzem atrás das câmeras, dos refletores, dos microfones e das linguagens específicas. Conforme declara:

*"A imagem é um produto. O conhecimento dos modos de produção da imagem constitui uma condição de inteligibilidade da mesma. A pedagogia das mensagens visuais, num momento qualquer do ciclo de iniciação, deve passar por trás dos cenários; os bastidores (...) devem ficar anexos ao espaço escolar e tornar-se lugares de demonstração pedagógica"*²².

Segundo TARDY, ainda, a realidade transformada em imagens não é a realidade mais uma câmera, mas sim uma nova realidade, enquanto processo de comunicação, a exigir uma nova pedagogia que reflita sobre o emprego e a utilidade dessas imagens no ensino. Citando MOUNIER e criticando os pedagogos que demonstram *"um pequeno medo do século XX"*, denuncia a mentalidade anacrônica destes diante da emergência da máquina²³.

Francisco GUTIÉRREZ PÉREZ, assessor pedagógico de experiências de *"linguagem total"*²⁴ em escolas latino-americanas na forma de uma pedagogia fundamentada nas novas linguagens dos meios de comunicação social, exalta as técnicas modernas de comunicação que colocam à disposição de milhões e milhões de pessoas aquilo que lhes era vedado faz apenas alguns anos.

A partir disso, convida os professores a capacitarem-se, com urgência, para a cultura eminentemente sensorial transmitida através das linguagens audio-visuais dos meios de comunicação social.

Segundo GUTIÉRREZ PEREZ:

"A imagem representa, para o homem atual, não apenas a conquista do tempo e do espaço mas também uma conquista que ultrapassa nossos meios naturais. A câmara de filmar

permite captar um objeto de uma forma ainda mais perfeita do que conseguiram nossos próprios sentidos. Um telejornal nos oferece uma visão muito mais completa de um fato do que se estivéssemos estado presentes ao acontecimento"²⁵.

Isto porque, ao oferecer a representação da realidade, a imagem proporciona informação e significados específicos acerca dessa realidade, que favorecem a participação cultural dos indivíduos, modificando sua própria visão e sua presença no mundo.

Outra pesquisadora, a psicóloga Anne-Marie THIBAUT-LAULAN, reconhece também a importância antropológica e social da imagem como novo elemento informativo dominante na esfera cultural da sociedade contemporânea. Contudo, em sua tese de doutoramento sobre "*El estudio psicolingüístico de las imágenes visuales en secuencia*", adverte-nos que:

*"El acceso al mundo de las imágenes no es ni tan fácil ni tan inmediato como a veces se pretende. El examen en nuestra investigación de las 'hipótesis' muestra claramente que las imágenes no 'hablan' si no se las 'interroga'"*²⁶.

Mesmo sendo breve, este levantamento bibliográfico buscou detectar a diversidade de atitudes "críticas" frente ao novo fenômeno cultural da imagem. Decorrente dessa diversidade de atitudes é possível registrar um conjunto de posições, com pressupostos teóricos graduais, formando um leque em torno de dois extremos cristalizados: de um lado, o iconófilo/integrado que aceita qualquer imagem sem reservas ou defesas; de outro lado, o iconoclasta/apocalíptico que as rejeita integralmente, sem conversa.

Na perspectiva metodológica, muito provavelmente, inexistem tais atitudes radicalizadas. Contudo, quando são relativizadas em categorias referenciais, ajudam a balizar pesquisas de relacionamento de indivíduos receptores com a imagem, em suas inúmeras modalidades de expressão: artística, publicitária, jornalística, em quadrinhos, cinematográfica, televisiva, computacional, etc.

Enfim, a convivência de um sujeito social com qualquer mensagem iconográfica não é um ato inconseqüente mesmo que

ele tente se manter indiferente ou pareça desatento. De modo contrário, alertando-nos quanto ao risco de uma recepção passiva da imagem, ECO observa que:

“Uma comunicação, para tornar-se experiência cultural, requer uma atitude crítica, a clara consciência da relação em que se está inserido, e o intuito de fruir de tal relação”²⁷.

BIBLIOGRAFIA

- BENJAMIN, Walter. *A obra de arte na época de suas técnicas de reprodução*. 2ª ed. São Paulo: Abril Cultural, 1980.
- BENJAMIN, Walter. *Reflexões: a criança, o brinquedo, a educação*. São Paulo: Summus, 1984.
- CHAUÍ, Marilena. *Conformismo e resistência: aspectos da cultura popular no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- COHEN-SÉAT, Gilbert & FOUGEYROLLAS, Pierre. *A informação visual e sua ação sobre o homem*. In: COHN, Gabriel (org.). *Comunicação e indústria cultural*. São Paulo: Editora Nacional, 1978.
- COSTA LIMA, Luiz (org.). *Teoria da cultura de massa*. 3ª ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- DORFLES, Gillo. *Sentido e insensatez en el arte de hoy*. Valencia: Fernando Torres Editor, 1973.
- ECHEVERRIA, R. et alii. *Ideología y medios de comunicación*. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1973.
- ECO, Umberto. *Apocalípticos e integrados*. 2ª ed., São Paulo: Perspectiva, Coleção Debates, vol. XIX, 1970.
- ECO, Umberto. *O signo*. 3ª ed., Lisboa: Editorial Presença, Biblioteca de Textos Universitários, vol. XLV, 1985.
- ECO, Umberto. *Sobre os espelhos e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.

- FADUL, Annamaria. *Meios de comunicação de massa e educação no Brasil: uma perspectiva crítica*. In: *Cadernos Intercom*, São Paulo: Cortez Editora, 4: 30-43, out. 1982.
- GUTIÉRREZ PÉREZ, Francisco. *Linguagem total: uma pedagogia dos meios de comunicação*. São Paulo: Summus, 1978.
- HUYGHE, René. *O poder da imagem*. Lisboa: Edições 70 - Martins Fontes, 1986.
- MORIN, Edgar. *Cultura de massas no século XX: o espírito do tempo - neurose*. 7ª ed., Rio de Janeiro: Forense, 1987.
- TARDY, Michel. *O professor e as imagens*. São Paulo: Cultrix/EDUSP, 1976.
- THIBAUT-LAULAN, Anne-Haric. *El lenguaje de la imagen: estudio psicolinguístico de las imágenes visuales en secuencias*. Madrid: Ediciones Marova, 1973.

NOTAS

(1) Umberto ECO, *Apocalípticos e integrados*, p. 7-30.

(2) Para ECO o *conceito-fetice* teria a função determinante de, enquanto rótulo, representar uma realidade como se julga *a priori*, mas que não tem correspondência na realidade. Em nossa discussão, termo que teria uma força conceitual de, sendo atribuído a um determinado autor, caracterizar o tipo cristalizado de comportamento ou postura acadêmica desse autor em relação à cultura de massa.

(3) Umberto ECO, *Apocalípticos e integrados*, p. 36.

(4) Luis COSTA LIMA, *Teoria da Cultura de Massa*, p. 14

(5) Cf. *Apocalípticos e integrados*, p. 8.

(6) Cf. *Apocalípticos e integrados*, p. 14.

(7) Edgar MORIN, *Cultura de massas no século XX*, p. 16.

(8) Umberto ECO, *Apocalípticos e integrados*, p. 18.

(9) Referimo-nos, especificamente, ao conceito antropológico de cultura (Cf. Marilena Chauí, *Conformismo e resistência*, p. 14). Este considera a cultura como um conjunto de interpretação da realidade que permitem aos grupos sociais a atribuição de sentido ao mundo natural e social. Por sua vez, como uma instância propriamente socializante e humanizadora, dá estabilidade às reações comportamentais e funciona como um mecanismo adaptativo dos indivíduos. Esta acepção implica, fundamentalmente, a

idéia de sistema que congrega áreas ou subsistemas como: cultura aristocrática ou de elite, cultura tradicional, cultura folclórica, cultura indígena, cultura de massa, etc.

(10) Trata-se de um levantamento parcial de autores relevantes, que abordaram de alguma forma específica o assunto imagem, e aos quais tivemos acesso bibliográfico.

(11) *O poder da imagem*, p. 10.

(12) Refletindo sobre a práxis estética de Brecht, BENJAMIN enfatizou o conceito de "*transformação funcional*" e, examinando as implicações gerais da reprodutibilidade tecnológica da obra de arte, apontou seu desdobramento positivo: a perda da "*aura*" que significava emancipação definitiva da arte de sua "*dependência parasítica ao ritual*" (Cf. Phil SLATER, *Origem e significado da Escola de Frankfurt*, p. 199).

(13) Walter BENJAMIN, *A obra de arte na época de suas técnicas de reprodução*, p. 6.

(14) Idem, *Reflexões: a criança, o brinquedo, a educação*. p. 50 (grifo adicionado).

(15) Idem, *Reflexões: a criança, o brinquedo, a educação*, p. 55 (grifo adicionado). Na seqüência, retomaremos essa idéia de penetração como uma forma de leitura da imagem.

(16) Gillo DORFLES, *Sentido de insensatez en el arte de hoy*.

(17) Idem, *ibidem*, p. 37.

(18) Gillo DORFLES, *Sentido e insensatez en el arte de hoy*, p. 42-43.

(19) *A informação visual e sua ação sobre o homem*. In: Gabriel COHN, *Comunicação e indústria cultural*, p. 358.

(20) Idem, *ibidem*, p. 357.

(21) *O professor e as imagens*, p. 59.

(23) Idem, *ibidem*, p. 69.

(23) Idem, *ibidem*, p. 19.

(24) *Linguagem total* é aquela que dispõe de três formas de expressão, de três classes de signos diferentes: a verbal, a icônica e a sonora. Refere-se também às diferentes formas ou técnicas de expressão utilizadas pelo homem em nosso século, sintetizadas historicamente nos meios de comunicação social.

(25) Francisco GUTIÉRREZ PÉREZ, *Linguagem total - uma pedagogia dos meios de comunicação*, p. 19.

(26) *El Lenguaje de la imagen*, p. 112.

(27) Umberto ECO, *Apocalípticos e integrados*, p. 342.

“COMUNICACION, CULTURA Y LIBERALISMO SOCIAL EN EL MEXICO MODERNO”

Dr. Javier Esteinou MADRID*

El modelo de desarrollo modernizador que gradualmente ha adoptado México al final del siglo XX en sus estructuras culturales para incorporarse al nuevo orden mundial surgido después de la guerra fría, basado mayoritariamente en el supuesto del “mágico poder regulatorio” de la “Mano Invisible” de las fuerzas del mercado para dirigir la participación social¹; ha comprobado en una década sus enormes limitaciones y las deformaciones humanas que ha producido. Por ello, después del fracaso de dicho modelo ahora se requiere la búsqueda e implementación de nuevas políticas para lograr la participación de la sociedad a través de otros procesos de comunicación y contribuir, con ello, a resolver las agudas contradicciones culturales de nuestra nación.

En este sentido, es fundamental substituir dentro del contexto de la modernidad la idea de crear un “Estado Mínimo” o “Ultra Mínimo” en el área cultural de México a través de la adopción indiscriminada de la política del “laissez faire informativo”; para ahora introducir la concepción estratégica del “Nuevo Estado Básico para la Supervivencia Social” sin el cual no podrán construirse un orden civilizatorio superior que mantenga las condiciones elementales de la convivencia en comunidad, especialmente, en la medida en que en el país somos crecientemente sociedades de

(*) Professor Investigador del Departamento de Educación y Comunicación de la Universidad Autónoma Metropolitana, Unidad Xochimilco, México, D. F.

masas cada vez mayores². **"Nuevo Estado Básico para la Sobrevivencia Social"** que no se limite a ejercer la labor meramente vigilancia policiaca, de atención a las urgencias inmediatas, de cubrir el servicio de recolección de basura, asistencia de los bomberos, etc., sino sobretudo que haga posible la participación democrática de la población en los procesos de creación de cultura y comunicación colectivos. Es decir, un Estado al servicio del hombre y no el hombre al servicio del mercado.

Debemos recordar que ya en el siglo XIX las profundas alteraciones que produjo el funcionamiento autónomo del mercado autoregulado en México generaron tantas contradicciones sociales que dieron origen al capitalismo salvaje e hicieron indispensable el surgimiento del Estado Benefactor para corregir dichos antagonismos insostenibles. Por ello, desde principios del siglo XX se intentó substituir la lógica de la supremacía del mercado, por otra lógica más sensible y humana de justicia y participación social³.

Incluso, constatamos que las principales naciones que impulsaron el modelo neoliberal del "Estado Mínimo" en los años 80s. como fueron los gobiernos de Ronald Regan en Estados Unidos y de Margaret Thatcher en la Gran Bretaña, a mediados de la década de los 90s. son corregidos drásticamente por los respectivos gobiernos de William Clinton en Norteamérica y de John Major en Inglaterra para fortalecer de nuevo al Estado Benefactor y resolver las grandes contradicciones que produjeron la aplicación irrestricta de las leyes del mercado en estos países. Dicha neointervención del Estado plantea ajustar el rumbo del autónomo del mercado a través de una acción mas activa de éste en la gestación de las macro políticas de crecimiento, pero no supone suprimirlo⁴.

Es por esto que, ante el nivel límite de evolución en el que nos encontramos como civilización nacional y frente a la creciente realidad de establecer la "Iniciativa del Mercado" en el campo de la cultura y la comunicación colectiva del país, debemos considerar que así como una cantidad de actividades estratégicas para el desarrollo del Estado Mexicano no pueden dejarse en manos del sector mercantil, a riesgo de que desaparezcan, como es el caso de la medicina preventiva, la generación del transporte urbano público, el impulso a la ciencia básica, la producción de infraestructura urbana⁵, etc; así tampoco puede delegarse a éste la construcción

de una **"Cultura Social para la Sobrevivencia Nacional"**. Esto debido, a que aunque, paradójicamente, a largo plazo, la planificación cultural es la inversión económica más rentable que existe en México, a corto plazo, no es lucrativa dentro de los criterios de **"ganancia pecuniaria"** y de corto plazo que establece la actual concepción neoliberal de la vida.

Por ejemplo, en el campo de la física el descubrimiento del **"Boscon de Higgs"** o el invento del acelerador de partículas mas costoso del mundo **"SSC"**, no pudieron desarrollarse sin la aportación multimillonaria de los Estados de la Comunidad Económica Europea y del Estado Americano⁶. De igual forma, la formación de una cultura ecológica, de una cultura de conservación de las especies que componen la conservación de las cadenas para la reproducción de la vida, de una cultura de la defensa de los ancianos, de una cultura del cuidado del Planeta Tierra, de una cultura de la convivencia civil, de una cultura de revaloración de lo nacional, de una cultura de la promoción de la vida, de una cultura de la reforestación, de una cultura de la humanización de las ciudades, etc. que son niveles de cerebralidad mínimos que requerimos construir y conservar culturalmente para sobrevivir en nuestra nación; tendrán que ser creados por el Estado y la sociedad civil, ya que para el sector privado-mercantil no son rentables efectuarlas.

Ante este panorama de creciente desigualdad comunicativa y espiritual que se establece en nuestra región con la acción mayoritaria de las leyes del mercado, es necesario que el Estado Mexicano cree las condiciones de otro equilibrio cultural a través de la elaboración de una nueva política de **"Liberalismo social en el Terreno Comunicativo"**, que actualmente no existe y se requiere urgentemente producir para coexistir en nuestro territorio. Para ello, hay que considerar que, por ejemplo, así como en México en el campo económico el Estado reprivatizó la banca estatal y paralelamente impulsó la banca de desarrollo para apoyar a los sectores más desfavorecidos, o que así como vendió empresas públicas para destinar fondos a los proyectos de equilibrio social vía el **"Programa Nacional de Solidaridad"**⁷; ahora, es necesario que así como ha permitido crecientemente el juego de los principios del mercado en el área cultural, se apoye la dinámica de la **"Comunicación Social"** que surge desde las necesidades de expresión y participación ideológica más apremiantes de los grupos mayoritarios del país.

No debemos olvidar que la aplicación de la lógica del mercado en el terreno cultural sin un programa social que lo guíe y complemente se convertirá en una dinámica de abuso de los más dotados sobre los menos favorecidos; y la implementación de la racionalidad del mercado en el área informativa con justicia comunicativa creará las bases de la **"Política de Comunicación Social de Mercado"** que será la médula del Nuevo Orden Mental que se requiere construir en México, el continente y el mundo⁸.

Con ello, se podrán rescatar los aspectos positivos que ofrece la economía de mercado en el campo cultural, como son la eficiencia, la competitividad, la libertad individual, la apertura de mercados, la adopción de nuevos financiamientos, la igualdad de oportunidades, etc; y al mismo tiempo se aplicarán los contrapesos culturales de nivelación mental necesarios para sobrevivir que no están incluidos dentro del frío cálculo económico del neoliberalismo mexicano. Frente a esto es imprescindible considerar que la práctica del libre juego de las fuerzas culturales y comunicativas, por sí mismas, no generarán automáticamente un proceso de comunicación superior en México; sino que para lograrlo se requiere la presencia y la acción de procesos sociales planificadores, con alto nivel de participación de la sociedad civil nacional. Contrapesos planificadores que no sean burocráticos, estatistas, paternalistas o populistas; pero que si vinculen los principales requerimientos de desarrollo social nacional con la dinámica de producción cultural.

De lo contrario, los grandes límites naturales, que por sí misma, fija la economía de mercado sobre las dinámicas comunicativas, generarán más contradicciones culturales que las pretende resolver por la acción de la oferta y la demanda; y que sólo podrán ser resueltas con la introducción de la **"Racionalidad de la Comunicación Social"** en el campo de lo público. De no construirse esta política de liberalismo social en el área comunicativa y cultural del país, cada vez más, se vivirá el profundo divorcio existente entre necesidades materiales y espirituales de crecimiento social y la formación de la cerebralidad colectiva para resolverlas.

En este sentido, por nuestro propio bien como continente, hoy estamos obligados a preguntarnos con todo rigor ¿Hasta dónde a mediano y largo plazo este modelo de desarrollo a través del **"Tratado de Libre Comercio"** creará una cultura que propicie el

verdadero crecimiento de nuestras comunidades nacionales o producirá un retroceso del avance del Hombre?. ¿Qué acciones culturales debemos de realizar para reforzar nuestras identidades nacionales dentro de los marcos de los principios del mercado?. ¿Cómo producir una cultura del desarrollo social mexicano dentro de la dinámica de la oferta y la demanda?. ¿Cómo conciliar las presiones de un modelo económico que tiende a deformar la estructura cultural de nuestro país para incrementar sus niveles de acumulación material, con la necesidad urgente de formar una cultura global para la sobrevivencia humana y el respeto a la vida?. ¿Cuáles deben ser los contenidos culturales de una política nacional de comunicación social en el México de final del siglo XX?.

De no hacernos estos cuestionamientos, y otros más, con honradez y severidad, encontraremos que en plena fase de modernización nacional, se habrán modificado las estructuras económicas, políticas, jurídicas, tecnológicas, etc. de nuestra sociedad; pero no se habrán transformado las estructuras mentales profundas que, en última instancia, son las que sostienen y le dan vida a nuestra nación. Bajo estas circunstancias la sociedad mexicana estará avanzando con los "ojos vendados" por un precipicio mental muy peligroso y dentro de algunos años veremos y sufriremos las consecuencias devastadoras que habrá dejado sobre nuestras conciencias y comportamientos colectivos la presencia de la lógica de mercado en el terreno cultural y espiritual de nuestro país.

NOTAS

(1) **En el TLC el mercado fijará precios a los básicos**, Excelsior, 27 de marzo de 1992; **¿De qué sirve la democracia si pervive el mercantilismo en América Latina?**, Excelsior,, 3 de junio de 1992; Está en duda que el mercado solucionará mágicamente los problemas económicos, El Financiero, 26 de noviembre de 1993.

(2) **La lógica del mercado**, El Financiero, 4 de agosto de 1992; **Regula la existencia de la sociedad**, Excelsior, 31 de mayo de 1992; **Base del Estado corporativo**, Excelsior, 2 de junio de 1992; **Intervencionismo del Estado. Orígenes y modalidades del Estado**, Excelsior, 3 de junio de 1992; **Izquierda y totalitarismo. Orígenes y modalidades del Estado**, Excelsior, 4 de junio

de 1992; **La teoría del Estado. Orígenes y modalidades del Estado**, Excelsior, 5 de junio de 1992.

(3) **El retiro del Estado impone retos capitales al neoliberalismo**, Excelsior, 28 de septiembre de 1993; **El cambio debe ser garantía de justicia**, Excelsior, 28 de septiembre de 1993; **La nueva cara del regulador económico**, Excelsior, 28 de septiembre de 1993; **Peligro el capitalismo salvaje**, Excelsior, 2 de noviembre de 1993.

(4) **Sí al neostatismo para guiar y no remplazar al mercado**, Excelsior, 13 de abril de 1992; **Corrige J. Major a M. Thatcher y fortalece al Estado Benefactor**, Excelsior, 15 de julio de 1992; **Profundo rechazo en Wall Street a Clinton. Temor a un incremento de tasas de interés e inflación**, El Financiero, 13 de noviembre de 1992; **El Neointervencionismo Estatal**, El Financiero, 23 de noviembre de 1992; **Clinton: ¿Un nuevo Liberalismo Social?**, El Financiero, 24 de noviembre de 1992; **Clinton, intervencionista astuto si concilia Estado y mercado**, Excelsior, 26 de noviembre de 1992.

La aplicación del liberalismo a ultranza en Estados Unidos durante más de 15 años provocó que una pequeña minoría se enriqueciera desproporcionadamente, mientras la mayoría social se convirtiera en más pobre, sin encontrar en el "paraíso capitalista" la felicidad prometida. De igual forma, la implementación durante varios años de la dinámica de la "mano invisible" en Inglaterra descuidó la educación pública al grado que en 1992 sólo el 34% de los jóvenes entre 16 y 18 años gozaban de un sistema de capacitación, contra 47% en Alemania y 66% en Francia. **El Neoliberalismo continúa haciendo "agua" en Estados Unidos**, El Universal, 2 de octubre de 1993.

(5) **Las fuerzas del mercado solas no resuelven problemas: MCS**, Excelsior, 20 de mayo de 1992; **La disputa entre liberalismo y nacionalismo amenaza a la paz mundial**, Excelsior, 2 de diciembre de 1992.

(6) **¿Realmente debemos confiar todo a la Iniciativa Privada?: El caso de la Física**, El Financiero, 1 de noviembre de 1991.

(7) **Liberalismo social, nuestra filosofía; Contra Estatismo y Neoliberalismo absorbente**, El Financiero, 5 de marzo de 1992. **El liberalismo social**, Excelsior, 7 de marzo de 1992; **El liberalismo social: Nuestro camino**, Uno Más Uno, 8 de marzo de 1992; **¿Neoliberalismo social?**, Uno Más Uno, 11 de marzo de 1992; **Entre la política y la economía. La condición de los serviles**, Excelsior, 13 de marzo de 1992; **El liberalismo social fortalece la soberanía**, Uno Más Uno, 13 de marzo de 1992; **Recursos a los marginados con mecanismos de mercado**, Excelsior, 14 de marzo de 1992; **Que del liberalismo**, Uno Más Uno, 17 de marzo de 1992; **De nuevo sobre el liberalismo**, Uno Más Uno, 10 de marzo de 1992; **El liberalismo social se**

vive con el Pronasol, Excelsior, 21 de marzo de 1992; Ni la soberanía es obsoleta, ni existe un modelo único, Excelsior, 22 de marzo de 1992; **El liberalismo social no es un antagonismo**, Uno Más Uno, 27 de marzo de 1992; **El liberalismo social no tiene cabida en una sociedad pasiva y apolítica**, Uno más Uno, 27 de marzo de 1992; **El liberalismo social permite rechazar, por igual, capitalismo salvaje y populismo**, Uno Más Uno, 27 de marzo de 1992.

(8) Occidente debe olvidar la privatización a ultranza, Excelsior, 1 de junio de 1992; Mercado con política social: Salinas, Excelsior, 23 de noviembre de 1993.

DOCUMENTACION CONSULTADA.

- **¿De qué sirve la democracia si pervive el mercantilismo en América Latina?**, Excelsior,, 3 de junio de 1992.
- **¿Neoliberalismo social?**, Uno Más Uno, 11 de marzo de 1992.
- **¿Realmente debemos confiar todo a la Iniciativa Privada ?**: El caso de la Física, El Financiero, 1 de noviembre de 1991.
- **Base del Estado corporativo**, Excelsior, 2 de junio de 1992.
- **Clinton, intervencionista astuto si concilia Estado y mercado**, Excelsior, 26 de noviembre de 1992.
- **Corrige J. Major a M. Thatcher Y fortalece al Estado Benefactor**, Excelsior, 15 de julio de 1992.
- **De nuevo sobre el liberalismo**, Uno Más Uno, 10 de marzo de 1992.
- **El cambio debe ser garantía de justicia**, Excelsior, 28 de septiembre de 1993.
- **El liberalismo social fortalece la soberanía**, Uno Más Uno, 13 de marzo de 1992.
- **El liberalismo social no es un antagonismo**, Uno Más Uno, 27 de marzo de 1992.
- **El liberalismo social no tiene cabida en una sociedad pasiva y apolítica**, Uno más Uno, 27 de marzo de 1992.

- El liberalismo social permite rechazar, por igual, capitalismo salvaje y populismo, Uno Más Uno, 27 de marzo de 1992.
- El liberalismo social se vive con el Pronasol, Excelsior, 21 de marzo de 1992.
- El liberalismo social, Excelsior, 7 de marzo de 1992.
- El liberalismo social: Nuestro camino, Uno Más Uno, 8 de marzo de 1992.
- El Neointervencionismo Estatal, El Financiero, 23 de noviembre de 1992. Clinton: ¿Un nuevo Liberalismo Social?, El Financiero, 24 de noviembre de 1992.
- El Neoliberalismo continúa haciendo "agua" en Estados Unidos, El Universal, 2 de octubre de 1993.
- El retiro del Estado impone retos capitales al neoliberalismo, Excelsior, 28 de septiembre de 1993.
- En el TLC el mercado fijará precios a los básicos, Excelsior, 27 de marzo de 1992.
- Entre la política y la economía. La condición de los serviles, Excelsior, 13 de marzo de 1992.
- Está en duda que el mercado solucionará mágicamente los problemas económicos, El Financiero, 26 de noviembre de 1993.
- Intervencionismo del Estado. Orígenes y modalidades del Estado, Excelsior, 3 de junio de 1992.
- Izquierda y totalitarismo. Orígenes y modalidades del Estado, Excelsior, 4 de junio de 1992.
- La disputa entre liberalismo y nacionalismo amenaza a la paz mundial, Excelsior, 2 de diciembre de 1992.
- La lógica del mercado, El Financiero, 4 de agosto de 1992.
- La nueva cara del regulador económico, Excelsior, 28 de septiembre de 1993.

- **La teoría del Estado. Orígenes y modalidades del Estado**, Excelsior, 5 de junio de 1992.
- **Las fuerzas del mercado solas no resuelven problemas: MCS**, Excelsior, 20 de mayo de 1992.
- **Liberalismo social, nuestra filosofía. Contra Estatismo y Neoliberalismo absorbente**, El Financiero, 5 de marzo de 1992.
- **Mercado con política social: Salinas**, Excelsior, 23 de noviembre de 1993.
- **Ni la soberanía es obsoleta, ni existe un modelo único**, Excelsior, 22 de marzo de 1992.
- **Occidente debe olvidar la privatización a ultranza**, Excelsior, 1 de junio de 1992.
- **Peligro el capitalismo salvaje**, Excelsior, 2 de noviembre de 1993.
- **Profundo rechazo en Wall Street a Clinton. Temor a un incremento de tasas de interés e inflación**, El Financiero, 13 de noviembre de 1992.
- **Que del liberalismo, Uno Más Uno**, 17 de marzo de 1992.
- **Recursos a los marginados con mecanismos de mercado**, Excelsior, 14 de marzo de 1992.
- **Regula la existencia de la sociedad**, Excelsior, 31 de mayo de 1992.
- **Sí al neoestatismo para guiar y no remplazar al mercado**, Excelsior, 13 de abril de 1992.

QUALIDADE, QUALIDADE E QUALIDADE

Luiz Gonzaga Godoi TRIGO*
Paulo Roberto Faddul BIAFORA**

De repente todo mundo começou a falar de qualidade no turismo. O 13º Encontro Nacional de Bacharéis e Estudantes em Turismo, realizado em Belo Horizonte em 1993, teve como tema a Qualidade no Turismo. A Semana de Estudos Turísticos da Faculdade Ibero-Americana em São Paulo, também privilegiou o tema. Se você for procurar publicações sobre o assunto em uma boa livraria, encontrará dezenas de títulos. No primeiro semestre de 1994 o jornal Folha de São Paulo publicou oito fascículos especiais sobre Qualidade Total. Percebe-se facilmente que é um assunto "quente" mas, afinal, o que é qualidade?

Pode-se começar com o que não é qualidade. Por exemplo, nos últimos dias em um emprego público em cargo de confiança, alguém recebeu uma fotocópia da secretária (o papel já tinha rodado por todo o prédio, claro) onde se lia: *"Teoria é quando se sabe tudo e nada funciona. Prática é quando tudo funciona e ninguém sabe porque. Neste recinto conjugaram-se teoria e prática, nada funciona e ninguém sabe porque."* O homenageado não pode deixar de rir e depois pensar como os administradores, planejadores e executivos ligados desacreditados neste planeta. Mas percebeu que não era o único a travar contato com estas descrenças e críticas bem humoradas da população. O consultor de empresas Júlio

(*) Professor da PUCCAMP mestre em Filosofia Social e doutorando em Educação na UNICAMP. É autor do livro "Turismo e Qualidade - Tendências Contemporâneas".

(**) Bacharel em turismo pela PUCCAMP e diretor da Companhia de Traslados, em Campinas.

Lobos, autor do livro "Qualidade através das pessoas", coloca na primeira página a seguinte citação: *"As coisas aqui são feitas como os elefantes fazem amor - em alto nível, aos urros e berros e levam anos para dar resultado."* Depois disso, o autor vai explicar que os inúmeros procedimentos administrativos ao longo deste século geraram ceticismo sobre novos métodos, modas e manias administrativas.

Há vários conceitos incorretos sobre qualidade. Um deles é que esta seria uma metodologia absolutamente nova e inédita no mundo ocidental. Não é bem assim.

A preocupação com qualidade começou com a indústria norte-americana desde 1914, quando Henry Ford criou sua linha de produção de carros automatizada. Posteriormente disseminou-se por quase todas as indústrias da América do Norte e finalmente da Europa Ocidental. O Japão, após a Segunda Guerra, importou consultores de qualidade dos EUA, aprendeu o processo, aperfeiçoou-o e criou o Controle de Qualidade Total.

Os Estados Unidos não mandaram especialistas para ensinar os japoneses a fabricarem produtos com alta qualidade por filantropia. Em 1950, com a guerra da Coreia, seria mais interessante econômica e estrategicamente que os EUA tivessem um eficiente escudo anti-comunista na Ásia. A situação era delicadíssima pois havia a costa oriental da ex-União Soviética, a China que se tornou socialista em 1949 e o todo o sudeste asiático entrando em ebulição política. O socialismo avançava pelo continente asiático. Os americanos tinham poder político sobre a oceania e as Filipinas, ao sul e sobre o Japão, ao norte. O arquipélago japonês estava semi-destruído pela II Guerra e seus produtos industriais eram ruins, não tinham qualidade. Os americanos estruturaram um plano econômico chamado Colombo, semelhante ao plano Marshall da Europa, para auxiliar o Japão e exportaram métodos de controle de qualidade para garantir um mínimo de eficiência às indústrias japonesas que produziriam artigos de apoio para a guerra na Coreia. A produção era para suprir parte do abastecimento do Pacífico, afinal a indústria norte-americana estava em plena produção atendendo seu mercado interno, a América Latina e a reconstrução européia. O Japão adorou a metodologia sobre qualidade. Deming, um autor famoso sobre qualidade, foi um destes primeiros consultores a ensinar os japoneses. Se os professores eram bons,

os alunos melhores ainda. Basta ver a disputa japonesa no mundo contemporâneo e a qualidade sendo quase sinônimo dos produtos e serviços asiáticos, inclusive no setor turístico.

Outra idéia errada é que qualidade tem a ver apenas com produtos caríssimos ou sofisticados. Nada disso. Desde em um tradicional restaurante francês ou italiano até em uma lanchonete Mc Donald's pode-se encontrar a chamada "qualidade total". Uma feijoada feita em um bairro pobre, seguindo a receita tradicional de uma experiente cozinheira tem qualidade total. Aquele doce que a sua tia ou avó faz em casa com receita proveniente da fazenda ou dos antepassados imigrantes também tem qualidade total. Qualquer coisa que seja feita com atenção, capricho, meticulosidade, metodologia e que siga padrões bem definidos, tem qualidade total, seja no mundo ocidental ou no oriente.

Finalmente, com atraso, o tema chegou ao Brasil. Atualmente é fundamental para dar apoio aos produtos que querem se encaixar nas normas internacionais como a ISO série 9000 (Organização Internacional para Normalização).

Seria a Qualidade outra moda administrativa empresarial no Brasil? Depende. Para o consultor Júlio Lobos, *"qualidade tem a ver primordialmente com o Processo pelo qual os produtos ou serviços são materializados. Se o Processo for bem realizado, um bem Produto Final advirá naturalmente. A qualidade reside no que se faz - aliás, em tudo o que se faz - e não apenas no que se tem como consequência disso."* As palavras mágicas são "processo" e "padrão". Sempre relacionado com o "melhor". Goethe dizia que *"O gosto só pode ser educado pela contemplação não do que é razoavelmente bom, mas daquilo que é puramente excelente. Só revisando apenas os melhores trabalhos que já fiz é que posso estabelecer um padrão para o futuro"*. Só o melhor vale como parâmetro, o resto é mediocridade e empulhação.

Quem tem qualidade total no turismo internacional? Cadeias hoteleiras como a Ritz-Carlton, Four Seasons, Marriot, Westin e Hyatt; companhias aéreas como a Singapore Airlines, Swissair, JAL e Thai; companhias de cruzeiros marítimos como Seabourn, Crystal, Royal Viking e Windstar (dados da revista Condé Nast Traveler de outubro de 1993).

Observe o que uma empresa de "fast food", a McDonald's, escreve sobre um de seus sanduíches: *"Ele passa pela escolha dos ingredientes e por procedimentos rigorosos no preparo dos alimentos que se repetem milhões de vezes todos os anos, como se tivessem sido feitos por uma mesma pessoa."*

Isso vale para uma roupa, uma comida mais sofisticada, um equipamento eletrônico de vídeo ou som, um computador, um doce, um atendimento hospitalar ou uma viagem. Qualidade não é uma novidade passageira ou mais um trâmite administrativo criado por burocratas. Sempre existiu na humanidade, mas com outros nomes e com outras intenções como a estética, princípios morais e religiosos, políticos ou filosóficos. Deve-se lembrar que sem ética e respeito humano é impossível conseguir-se qualidade total, portanto evite apegar-se apenas a manuais técnicos e procedimentos burocráticos. A qualidade tem um forte componente humanista, ao lado das exigências disciplinares e de eficiência.

Muitos dos tópicos comentados na literatura sobre qualidade têm a ver apenas com produtos industriais, porém nosso interesse é o turismo, inserido no setor terciário ou prestação de serviços. Não há problema. Já existem livros que tratam do controle de qualidade especificamente nesta área. O melhor deles, indiscutivelmente, é *"Revolução nos serviços"* de Karl Albrecht. É um texto delicioso de se ler por ser direto, profundo e abrangente. Quem trabalha no setor terciário e ainda não leu, provavelmente está perdendo dinheiro. O livro aponta alguns erros comuns do setor de serviços e outros pontos básicos para melhorar o nosso desempenho. As dez idéias principais de Albrecht sobre o assunto são:

1. Os serviços possuem um impacto econômico mais forte do que imaginávamos e sua qualidade é pior do que supúnhamos. Uma pesquisa norte-americana diz que *"a maioria dos clientes não satisfeitos não reclama. Para cada reclamante, há 26 outros clientes insatisfeitos, sendo que desses, pelo menos 6 têm problemas bastante sérios. Os fatos mostram que 65% a 90% dos clientes que não reclamam não voltam mais a comprar o produto ou serviço que não os satisfizeram. Além disso as empresas não ficam sabendo que perderam o cliente."*

2. Muitas organizações de serviços estão em posição de defesa no que se refere à qualidade. Poucos aceitam as reclamações

dos clientes. Albrecht afirma que o dever do consumidor é reclamar sempre que for mal atendido, caso contrário nunca teremos elevação dos padrões de serviços em nossa comunidade.

3. A administração precisa ver o impacto do serviço sobre o lucro para levá-lo a sério. Ainda há gente imaginando que o cliente faz um favor ao vir à sua empresa. Em breve estarão fechando, pois o mercado mudou bastante. Só quem trabalha com produtos e serviços ordinários, pode maltratar seus clientes e mesmo assim corre o risco de quebrar a cara, literalmente.

4. Quanto mais tempo se está num ramo, maior a probabilidade de não se compreender o cliente. A acomodação e a cegueira frente às mudanças do mercado e das pessoas, leva empreendedores e profissionais a repetir atitudes que no passado eram corretas mas se tornaram obsoletas, inconvenientes ou até mesmo erradas. Sem contar que sem pesquisa apropriada não se pode saber o que pensam outros grupos etários, étnicos, sociais e culturais diferentes do meu.

5. Um serviço é muito diferente de um produto físico. Parece óbvio, mas tem gente que pensa administrar uma agência de viagens como quem toca um carrinho de pipocas. Quem pensa assim geralmente perde em competência para o pipoqueiro.

6. Os administradores não controlam sozinhos a qualidade de um serviço, pois ele depende muito de todos os funcionários. Entra a necessidade do treinamento e acompanhamento da equipe.

7. A melhoria do serviço começa no topo da organização. Patrão ordinário igual a equipe ineficiente e resultado medíocre. A não ser que o dono nunca apareça no negócio. As exceções a este caso só vêm confirmar a regra.

8. É necessário um treinamento e orientação para a melhoria dos serviços em pontos cruciais ou nas "horas da verdade".

9. Seus funcionários são o primeiro mercado a ser convencido da importância das mudanças. Se a sua equipe não acredita na proposta, ela não poderá vender ao público seu produto ou serviço e não se sentirá realizada profissionalmente por executar um trabalho sério e reconhecido pelas outras pessoas.

10. Os sistemas tradicionais geralmente são os inimigos do serviço. Basta ver o que a burocracia e a esclerose administrativa

fazem com o setor público no mundo inteiro em geral e mais especialmente em países sub-desenvolvidos como o Brasil e em algumas empresas privadas.

Se você trabalha em serviços, especialmente em turismo, não deixe de ler **"A hora da verdade"**, de Jan Carlzon. Este sueco foi presidente da SAS e conseguiu recuperar a empresa na década de 1980, após grandes dificuldades financeiras. O livro conta inúmeros casos dos seus fracassos e sucessos como executivo de primeira linha na Escandinávia. Seu livro é um dos melhores relatos sobre uma experiência administrativa revolucionária, lúcida e que respeita o profissional como um ser humano igual em direitos, desejos e méritos por um trabalho bem executado.

Um outro livro específico para o turismo é o de Denis Walker, ex-executivo da British Airways, que publicou **"O cliente em Primeiro lugar"**. Este é um livro mais técnico, indicado para aqueles que gostam de práticas administrativas. O texto do Carlzon é destinado a um público amplo e se pauta mais pelo bom senso e inteligência operacional, do que por métodos organizacionais como em Denis Walker.

Quanto ao turismo, os dados estatísticos definem com mais clareza a realidade do mercado. Uma pesquisa da Horwath Consulting demonstra que dos turistas estrangeiros que visitaram o Brasil, 29,4% criticaram a segurança; 28,8% a qualidade dos serviços públicos; 25,2% o receptivo turístico; e 15,1% o serviço de táxis. Com estes resultados, o desempenho do turismo receptivo brasileiro não pode ser muito bom. E não é. Em 1990 apenas 1.091.067 turistas estrangeiros vieram ao Brasil, a metade do número de visitantes que foram para a Argentina.

Uma pesquisa especial da Associação Brasileira dos Agentes de Viagens (ABAV) e Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE), publicada em agosto de 1993 na revista *Conjuntura Turística*, faz um levantamento completo do perfil do agente de viagens. Onde se centralizam as críticas e as falhas? Vejamos a pesquisa.

REGIÃO	MAU ATENDIMENTO	DEMORA P/ INFORMAR	INFORMAÇÕES INCORRETAS
Norte	33,3%	33,3%	33,3%
Centro-Oeste	57,1%	14,3%	-
Nodeste	11,1%	33,3%	22,2%
Sudeste	28,9%	36,8%	2,6%
Sul	44,4%	11,1%	11,1%

Os dados acima referem-se às pessoas que reclamaram dos serviços (entre 20% e 30% dos pesquisados). Nota-se claramente que a falta de qualidade aparece em todas as regiões e em todos os motivos que geram reclamações.

Como o mercado pretende sanar estas falhas? Evidentemente com treinamento, especialmente nas áreas de promoção e atendimento ao público. Mais de 60% dos entrevistados consideram como muito importantes as realizações de cursos e seminários. Ao lado desta consciência aparece em seguida a acomodação e a praga da indiferença. *"Desses 60%, no entanto, 18,5% não estariam dispostos a pagar por eles. As principais razões alegadas são falta de interesse, ou pérolas como é na prática que se aprende, tem poucos funcionários e depois de aprender o funcionário monta sua própria agência"*. Será que eles pensam que cultura e informação caem do céu gratuitamente ou que vão incrementar sua produtividade e qualidade mantendo a equipe ignorante? É a mediocridade militante e consagrada pelo sub-desenvolvimento que atinge inclusive parte da iniciativa privada.

Estes são apenas alguns dos inúmeros relatórios, pesquisas, livros a respeito de qualidade. Há ainda revistas, cursos, seminários e todo tipo de matérias sobre o tema. Considerando-se que a gente costuma falar muito daquilo que ainda não tem, é bom correr para ler algo a respeito. Lembre-se de que muitos profissionais e empresários já estão com estes livros lidos e relidos nas suas prateleiras e colocando em prática o que aprenderam, principalmente a última lição: qualidade é sinônimo de lucro e competitividade no mercado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBRECHT, Karl - **Revolução nos Serviços** - São Paulo, Pioneira, 1992.
- CARLSON, Jan - **A hora da verdade** - Rio de Janeiro, COP, 1992
- LOBOS, Júlio - **Qualidade através das Pessoas** - São Paulo, J. Lobos, 1991.
- MOLLER, Claus - **O lado humano da qualidade** - São Paulo, Pioneira, 1992.
- RIES, Al e TROUT, Jack - **Marketing de Guerra** - São Paulo, Mc Graw Hill, 1986.
- TRIGO, Luiz G. G. - **Turismo e Qualidade - Tendências Contemporâneas** - Campinas, Papirus, 1993.
- Revista Condé Nast Traveler, Outubro de 1993, pág. 171.

MERCADO TURÍSTICO BRASILEIRO NA EUROPA

Isval Marques de PINHO
(3º ano do curso de turismo)

RESUMO

A Europa recebe do Brasil um turista de elite, mas este segmento tem apresentado crescimento muito pequeno nos últimos anos. Os segmentos mais promissores (jovens, negócios e férias com atividades específicas) não tem tido um tratamento adequado e, conseqüentemente, outros pólos turísticos têm ganho maior participação no mercado. Só em 1993, viagens aos EUA aumentaram 25% enquanto o número de viagens para a Europa está estagnado no mesmo patamar há 3 anos.

A Europa corre um sério risco de perder sua participação no mercado turístico brasileiro (mais de US\$ 1 bilhão anuais) pelo envelhecimento de seus visitantes preferenciais e pela obsolescência de seus produtos turísticos. As organizações turísticas devem se preocupar em se adequar às novas necessidades de uma demanda crescente e tornar o velho continente mais acessível.

1. INTRODUÇÃO

A indústria que mais cresce no mundo já é a maior indústria do mundo: o turismo. Ela movimentou, em 1993, cerca

de US\$ 2,5 trilhões. Os negócios capilares que gravitam ao redor do turismo podem somar outros US\$ 3,4 trilhões. E os gastos com turismo doméstico, sem avião nem hotel acabam de ser estimados, em todo mundo em US\$ 4,5 trilhões. Total da fatura: US\$ 10,4 trilhões. Fonte: World Travel & Tourism Council (1993).

A nível mundial a indústria brasileira de Viagens e Turismo ocupa o 10º lugar em faturamento e previsão para 1994 é de US\$ 45 bilhões. Esse valor representa aproximadamente 56% do mercado da América Latina, porém apenas 1,3% do total mundial. (Fonte: WTTC: Brasil Viagens e Turismo (1994))

A Embratur traçou um perfil do brasileiro que viajou para o exterior em 1992 e constatou que ele vem passando por mudanças sensíveis nos últimos anos. Em 1991 mais de 70% das viagens eram de turismo e pouco mais de 20% eram de negócios. Já em 1992, 62,4% dos brasileiros viajaram para o exterior a lazer e 29,3 % para contactos comerciais. Aumentou também o índice de viagens organizadas por agências de 37,8 para 39,4%. Em compensação diminuiu a permanência média de 18 para 16 dias e os gastos médios por pessoa/dia: US\$ 86,46 para US\$ 82,78.

A pesquisa mostra também que os destinos que mais atraíram os brasileiros foram os EUA, a Argentina e a França. (Fonte: Divisão de Estatísticas/Embratur -1992)

A Europa não tem se destacado como sendo principal destino dos turistas brasileiros e o crescimento do fluxo turístico para a Europa nos últimos 3 anos, é praticamente, nulo. Em contrapartida, os Estados Unidos continuam sendo o maior polo turístico e o seu fluxo cresceu 25% no último ano. Em consequência, a Europa tem diminuído sua participação em um mercado estimado de 1,3 a 1,4 milhões de viajantes.

O mercado turístico do brasileiro que viaja ao exterior é estimado em mais de 1 bilhão de dólares anuais, apresenta um potencial crescimento e, por isso mesmo, é acirradamente disputado pelas organizações dos principais pólos turísticos.

Uma pesquisa da European Travel Commission (ETC) detectou, no entanto, que a presença européia na mídia brasileira é relativamente escassa quando comparada à presença americana. Os americanos investem muito mais nessa área e são recompensados pelo maior fluxo turístico.

Os dados e informações aqui apresentados são resultado de uma pesquisa desenvolvida pela European Travel Commission (ETC), realizada em 1993, ratificada e complementada por uma pesquisa individual a outras fontes de informação, em agências de turismo de Campinas e entrevistas com 23 turistas, realizada em agosto de 1994.

A pesquisa da ETC foi baseada em 900 entrevistas nos aeroportos do Rio e São Paulo.

2. O MERCADO BRASILEIRO

EM QUANTIDADE DE VIAJANTES

De acordo com dados da Embratur, as viagens ao exterior cresceram de 30 a 35% entre 1988 a 1992 passando de 950 mil para 1,33 milhões. Dados mais recentes sinalizam um incremento anual de 7 a 10 % nos próximos anos.

Ainda não há dados disponíveis considerando os impactos positivos que o Plano Real possa trazer. Sabe-se de antemão, no entanto, que nas economias estáveis os gastos em lazer (de 10 a 15% do salário) são bem maiores que os praticados no Brasil (cerca de 6%). Caso o Plano Real se consolide, podemos antever, um índice maior ainda nas viagens ao exterior.

OS DESTINOS DE VIAGENS

Quanto à preferência do *destino*, assim viaja o brasileiro:

América do Norte	490 mil
América Latina	390 mil
Europa	360 mil
Ásia	40 mil
Caribe/A. Central	35 mil

Fonte: Embratur/DAC (estimativas para 1993)

A comparação no Quadro 1 abaixo indica as alterações de preferências ao longo da última década como principal entrada na Europa:

Quadro 1

País de Entrada	1984		1992		1993 (Est.)	
	Posição	%	Posição	%	Posição	%
Portugal	1º	21,26	2º	18,24	1º	18,85
Itália	2º	17,68	3º	15,64	2º	16,09
França	3º	16,63	4º	12,83	3º	12,49
Espanha	4º	11,38	1º	18,72	4º	16,39
Alemanha	5º	0,96	5º	12,60	5º	14,51
Inglaterra	6º	7,62	6º	11,30	6º	9,61
Suíça	7º	3,43	7º	4,28	7º	4,21
Holanda					8º	3,78
Bélgica					9º	2,48
Dinamarca					10º	1,70

Os 5 principais portos de entrada permaneceram liderando seus postos nessa década, apesar de trocas de posição entre alguns. A Espanha cresceu significativamente, pois houve também um aumento do fluxo turístico da Espanha para o Brasil.

Um dado interessante é que apesar dos brasileiros visitarem com mais frequência os países do Mediterrâneo, os pontos de entrada na Europa estão distribuídos entre vários outros países.

Quando perguntado sobre os países visitados, descobre-se que a preferência do brasileiro é a França, mas não faz desse país seu principal porto de entrada na Europa (Quadro 2):

Quadro 2

Países Visitados	SP (%)	RJ (%)	BRASIL (%)
França	42,7	31,4	38,9
Itália	36,2	26,7	33
Espanha	28	25	27
Portugal	26,5	26,7	26,6
Alemanha	25,7	22,4	24,2
Inglaterra	26,5	16,4	23,1
Suíça	17,7	12,4	15,9
Áustria	14	8,4	12,1
Holanda	10	9,4	9,8
Bélgica	8,8	8,4	8,7
Escandinávia	18,6	6	12,9
Outros	11,9	4	10,8

O total ultrapassa os 100% pois, em média, o brasileiro visita 2,4 países europeus por viagem, mas cerca de 40% visitam apenas um único país, principalmente os homens de negócio.

Considerações sobre o Quadro 2:

- . A França lidera a preferência dos países visitados seguida por outros países do Mediterrâneo.
- . A Alemanha e Inglaterra entraram na lista de preferências recentemente.
- . Vários pequenos países (região dos Alpes e Escandinávia, por exemplo) ultrapassam a casa dos 10%.
- . Os cariocas são mais atraídos pelo países tradicionais, enquanto que os paulistas mostram uma maior variedade de escolha (11 países, cada um acima de 10% do total).

Quadro 3

Saídas para Europa	%
São Paulo	54,6
Rio	23,3
Minas Gerais	4,1
R. G. do Sul	3,7
Paraná	3,4
Brasília	2
Bahia	1,6

Fonte: Digitur 1992

SAÍDAS DO PAÍS

O Quadro 3 é um espelho das disparidades regionais no Brasil e mostra por onde saem os turistas com destino à Europa:

Com exceção de São Paulo e Paraná, a maioria dos viajantes residem nas capitais.

MERCADO DISTRIBUIDOR DOS PRODUTOS

Duas características do mercado não favorecem a venda dos produtos turísticos da Europa:

- . Excessiva fragmentação do mercado: são 8000 agências no total (5000 para vender produtos internacionais) Nenhuma grande agência chega a ser dona de 1% do mercado.
- . As operadoras de pacotes estrangeiros são fracas, principalmente ao vender produtos turísticos da Europa. Somente cerca de 100 oferecem produtos europeus.

A pesquisa detectou também que há uma **concentração** significativa de oferta de pacotes europeus de um **único tipo**: passeios de ônibus por vários países tradicionais. São excursões de

20 a 30 dias percorrendo de 7 a 9 países (geralmente França, Espanha, Itália, Alemanha, Áustria, Suíça, Inglaterra, Bélgica e Holanda). Em média visitam-se 18 cidades.

Outro fato a se notar pela pesquisa é que, apesar de uma *demanda perceptível*, bem poucas operadoras *oferecem outros produtos* tais como: 'parte aérea + hotel em 2 ou 3 cidades' ou 'fly and drive'

3. O VIAJANTE À EUROPA

A IMAGEM DA EUROPA

O principal fator que atrai o brasileiro à Europa é a imagem da "*Cultura*". Razões culturais como 'história', 'civilização', 'tradição' foram mencionadas por quase 40% dos viajantes. Cerca de 20% associou a visita à Europa como 'a pátria dos pais ou avós', 'família' ou 'retorno às raízes'.

Somente 13% ligou a Europa à idéia de 'modernismo', o grupo de 'negócios ou estudos' compõe outros 12% e cerca de 10% têm uma imagem subjetiva de: 'excelência', 'lugar muito bom de conhecer', 'um mundo para descobrir'.

O VIAJADOR

- . Através da pesquisa, soube-se que os viajantes entre 30 a 50 anos atingem 44% do total.
- . Embora a população *jovem (até 20 anos) seja 50% aproximadamente da população do país, somente 10% deles viajam para a Europa.*
- . O viajante idoso representa 15%, mas é um segmento em crescimento.

Quadro 4 - Turistas brasileiros na Europa

Ano do Nascimento	SP (%)	RJ (%)	BRASIL (%)
Antes de 1930	12,5	16	13,6
1931 - 1940	17,2	28,3	20,9
1941 - 1950	22,3	23,3	22,7
1951 - 1960	19,7	17,3	18,9
1961 - 1970	15,8	10,3	14
Depois de 1971	12,5	5	9,9
TOTAL	100	100	100

Num país com imensas disparidades sócio-econômicas, a Europa ou outros destinos de além-mar são privilégios de viajores ocupando algumas áreas *profissionais bem remuneradas*.

A pesquisa da ECT não se preocupou em descobrir o nível salarial do viajante. Em nossa pesquisa individual tivemos dificuldades em obter dados mais precisos, pois mais da metade se recusou a responder essa pergunta. Além disso, nossa amostragem é muito pequena em relação à amostragem da pesquisa da ECT. Os dados obtidos e a percepção pessoal nos sinalizam que o *salário mensal* (de 40 a 60% desses turistas) está na faixa de *US\$ 2,5 a 4 mil*.

Cabe notar que a pesquisa da ECT não levou em conta, mas detectamos nas entrevistas pessoais, que a *percepção* do turista sobre os *gastos para se viajar* e se manter na Europa são bem *superiores* quando comparados aos EUA, e que isto é um *impedimento* para que mais pessoas se disponham a viajar à Europa ou o faça com mais freqüência.

O Quadro 5 compara preços para uma viagem ou um tour de 15 dias. A variação mínima quando comparado aos EUA é de 30% superior, se o destino for a Europa.

Foi observado que, caso se pudesse dissociar os aspectos 'interesses culturais' dos aspectos 'sócio-econômicos', o que *decide uma viagem à Europa* é realmente a importância do *fator*

'cultural'. Isso fica patente ao analisarmos o Quadro 6: considerável número de viagens de estudantes, professores e artistas.

Quadro 5

Destino	Tarifa normal US\$	Baixa temporada US\$	Tour 15 dias US\$
EUA	2034	500	900
Caribe	1850	400	950
Europa	2750	800	1500

Quadro 6

Profissão	SP (%)	RJ (%)	BRASIL (%)
Executivo	16,8	14,3	15,5
Negociante	10,2	16,7	12,3
Estudante	12,8	6	10,6
Empreiteiro	8,3	5	7,2
Médico	7,7	6,3	7,2
Aposentado	5,2	8,7	6,3
Professor	6,3	5,7	6,1
Artista	2,3	2	2,2
Advogado	2	3,3	2,4
Outros	28,4	32,1	30,2
TOTAL	100	100	100

Parcela razoável de viajores são os *residentes estrangeiros* (28%) principalmente os portugueses, italianos, espanhóis e alemães. (Quadro7)

Quadro 7

Nacionalidade	SP (%)	RJ (%)	BRASIL (%)
Brasileiro	78,9	67	72,2
Português	10,4	15	12,2
Italiano	3,5	5	4
Espanhol	2,7	5	3,3
Alemão	2,2	2	2,2
Outros	6,3	6	6,1
TOTAL	100	100	100

Quadro 8

Modos de Viajar	SP (%)	RJ (%)	BRASIL (%)
Sozinho	27,7	47,7	34,3
Acompanhado por:	72,3	52,3	65,7
parentes	51,8	41,6	48,5
amigos	11,2	10	10,9
excursão	9,3	0,7	6,3

Quadro 7 revela uma diferença marcante entre São Paulo e Rio de Janeiro. Um número maior de residentes estrangeiros saem do país através do Galeão (RJ) do que de Cumbica (SP) (33% x 25% respectivamente)

O brasileiro viaja preferencialmente acompanhado com amigos ou parentes (65%) (Quadro 8)

SOBRE A VIAGEM

Os Quadros 9, 10 e 11 mostram que o viajante brasileiro é experiente, pois mais de 75% já visito pelo menos uma vez a Europa e 25% realiza mais de uma viagem anualmente ao velho continente.

Quadro 9

Viagens por ano	SP (%)	RJ (%)	BRASIL (%)
Uma	77,6	71,6	75,6
Duas	14,7	16,7	15,3
Três	4,9	4	4,6
Quatro	1	2	1,3
5 ou mais	1,9	5,7	3,1

Quadro 10

Última viagem à Europa	SP (%)	RJ (%)	BRASIL (%)
1992	21,7	35,3	26,2
1991	16,5	18,7	17,2
1990	8,7	10,3	9,2
1989	5,8	9	6,9
1988	3,3	4,3	3,7
Antes de 88	16,7	7	13,4
Nunca	27,4	15,3	23,3

Quadro 11 - Turistas brasileiros na Europa

Próxima viagem à Europa	SP (%)	RJ (%)	BRASIL (%)
Este ano	7,2	13	9,1
Próximo ano	21,7	29,7	24,3
Próximo 5 anos	0,5	22,7	7,9
Sem opinião	70,6	34,6	58,7

Ainda sobre a viagem, a pesquisa mostrou que os turistas para a Europa não necessariamente são os mesmos que visitam os EUA: 52% dos que vão à Europa jamais visitaram os EUA.

MOTIVOS DA VIAGEM

Além dos motivos tradicionais de realização de uma viagem: férias, negócios, visitas a amigos e parentes (VAP), foi observado um número crescente de outras razões tais como aperfeiçoamento (profissional ou de línguas) e 25% dos viajores apresentam diversos motivos para viajar. (Quadro 12)

Quadro 12

Razões da viagem	SP (%)	RJ (%)	BRASIL (%)
Férias	46,5	44,5	45,9
VAP	29,3	33,9	30,7
Negócios	17	10,3	15
Estudos	4,8	1,3	5,8
Outros	2,4	2,9	2,6

Quadro 13

Permanencia	SP (%)	RJ (%)	BRASIL (%)
De 1 a 10	11,1	10,7	10,9
De 11 a 20	20,3	18,3	19,7
De 21 a 30	33,7	26,7	31,3
De 31 a 60	24,8	26,3	25,3
Mais de 60	10,1	18	12,8
Média	dias	dias	32 dias

DURAÇÃO DA VIAGEM

A média é de 32 dias, mas a permanência da estadia na Europa é bastante variada: desde uma viagem de negócios de menos de 10 dias (11,1%) até estudantes que realizam cursos acima de 60 dias (12,9%) (Quadro 13)

GASTOS

O brasileiro gasta 2 vezes mais na Europa do que nos demais pólos turísticos. Segundo a Embratur, a média de gastos do brasileiro no exterior é de US\$ 82/dia incluindo acomodação. O viajante à Europa gasta US\$ 93/dia (Quadro 14) sem considerar as despesas de acomodação. Incluindo tais despesas os gastos diários superam US\$ 150. (Quadro 17)

Quadro 14 - Turistas brasileiros na Europa

Gastos diários/pessoa (sem hotel)	SP (%)	RJ (%)	BRASIL (%)
Até US\$ 50	27,3	46,4	32,2
De 50 a 100	46,2	35,4	43,4
De 100 a 250	22,4	13,9	20,2
Acima de 250	4,1	4,3	4,2

Quadro 15 - Turistas brasileiros na Europa

Planejamento da viagem	SP (%)	RJ (%)	BRASIL (%)
Menos de 1 mês	31,5	33,3	32,1
De 1 a 3 meses	25	30,7	26,9
De 3 a 6 meses	17,5	17	17,3
Mais de 6 meses	26	19	23,7

PLANEJAMENTO DA VIAGEM

Apesar do brasileiro ser famoso pela improvisação, a pesquisa mostrou que 75% dos brasileiros planejam a viagem com 1 mês de antecedência, no mínimo. (Quadro 15)

4. PRODUTOS

Como afirmado anteriormente, as atividades culturais são o principal atrativo da Europa para o brasileiro: visitas a museus, monumentos e eventos culturais (teatros, óperas, concertos). (Quadro 16) No entanto, notou-se que *novas atividades estão atraindo o interesse dos turistas e merecem atenção*. Apesar do interesse por *férias em praias* (evidenciado pelos 35 mil turistas que se dirigem ao Caribe), do interesse por *atividades esportivas* (como exemplo, esqui), *congressos e peregrinações religiosas* e de uma demanda crescente por *parques temáticos*, não se oferecem produtos europeus para satisfazer essas necessidades.

O próprio turista se organiza e contrata diretamente os produtos que ele deseja usufruir mas que as agências no Brasil não oferecem. (ver Quadro 18)

Quadro 16

Atividades	SP (%)	RJ (%)	BRASIL (%)
Museus/Monumentos	76,5	58,7	70,6
Teatro, ópera, concertos	57,2	44,3	52,9
Praias	38	15,3	30,4
Negócios	15,3	8,3	13
Visitas religiosas	12,3	4	9,6
Congressos	9,7	4,3	7,9
Estudos e treinamento	7	7	7
Esportes	7,7	2,3	5,9
Parques temáticos	7,5	0,3	5,1
Cursos de línguas	3,2	4	3,4
Eventos esportivos	3,3	2,7	3,1
Feiras	3,3	1	2,6

ACOMODAÇÃO

A pesquisa evidenciou que quanto à acomodação, o brasileiro prefere usar a hospedagem de amigos ou parentes (quase 50%) . Por outro lado, aqueles que ficam em hotéis tem predileção por acomodações de alta categoria. (Quadro 17)

Quadro 17

Acomodação	SP (%)	RJ (%)	BRASIL (%)
Amigos e parentes	40,3	63,3	48
Hotel 4 ou 5 estrelas	34,5	16	28,3
Hotel 3 estrelas	25,2	15	21,8
Hotel 2 ou 1 estrelas	7,2	6,3	6,9
Flat hotel	1,5	2	1,7
Outros	13,5	2,4	9,7

PACOTES TURÍSTICOS

Dado muito interessante e que poderá ser motivo de reflexão às agências é o fato de um número tão expressivo de turistas não usarem as agências para comprarem seus pacotes turísticos (parte terrestre), preferindo a contratação direta.

Quadro 18

Uso de agências	SP (%)	RJ (%)	BRASIL (%)
Transporte	82,8	78,3	81,3
Acomodação	31,5	9,7	24,3
Excursões	14,8	5,7	8,8
Outros produtos	3	14	6,7

5. CONCLUSÕES

O turista brasileiro que viaja à Europa tem o seguinte perfil:

- . Está entre 30 e 50 anos de idade.
- . É experiente: já esteve pelo menos uma vez na Europa.
- . Viaja de férias
- . A estadia média é de 30 dias.
- . Viaja acompanhado de parentes ou amigos.
- . Gasta em média US\$ 93/dia (sem considerar hotel)
- . Hospeda-se num hotel de alta categoria
- . Escolhe Portugal como primeira entrada na Europa.
- . Escolhe preferencialmente a França para conhecer.
- . Visita de 2 a 3 países durante a viagem
- . Seu principal interesse são os aspectos culturais do velho continente.
- . É turista da região Sul, muito provavelmente de São Paulo.
- . O salário anual situa-se entre US\$ 40 a 60 mil

Ele tem esse perfil bem definido e difere dos viajores brasileiros a outros locais. Ele compõe a elite dos turistas brasileiros: alto salário, bem posicionado na profissão, culto, apreciador de uma razoável diversidade de atividades culturais, a língua não é barreira para a comunicação e apreciador das boas coisas da vida (gastos 2 vezes maiores que a média).

As conclusões, no entanto, são preocupantes a quem se interessar pelo mercado turístico brasileiro voltado para a Europa e ao mesmo tempo servem de base para uma reflexão a fim de reverter a situação presente:

- . A fatia da Europa no mercado brasileiro está seriamente ameaçada pelo envelhecimento dos seus turistas preferenciais e pela obsolescência dos seus produtos turísticos.

As organizações turísticas, se não quiserem perder mais market-share no mercado de viagens internacionais, precisam urgentemente investir para atrair mais turistas dessa elite. Mas não podem, sobretudo, abrir mão de outros segmentos e oferecer produtos e serviços que se adequem às necessidades dessa demanda crescente, tornando esse mercado turístico mais acessível.

Como exemplo recente lembramos o sucesso impagável de uma oferta conjunta da Air France e da Amex de se comprar 2 passagens (para Paris) pelo preço de 1 (tarifa normal). A oferta, que deveria durar mais de 1 mês, esgotou-se em 2 ou 3 dias tal o nível de procura.

. Quanto às nossas operadoras e agências, a pesquisa trouxe à luz o perfil deste turista de elite e a escassez de oferta de certos produtos e serviços. As oportunidades estão à mostra. Quem souber aproveitá-las melhor, ganhará uma boa fatia do mercado.

Por que será que somente 8,8% dos viajantes optam por contactar uma agência para comprar um pacote turístico?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Conjuntura Turística - Publicação da ABAV Nacional (1992)
2. World Travel & Tourism Council (1993)
3. World Travel & Tourism Council: Brasil Viagens e Turismo (1994)
4. Survey on Brazilian travellers to Europe - European Travel Commission (1993)

OPINIÃO E DEBATE

Da "Sociologia do Lazer" para "Lazer e Sociedade"

Relato de uma experiência de ensino¹

Nelson Carvalho MARCELLINO²

Durante seis anos fiz parte do corpo docente do curso de Turismo, do Instituto de Artes e Comunicações da PUCCAMP, trabalhando no 3º ano da graduação (bacharelado), a disciplina "Sociologia do Lazer", lotado no Departamento de Ciências Sociais, do Instituto de Ciências Humanas (84 a 89).

A elaboração do novo currículo da Graduação da Faculdade de Educação Física da UNICAMP, ao criar a opção pelo bacharelado em Recreação e Lazer, deu oportunidade para que os conteúdos, não só nessa modalidade, mas também nas demais, fossem trabalhados a partir de critérios que extrapolem

os limites acadêmicos disciplinares. Assim, venho trabalhando, já há dois semestres na Graduação (7º semestre) e com dois Cursos de Especialização, a disciplina "Lazer e Sociedade" (91 a 93).

Relatar essa experiência de ensino, que procura contribuir para o entendimento da problemática do lazer, nas suas relações com a sociedade, a partir de uma abordagem multidisciplinar, envolvendo a contribuição da Filosofia, da Sociologia, da Educação Física, Turismo, Antropologia, Arquitetura e Urbanismo, História, Geografia, etc., e não ficar restrita apenas à visão monodisciplinar

(1) Apresentado no V Encontro Nacional de Recreação e Lazer - Bertiooga - 1993.

(2) Docente do Departamento de Estudos do Lazer da Faculdade de Educação Física da UNICAMP e Pesquisador do CNPq

da abordagem sociológica é o que proponho neste trabalho, abrindo-me ao debate.

Antes de mais nada é bom lembrar que se trata de disciplina com conteúdo básico de Ciências Sociais e que, no entanto, foi e é ministrada fora dos cursos específicos de Ciências Sociais. Isso não somente dá abertura para a absorção do conteúdo de outras disciplinas acadêmicas, como também chama a atenção para uma série de questões a serem trabalhadas com os alunos, entre as quais destaco:

- a quebra de preconceito contra as disciplinas da área de Humanas em geral, consideradas nas duas experiências que vivi, ministrando a disciplina em termos de Cursos (Turismo e Educação Física), a princípio, como "decorativas" em dois sentidos pejorativos: 1- para enfeitar currículos e descansar das "matérias específicas"; 2- para memorização pura e simples, de alguns conteúdos com a finalidade única de serem "desenvolvidas" em ocasiões de avaliação;

- a quebra de preconceito contra as disciplinas rotuladas, "a priori" de "teóricas". É bom que se diga o "teórico" é aqui confundido com "discurso vazio", distante das experiências

concretas "vivenciadas" em outras disciplinas do currículo, chamadas de "práticas".

Essas questões precisam ser trabalhadas desde o início do curso, e durante cada uma das aulas, deixando claro ao aluno a importância dos conteúdos para a sua formação enquanto profissional, construtor da sua experiência profissional e não meramente executor de uma função; para seu embasamento em termos de um provável envolvimento com pesquisa na área; e como contribuição à sua formação enquanto cidadão, que não pode ser desligado do profissional. É preciso que o aluno entenda e tenha muito claro o sentido da disciplina na sua vida.

Ainda ligado a essas duas questões, outro aspecto a ser trabalhado durante todo o curso é o conhecimento considerado não apenas enquanto produto, mas também enquanto processo. É necessário que sejam estabelecidas as ligações entre o conteúdo e o processo de sua elaboração. Assim, o conhecimento deixa de ser visto como estático, coisa para decorar - "memorizar" e passa a ser "lido" e exercitado.

Finalmente, com relação às duas questões levantadas, é preciso um trabalho contínuo mos-

trando a construção das teorias transmitidas e analisadas e sua vinculação com a realidade, com o cotidiano das experiências pessoais e profissionais dos alunos. Trata-se de enfatizar o conhecimento historicamente situado e tratá-lo enquanto tal.

Levando em conta essas colocações o programa de Sociologia do Lazer, trabalhando no Curso de Turismo procurava, já a partir de sua justificativa:

"JUSTIFICATIVA: As atividades de turismo, entendidas no plano cultural, configuram-se, fundamentalmente, como práticas de Lazer. Esse entendimento significa que os interesses turísticos estão incluídos entre os conteúdos culturais do lazer, abrindo, cada vez mais, um campo específico de investigação, ao mesmo tempo, alimentado e alimentador do corpo de conhecimentos das diversas ciências que, modernamente, têm se ocupado do lazer como problemática da sociedade urbana-industrial.

Nesse esforço de investigação é forçoso reconhecer as contribuições do campo específico da sociologia do Lazer, ao analisar as relações entre o lazer como manifestação cultural e a estrutura econômico-social. É nessa perspectiva que se justifica a inclusão dessa disciplina,

no currículo do curso de Turismo, entendendo-se o turismo também como alternativa cultural de Lazer e procurando estudar a relação entre os planos cultural e social, em especial na realidade brasileira."

A justificativa, no entanto, como pode ser percebido, centava o conteúdo nas contribuições de uma disciplina, aliás coerente com seu título - A Sociologia.

A matéria lecionada também levava em conta esses dois aspectos - a vinculação com o turismo e a abordagem Sociológica. "Matéria lecionada: 1. A sociologia e a Sociologia do lazer; 2. O conceito de lazer; 3. O lazer na sociedade "tradicional" e na "sociedade moderna"; 4. Os conteúdos culturais do lazer: (interesses artísticos, manuais, sociais, intelectuais, físicos e turísticos); 5. O espaço para a prática do lazer - os equipamentos; 6. O turismo como atividade do lazer; 7. As barreiras para a prática do lazer: (econômicas, sociais e culturais); 8. A visão "funcionalista" do lazer e sua crítica; 9. A dupla visão educativa do lazer: (a educação para e pelo lazer); 10. Quem é e qual a atuação do animador cultural; 11. Seminários (Lazer e Trabalho; Lazer e Família; Lazer e Religião; Lazer e Infância; Lazer

e Juventude; Lazer e Terceira Idade.)”

É preciso destacar que o currículo do Curso previa a disciplina Sociologia Geral, ministrada anteriormente à Sociologia do Lazer, o que poderia ser tanto um elemento facilitador, no sentido da compreensão anterior de conceitos básicos, quanto um elemento dificultador, se o processo não tivesse atentado para as questões destacadas anteriormente, o que nem sempre ocorria, provocando “resistências” iniciais quanto à disciplina.

Mas, e quanto à questão da abordagem monodisciplinar?

Vou recorrer à citação de um “Sociólogo” do Lazer:

“Uma compreensão ampla de todos os fenômenos e da significância do lazer exige a contribuição de uma quantidade de disciplinas e esquemas de referência. Além dos proporcionados pela Sociologia (...) a Sociologia do Lazer envolve-se, ainda, com relações de outro tipo: com teóricos cujo principal interesse consiste em informações e teorias e profissionais de vários tipos - planejadores, gerentes, administradores e outros interessados em práticas”³.

Já tive ocasião de tratar desse assunto em várias ocasiões, de modo geral, e de forma

específica, com relação ao estudo do lazer⁴, e não vou me deter nessa questão. Gostaria de destacar apenas mais uma posição: MILLS recomenda, na tentativa de análise de qualquer das questões significativas da nossa época, uma visão integrada que leve em conta o momento histórico, a abrangência do estado-nação como moldura do estudo, a visão do conjunto, englobando o examinar dos diversos componentes e variáveis do assunto em pauta, e, finalmente, que se parta da problemática e não de limites acadêmicos impostos⁵.

É isso que estou procurando levar em consideração ao passar da disciplina “Sociologia do Lazer” para “Lazer e Sociedade”: levar em conta as recomendações de MILLS, devidamente adaptadas ao nosso momento histórico, mas, sobretudo partir da problemática do lazer, em termos de abordagem.

É preciso destacar que a disciplina, no contexto do currículo, não é precedida por Sociologia Geral ou por qualquer outra disciplina da área das humanas com abordagem básica (com exceção da História, ministrada como História da Educação Física). Isso traz dificuldades para o entendimento de conceitos básicos que precisam ir sendo trabalhados à medida

que surge a necessidade, em sala de aula, ou pela indicação de leituras, posteriormente discutidos pelo grupo.

São objetivos da disciplina: 1. contribuir para o entendimento das relações entre o lazer, entendido enquanto manifestação cultural, da sociedade contemporânea, e a estrutura sócio-econômica, em especial na sociedade brasileira. 2. Contribuir para o entendimento das atividades turísticas, enquanto manifestação do lazer, na sociedade contemporânea e sua relação com a estrutura sócio-econômica, em especial na sociedade brasileira.

Percebe-se a preocupação com a formação do aluno enquanto profissional e enquanto cidadão, a ligação com a Educação Física e a ênfase na realidade brasileira.

O conteúdo programático desenvolvido leva em consideração o risco que se corre, a partir do momento que não se tem uma "disciplina de base" como referencial, de se cair em abordagens que não ultrapassem o senso comum.

Desta forma, as primeiras aulas são dedicadas à discussão dos objetivos, conteúdos e es-

tratégias da disciplina, o lugar que ela ocupa no currículo e à distribuição de responsabilidades.

O passo seguinte é a revisão de conteúdos das disciplinas consideradas pré-requisitos.

E o primeiro item "substantivo", antes do início do desenvolvimento do conteúdo propriamente dito, é uma discussão sobre "Pensamento Social, Filosofia Social e Ciência Social".

O conteúdo programático do curso contempla os seguintes temas.

1. Lazer: abordagens diretas e indiretas
 - a concepção "funcionalista" do lazer e sua crítica
2. Lazer e trabalho
 - a grande ruptura trabalho/lazer
 - trabalho, lazer e alienação
3. Lazer e família
4. Lazer e religião
5. Lazer e educação
 - o duplo aspecto educativo do lazer
 - a ação do animador cultural
6. Lazer no ciclo vital (abordagem crítica e especificidades)

- criança, juventude, vida adulta, idosos

7. Política de lazer

- abordagem comunitária.

As estratégias são variadas, incluindo aulas expositivas, participativas, discussões em grupo, painéis, participação de pós-graduandos, que realizam pesquisas dentro da temática desenvolvida naquele dia específico, etc. Uma característica sempre presente, no decorrer do tratamento dos temas é a indicação, já a partir da 3ª aula, após um primeiro contato com os alunos, de um cronograma de leituras, a serem efetuadas como preparação para as aulas, o que tem facilitado e enriquecido as discussões estabelecidas em sala de aula.

Essa mesma disciplina já foi oferecida em dois cursos de Especialização em Recreação e Lazer, com pequenas alterações do conteúdo programático, enfatizando a pesquisa e a ligação com a prática profissional dos alunos participantes, e variando as estratégias, buscando um maior aprofundamento nas discussões.

A bibliografia inclui livros e artigos de Professores de Educação Física, Sociólogos, Antropólogos, Arquitetos e Urbanistas, etc. Além da bibliografia básica, são elaboradas indicações de acordo com as áreas de interesse manifestadas pelos participantes.

Ao relatar a experiência, espero poder contribuir, de alguma forma, para as disciplinas semelhantes, desenvolvidas, sobretudo, nos cursos de Turismo, Educação Física e Terapia Ocupacional, e principalmente, receber críticas que permitam o aprimoramento do trabalho que realizo em sala de aula.

NOTAS

- (3) PARKER, S. A sociologia do lazer. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. 14
- (4) Destaco, por exemplo: "O lazer, sua especificidade e seu caráter interdisciplinar". Revista CBCE, 12 (1, 2, 3): 313-317.
- (5) MILLS, C. W. A imaginação sociológica. 4ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1975: 144-155.

PROPOSTA DE UM JORNAL-LABORATÓRIO COMUNITÁRIO E ELEMENTO DE PRÁTICA INTERDISCIPLINAR

Bruno FUSER*

I. INTRODUÇÃO

1.1 - Histórico

Desde 1988, quando o Jornal-laboratório Extra, do curso de Jornalismo da Puccamp, passou a contar com a atual estrutura - dois professores, cada um com 21 horas-aula semanais, formato standard, inicialmente, uma cor; hoje tablóide, duas cores na primeira e última páginas, 5.000 exemplares de tiragem, em média 16 páginas), tem passado por várias fases, cada uma delas com suas características editoriais e operacionais.

Inicialmente se procurou fazer um veículo que abordasse assuntos gerais (Economia, Política, Artes...), que interessassem, da mesma forma como outro jornal generalista, seu público-alvo. Este foi escolhido da maneira mais fácil, na própria instituição: a comunidade formada por alunos e professores da Puccamp. Documento de 1990, elaborado pelos professores Renato Anselmi e Mário Rios, responsáveis pela disciplina, aprovado pelo Departamento, definia da seguinte forma os objetivos do jornal: "1º - Possibilitar ao estudante o desenvolvimento de atividades práticas-orientadas e supervisionadas - no que

(*) Jornalista; mestre e doutorando em Ciências da Comunicação na Escola de Comunicações e Artes/USP; professor concursado do Departamento de Jornalismo do IACT/PUCAMP desde 1988.

tange às fases de concepção, produção e controle de veículo de comunicação jornalística impresso. 2º - Prestar serviços na área de divulgação jornalística para a comunidade, funcionando como elo de ligação entre esta e a Universidade. 3º - Estar em condições de desenvolver a divulgação jornalística da própria Universidade como um todo e de seus segmentos, individualmente, quando se fizer necessário".¹

Após quatro anos nessa perspectiva, procurou-se, em 1992, editar um jornal cujo conteúdo, em princípio, deixaria de ser generalista e estaria mais "focado" em seu público-alvo. A alteração deveu-se basicamente à quase total ausência de retorno da publicação por parte dos pretendidos receptores, seja através de cartas, seja através de polêmicas que o veículo viesse a suscitar ou refletir e que passassem a fazer dele um referencial de comunicação para a comunidade.

Assim, o Extra passou a tratar de questões relativas às áreas centrais de interesse do próprio Instituto de Artes e Comunicações, ou seja, Jornalismo, Publicidade, Relações Públicas, Artes e Turismo, pretendendo dirigir-se não somente aos alunos, mas igualmente aos profissionais desses setores na

cidade de Campinas. Novamente imperou o silêncio, que se somou à inexistência de uma reflexão mais aprofundada sobre o jornal-laboratório, tanto teórica como metodológica.

A demanda feita pelo Departamento de Jornalismo a partir de 1992, para que fosse elaborado um novo e detalhado projeto específico para o Extra, que o tornasse mais dinâmico, fez com que os professores responsáveis pela disciplina, em 1993, tenham feito a proposta de se eleger como público-alvo uma comunidade bastante diferenciada, a do município de Hortolândia. Conseguiu-se então o que deveria ser rotina na atividade jornalística, e também no aprendizado de Jornalismo: finalmente passou a existir a participação do público-alvo na crítica à publicação, com o surgimento de polêmicas, noções de apoio e de repúdio, sugestões de reportagens.

Paralelamente, quando anteriormente a principal reclamação dos alunos era quanto à falta de periodicidade e de vínculo com o público-alvo por parte do Extra, surgiu desta vez o problema da distância (o município fica a cerca de 30 km do centro de Campinas, é pobre, muitas ruas são de terra...) como crítica inicial, além de outras quanto à operacionalidade, com

petência de professores, desarticulação do Departamento e inexistência de projeto gráfico-editorial.²

Veio agora, em 1994, em função da dificuldade dos alunos em se locomover, ou, ao menos, sua alegada dificuldade, a proposta de novo público-alvo, a população dos distritos de Sousa e Joaquim Egídio, de certa forma geograficamente delimitada nas cercanias da cidade, embora não sejam municípios autônomos, como Hortolândia. A distância é um pouco menor, são locais mais bem servidos de infra-estrutura urbana, há mais transporte coletivo e mesmo certos atrativos turístico-urbanísticos.

Hoje (mês de setembro de 1994) está em fase de fechamento a quinta edição do ano, com todas as possibilidades para o curso conseguir novamente o que foi alcançado apenas no ano passado, produzir as oito edições anuais preconizadas pelo MEC. Persistem queixas dos alunos, há menos resposta da população do que em Hortolândia, município absolutamente carente de informação e que propiciava o jornalismo-denúncia, dada a gravidade da situação da cidade em termos de infra-estrutura urbana, mas se tem consolidado uma proposta de jornalismo laboratorial comunitário.

1.2 - Os problemas

O que tem emperrado o Extra, no entanto, impedindo-o de tornar-se um veículo de comunicação mais vibrante, polêmico, atrativo, que motive os alunos e professores, ao invés de se constituir muitas vezes em mais uma barreira a ser vencida para obtenção do diploma ou do salário no final do mês? Em primeiro lugar, durante o tempo em que o público-alvo foi a comunidade da Puccamp, não se discutiram temas polêmicos - mensalidades, por exemplo - que pudessem despertar o interesse do público-alvo.

Ademais, vale lembrar, em nenhum momento da história recente (desde 1988; foi precedido por outros projetos laboratoriais, produzidos de forma bastante diferenciada, inclusive do ponto de vista técnico) do Extra foi utilizado o instrumento da pesquisa de opinião ou de recepção, seja para definir com maior clareza quais os interesses dessa comunidade, seja para detectar qual sua reação como receptor daquela mensagem - ou mesmo se a recebia, pois há imensa distância entre distribuir jornais em caixinhas e verificar de fato se ele é lido.

Essa ausência de utilização de instrumentais sistemáti-

cos, científicos, que embasassem os sucessivos projetos fazem - até agora, na experiência de Hortolândia, e também em Sousa e Joaquim Egídio - que se caminhe demais por intuição, por especulação, incorrendo-se possivelmente em equívocos sérios, que devem ser evitados na prática profissional e também numa instituição universitária. Não se tem clareza ainda se o jornal voltado para a discussão de temas específicos de Artes e Comunicações "não deu certo" por questões internas a ele (pauta superficial, fontes inadequadas...) ou pelo desinteresse extremamente acentuado que parte dos alunos vêm demonstrando pelo curso, parecendo mais interessados em "comprar" o diploma do que exercer uma prática laboratorial que propicia seu aperfeiçoamento na área.

Isso pôde ser visto na experiência desenvolvida em 1993 pelo jornal do Diretório Central dos Estudantes, que, conforme foi relatado por um ex-aluno de Jornalismo que participava da elaboração do mesmo (Dario de Barros Carvalho Jr.), não conseguiu ser bem aceito entre a comunidade discente. Ou seja, existe a possibilidade de o público interno ser tão amorfo, tão apático, tão desinteressado por leitura, tão fortemente massificado pela mídia eletrônica - ou

por outras razões não aventadas ou suspeitadas, mas que se precisaria verificar, como uma preguiça crônica, a tendência a se colocar a culpa de tudo "na estrutura", que não funciona -, que se torne necessário repensar-se radicalmente qualquer veículo impresso que a ele se destine.

Essas questões, no entanto, precisam ser tratadas de maneira mais sistemática no âmbito de Departamento de Jornalismo. Há uma tendência a responsabilizar os professores da disciplina Jornal-Laboratório - entre os quais me incluo apenas de forma temporária - por todos os problemas a ela relativos. O Departamento como um todo tem, de certa forma, deixado essa discussão de lado, na medida que ela significa debater - quase "intrometer-se" - na dinâmica desenvolvida por uma disciplina, quando a prática consolidada é a de se procurar resolver os problemas da maneira fragmentada, e não interdisciplinar ou levando-se em conta o curso globalmente.

Todas, ou quase todas as críticas feitas ao Extra significam na verdade críticas ao curso, ao Departamento. Mesmo porque as fotografias de qualidade duvidosa, os textos muitas vezes confusos, os erros de

português, um projeto visual pouco atraente, isto é, todos aqueles aspectos relativos especificamente ao jornalismo impresso - inclusive do ponto de vista ético e conceitual - são praticados em sua maioria por alunos que foram aprovados nas disciplinas específicas ligadas a essas questões!!! Não estamos, portanto, formando bem os alunos, embora a relação pedagógica seja recíproca e reflexiva, ou seja, o aluno forma-se, não é unidirecionalmente formado pelos professores. Que, por sua vez, devem também reciclar seus conhecimentos a partir do contato com alunos, entre outros.

Apenas para citar alguns problemas que são presentes no *Extra*: a linguagem tem sido absolutamente uniforme, é como se escrever para os alunos da Puccamp fosse a mesma coisa que escrever para a população de Hortolândia ou Sousa e Joaquim Egídio. Não há adaptação de vocabulário, de estrutura de texto, de estrutura visual. Caiu-se, por outro lado, no vício do factualismo: procurou-se em certo momento, tratar as questões da mesma forma como seriam tratadas num jornal diário, quando sabemos que o *Extra* é, na melhor das hipóteses, mensal. O que remete à dificuldade do alunado em pensar a realidade além do plano da superficiali-

dade. Não tem havido a preocupação de se acompanhar de perto a forma como se distribui o jornal - o que, na prática, inviabiliza um estudo sério de recepção.

Não se deve deixar de ressaltar a existência de problemas de ordem administrativa. Um deles foi, em certa época, a demora da Puccamp em definir a gráfica em que seria impresso o jornal, assim como onde seria a editoração eletrônica. A troca constante fazia até o ano passado com que ficasse impossível planejar até mesmo a tipologia do jornal de forma precisa antes de a administração dar a sua resposta (por exemplo, entre os birôs de editoração eletrônica há variações de fontes disponíveis; entre as gráficas, há diferenças de mancha no formato *standard* - como diagramar assim?).

Esses obstáculos, em grande parte, foram superados nos últimos dois anos e comprovaram que é possível se obter muitos resultados dentro dos limites que são inevitavelmente impostos em qualquer instituição. A empresa de editoração eletrônica é permanente, e há alguma dificuldade ocasional em definir a gráfica - com os problemas que aí advêm na definição da mancha -, mas que tendem a se estabilizar caso - Deus nos ajude nesse sentido!, porque se

depende do governo... - a economia se mantenha estável. Outrossim, ainda não há transporte para fazer as reportagens, eliminou-se o ramal que existia na sala de redação, não há funcionário disponível para tarefas burocráticas, apenas um monitor com meia bolsa (12 horas semanais). Já é possível digitar o texto em Word 5.5, mas é apenas uma perspectiva fazer a editoração na própria Puccamp.

Um outro aspecto de funcionamento do jornal-laboratório tem sido entrave para seu desenvolvimento: a inexistência de horário específico para atendimento dos alunos, o que obriga os professores a fazer um esforço em busca de "janelas" ou a utilizar horários ruins dos dias letivos, como as últimas aulas, em que poucos alunos estão presentes. Isso está sendo resolvido com a mudança curricular, mas deverá ser ainda um problema sério em 1995 e 1996.

Outra questão a ser definida é de que forma é possível se estabelecer uma relação interdisciplinar entre o jornal-laboratório e outras disciplinas do curso. A integração de Fotojornalismo e de Planejamento Gráfico, que chega ao seu segundo ano efetivo, mostrou-se uma alternativa altamente positiva. Falta ainda, entretanto, avan-

çar-se na integração de disciplinas responsáveis pela produção e edição de texto.

É de se salientar, outrossim, a falta de maior discussão quanto a alguns aspectos pedagógicos do *Extra*. Embora seus objetivos gerais estejam definidos, conforme citado anteriormente, não houve por parte do Departamento maior reflexão, ou decisão, sobre questões como: o jornal-laboratório deve ser uma "réplica" de um modelo, o da imprensa tradicional? Deve buscar ser uma "alternativa" a esse modelo, do ponto de vista ético, técnico e conceitual? O jornal deve permitir a publicação de "erros" que, didaticamente, seriam apontados e corrigidos a seguir, em outras edições? O que a imprensa tradicional faz é necessariamente o correto?

Por ter sido produzido até o primeiro semestre de 1993 pelos alunos do 4º ano do curso, supunha-se que eles dominariam inúmeras técnicas e aspectos conceituais do jornalismo. No entanto, passa-se a trabalhar agora com o 3º ano. O que muda a partir daí? Como se exigir do aluno o nível de qualidade que se exigia do quartanista? Essas indagações já foram feitas nos seminários internos de Jornalismo, e foram apontadas algumas tentativas

de resposta. No entanto, não há o entendimento que o jornal-laboratório, assim como outros trabalhos feitos internamente, pertençam ao curso como um todo, e não sejam apenas responsabilidade, ou atribuição, ou assunto que diga respeito exclusivamente aos professores da disciplina. Contudo, quando surgem problemas (exemplo, a primeira edição do *Extra* em Hortolândia), fica bastante evidente que o jornal-laboratório é mais que isso, é um "cartão de visita", e igualmente a "vidraça" do Departamento. Quando há méritos, ótimo (o *Extra* obteve menção honrosa no Congresso da Intercom de 1994); se surgem problemas, atenção, e contamos com você para resolvê-los.

II. UMA PROPOSTA

II.1 - Didático-pedagógica

- Estabelecer um espaço onde o estudante possa desenvolver exercícios práticos e conceituais sobre o jornalismo;
- induzir o aluno a buscar novas formas de expressão jornalística, pela prática da experimentação;
- promover, a partir da integração entre professores,

disciplinas e estudantes, o espírito de equipe e a troca de experiências necessários para a prática e a pesquisa do jornalismo.

II.1.1 - Justificativa

A primeira questão que deve ser lembrada é o próprio conceito de jornal-laboratório, cuja elaboração mais precisa, a nosso ver, é a dada no VII Encontro de Jornalismo Regional sobre o tema, em 1982: "O jornal-laboratório é um veículo que deve ser feito a partir de um conjunto de técnicas específicas para um público também específico, com base em pesquisas sistemáticas em todos os âmbitos, o que inclui a experimentação constante de novas formas de linguagem, conteúdo e apresentação gráfica. Eventualmente, seu público pode ser interno, desde que não tenha caráter institucional"³. A expressão "pesquisas sistemáticas em todos os âmbitos" deixa claro que não se trata exclusivamente de praticar determinadas técnicas, mas de se procurar a partir dessa prática a elaboração e reelaboração teórica. J. Teixeira Coelho Neto faz outras considerações a esse respeito: "Dentro do campo da formação humana, o lugar do laboratório é o espaço onde se experimenta com o elemento vivo, em oposi-

ção à teoria".⁴ O autor destaca que o laboratório, nos cursos de comunicação, se constitui na possibilidade de fazer desaparecer as "gritantes e trágicas contradições entre o discurso e a prática de inúmeros ou da grande maioria dos estudantes universitários (e não só deles)".⁵ Ou seja, de um lado - o do discurso - defendem-se ideais comunitários, e, de outro - o da prática -, busca-se pragmaticamente ingressar nos caminhos tradicionais em defesa de seus próprios interesses. Para Teixeira Coelho, os laboratórios deveriam encarregar-se de superar essa situação.

Anamaria Fadul aborda outra questão e critica o "império" da técnica nos cursos de Comunicação. Atribuir ao aluno a mera repetição daquela técnica dominada pelo mestre significaria, do ponto de vista da ação pedagógica, situar-se "dentro dos mesmos limites da indústria cultural, onde a repetição de modelos é a norma a ser seguida".⁶ Anamaria ressalta que, nesse caso, "a função do professor fica reduzida quase exclusivamente à função do técnico ou do profissional". Além da crítica à ideologia da profissionalização - repetir a técnica existente implica reforçar a ideologia da permanência do modelo dos *mass media* - a autora

lembra que condicionar o ensino de comunicação ao domínio das técnicas dos processos desses *mídia* significaria uma rápida obsolescência desse ensino, dada a velocidade de inovação tecnológica. "A única forma desse ensino manter-se atualizado seria transmitir ao aluno uma função ao mesmo tempo teórica e prática, de forma a permitir, a esse aluno, a sua própria reciclagem frente às novas técnicas revolucionárias", argumenta a pesquisadora.⁷

A autora defende, com base nesses argumentos, uma "nova pedagogia", que também se aplicaria aos cursos profissionalizantes, e não apenas aos básicos. Essa pedagogia estaria fundamentada em conceitos desenvolvidos essencialmente por Antonio Gramsci e Moacir Gadotti. A relação pedagógica seria entendida como uma relação ativa, "onde o professor é sempre aluno e todo aluno, professor". Essa relação se concretizaria a partir de uma "adesão orgânica" de todas as partes envolvidas, que tornaria possível a vida desse conjunto. Anamaria Fadul afirma ainda que a redefinição da relação pedagógica passa ainda pela superação do conceito tradicional do saber, rompendo-se com o conceito de disciplinas estanques. A base dessa ação seria a tentati-

va de se abandonar a divisão entre teoria e prática. Diz ainda a autora: "Por outro lado, a separação entre teoria e prática também pode ser pensada em função da própria relação dessa escola e a sociedade. Mesmo dentro de uma concepção tradicional de Universidade, é possível buscar alternativas para essa dicotomia através da formulação de projetos que envolvam outros segmentos da sociedade (...), da criação de órgãos laboratoriais em cima das necessidades dos diferentes movimentos sociais".⁸

Sérgio Caparelli também defende a necessidade de os órgãos laboratoriais não se constituírem em veículos semelhantes aos tradicionais. Diz o pesquisador: "Os órgãos laboratoriais são um espaço dentro dos cursos de comunicação onde alunos e professores desenvolvem uma prática específica, procurando comprovar, experimentando, os ensinamentos assimilados no decorrer do curso. Nesta perspectiva, eles se revestem de prática e de reflexão".⁹

Outro aspecto importante da proposta apresentada é o reforço à interdisciplinaridade, princípio defendido no projeto pedagógico do curso de Jornalismo da Puccamp. O embasamento teórico nesse sentido é vasto e, até onde foi possível

verificar, consensual, embora ainda esteja em processo embrionário no nosso curso. Ana Mae Barbosa, arte-educadora e ex-diretora do Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, comenta a significação do termo interdisciplinaridade, recordando que, como a palavra sugere, significa a existência de disciplinas em separado, autônomas, que se pretende interrelacionar. Continua a autora: "Historicamente podemos apontar como fundamento da interdisciplinaridade a idéia de totalidade, paulatinamente substituída pela idéia de integração do conhecimento"¹⁰. Segundo a análise de Ana Mae, "a interdisciplinaridade tem, portanto, como função integrar a colcha de retalhos de competências altamente desenvolvidas e de interesses diversificados e muitas vezes antagônicos"¹¹. Afirmar ainda a autora: "A interdisciplinaridade deve ser o meio através do qual se elaboram os currículos e a práxis pedagógica da Comunicação", mas tem enfrentado inúmeros problemas, como "o narcisismo de alguns de nossos *scholars*, que lutam para demonstrar a importância de seu campo de conhecimento acima de outros".¹²

A importância do trabalho integrado é destacada ainda no relato que Dirceu Fernandes

Lopes faz da experiência do jornal-laboratório Campus, do Departamento de Comunicação Social da UnB. Parte das dificuldades do veículo foi superada com a proposta de "Curso em Bloco de Jornalismo", baseada na integração de quatro disciplinas: Técnica de Jornal e Periódico I, Paginação e Revisão, Edição Jornalística e Técnica de Jornal e Periódico II.

"Essa integração de disciplinas possibilitava que o aluno participasse de todas as fases do jornal. Na realidade, durante o desenvolvimento do curso a divisão em quatro disciplinas desaparecia, havendo apenas prática de Jornalismo. (...) O projeto contava com a participação de quatro professores: dois para redação, um na diagramação e outro para fotografia. (...) Esse tipo de ensino ativava os sentidos, percepções e contribuía para motivar o aluno a tomar parte totalmente do processo, já que ele assumia, na medida do possível, a responsabilidade pelo próprio aprendizado. Isso começava em sua participação efetiva no planejamento do próprio curso. Não recebia um pacote pronto como acontece na maioria das escolas. (...) A falta de pesquisas passou a ser sanada com debates e reflexões sobre o projeto".¹³

Finalmente, vale citar, ainda que rapidamente, as questões consideradas prioritárias, do ponto de vista didático, pelo I Encontro Nacional de Órgãos Laboratoriais dos Cursos de Jornalismo, promovido pelo Departamento de Jornalismo e Editoração da ECA/USP em 1984, e que ainda são atuais. Entre essas questões está a necessidade de diálogo e atuação conjunta dos docentes das disciplinas profissionalizantes com aqueles das matérias humanísticas, o incentivo à capacitação docente e a avaliação de seu trabalho e a não interrupção dos órgãos laboratoriais durante as férias, para superar o hiato que se cria nesses períodos na relação comunicativa com os públicos a que se destinam.¹⁴

11.2 - Editorial

- contribuir para o aumento do fluxo de informações no âmbito da comunidade de Hortolândia ou de outra comunidade externa à Puccamp, suficientemente delimitada do ponto de vista geográfico e populacional para que a tiragem do jornal-laboratório seja significativa em relação ao público-alvo;

- captar, produzir e divulgar idéias, fatos e acontecimentos de interesse dessa comunidade;

- contribuir para que essa comunidade crie, a partir do *Extra*, novos canais de expressão.

11.2.1 - Justificativas

Antes de mais nada, é preciso justificar a escolha de um público externo à Puccamp. Uma das bases para tal escolha é o próprio conceito de jornal-laboratório que foi apresentado anteriormente, no qual se adverte que o público pode ser interno, desde que o jornal não tenha caráter institucional. A idéia de se fazer um veículo interno numa universidade particular, embora confessional, esbarra em obstáculos diversos, em particular o risco de sofrer pressões de setores diversos da Instituição, sem respaldo no caso de irrupção de crises, ou se tornar institucional, limitado ou concorrendo com outro veículo já produzido pela Reitoria.

Vale lembrar que o principal argumento para se fazer um jornal interno não é a eficiência maior dessa proposta ou de ela representar uma alternativa a uma demanda específica de comunicação, mas a facilidade que isso traria para os alunos. Se, de fato, poderia trazer essa facilidade, a experiência tem demonstrado que traz junto o desinteresse, a inexistência de qual-

quer desafio que venha a motivar o corpo discente. Por enquanto, tal vertente tem representado o mero desincumbir-se de uma obrigação legal.

A exceção a essa perspectiva - o argumento de que um jornal interno poderia aprofundar o nível de debate de questões relativas a Artes e Comunicações - tem resposta mais adequada em revistas específicas (Imprensa, Meio & Mensagem...) ou de investigação acadêmica, como a própria *Comunicarte*. Após analisar diversas experiências de jornal-laboratório, Dirceu Lopes conclui: "Somente um jornal-laboratório comunitário é capaz de ser um trabalho em que o estudante possa, de fato, ter todas as características que definam um jornal".¹⁵

Sem entrar na discussão conceitual sobre jornal comunitário - e mesmo sobre as ambigüidades que traz tal termo -, é importante que o *Extra* mantenha e aprofunde o vínculo que obteve com seu público. Não devemos perder de vista o avanço que a atual fase do *Extra* representou, no sentido de ter conseguido detectar uma demanda de comunicação, e, ao menos em parte, suprido essa demanda, estabelecendo certo vínculo com a comunidade. A experiência de Hortolândia, nessa ótica, foi mais rica que a de

Sousas e Joaquim Egídio, e talvez pudesse se retomada. Lembra Sérgio Caparelli: "Para sua eficiência, o órgão (laboratorial) elege uma área particular de atuação (...). Só assim ele poderá neutralizar as tendências da experimentação pela experimentação, fazendo cada número de jornal para um público diferente, sem preocupações com periodicidade, tornando uma avaliação do retorno muito difícil. Em resumo, o órgão laboratorial deve ser planejado para atingir um público específico, deve ter objetivos claros e atuar como poder concentrado de fogo mais do que como livre atirador".¹⁶

É novamente Dirceu Lopes, no entanto, que aponta a forma como isso deve ser efetuado - o que serve como crítica à atual fase e como perspectiva para eventuais alterações: "No momento em que professores e alunos responsáveis pela produção, edição e distribuição de um jornal-laboratório se definem por um determinada comunidade, é fundamental que o público tenha participação no planejamento, forma e conteúdo da publicação, traçando a linha editorial em cima de suas necessidades e expectativas e não transformando o órgão em simples repetidor de fórmulas que deram certo na grande imprensa. Nesse novo conceito de jornal-laboratório,

deixando de fazer Jornalismo como mais um exercício escolar, elaborando um veículo com identidade, compromissos e responsabilidades, sempre com objetivos determinados pelo interesse do receptor, impõe-se a criação de fórmulas alternativas para evitar imitações mal feitas de empresas. Para isso, é necessário que o lançamento do veículo seja precedido de uma pesquisa para conhecer o perfil do leitor, identificando seus problemas, prioridades e reivindicações, assim como o tipo de veículo que gostaria de ter no bairro. Independente desse levantamento, é importante que o próprio leitor seja presença atuante no planejamento, opinando sobre a forma e conteúdo do jornal".¹⁷

Outra perspectiva importante de ser trabalhada é apontada por Bernardo Kucinski. Mais do que centrar-se no produto - o jornal propriamente dito - torna-se essencial o jornal-laboratório e a atividade executada em torno dele preocupar-se com os alunos, e com cada um deles individualmente, no sentido de criar estímulos e tarefas "para que ele se construa como um jornalista pleno, um trabalhador intelectual orgânico, consciente de seu papel político e ideológico, balisado no interesse público e na ética do jornalismo libe-

ral".¹⁸ Kucinski defende que o principal instrumento para a implantação desse modelo é a pauta - ainda que não se perca de vista a qualidade do produto final. "Tudo o que contribuisse para o crescimento do jornalista como trabalhador intelectual consciente e seu aprimoramento metodológico deveria ser privilegiado. (...) Passamos a desenvolver pautas exigentes e sempre que possível criativas, no sentido de não reforçar os padrões dominantes. (...) O salto para o tamanho standard representou a disposição de partir para a luta, para o contra-ataque. Demonstrar que a grande imprensa, muito mais que as escolas de jornalismo, está determinando o baixo padrão do jornalismo brasileiro".¹⁹

O jornalista e pesquisador da USP ressalta ainda, ao analisar a experiência do *Jornal do Campus*, jornal-laboratório do curso de Jornalismo da ECA/USP, que o veículo não pode afastar-se do sentimento geral da comunidade, nem se pode isolar as concepções políticas do aluno e do professor do conjunto de concepções. Deve-se, defende Kucinski, oferecer um pluralismo de visões, encarando-se a redação como um "laboratório de idéias", um lugar próprio de elaboração e re-elaboração do conhecimento, no qual

haverá tantas linhas políticas quanto forem suas cabeças discentes e docentes. Finalmente, é necessário manter-se a todo custo o princípio de que as liberdades no campo intelectual são ilimitadas, sem que sejam cerceadas pelo poder hierárquico necessário para viabilizar o jornal como produto.²⁰

NOTAS:

- (1) Departamento de Jornalismo da Puccamp. O jornal laboratório. Campinas, Puccamp, 1990. Mimeo.
- (2) Em 1993, os alunos da 4ª série, período matutino, que elaboraram o *Extra*, sistematizaram seus pontos de vista em documentos entregues a nós, na disciplina Prática III, que se integrou ao jornal-laboratório em 1992 e 1993. A partir de 2º semestre desse ano, o *Extra* passou a ser produzido pelos alunos da 3ª série.
- (3) Lopes, Dirceu Fernandes. *Jornal Laboratório. Do exercício escolar ao compromisso com o público leitor*. São Paulo, Summus, 1989. P. 50.
- (4) Coelho Neto, J. Teixeira. "Da Cultura Esquecida à Prática Política (A Formação Humanística em Comunicação)". In: *Ideologia e poder no ensino de comunicação*. Melo, José Marques de. et alii. São Paulo, Cortez & Moraes/Intercom, 1979. P. 47.
- (5) Id. *Ibid.*

- (6) Fadul, Anamaria. "A Ação Pedagógica na Escola de Comunicação (Notas para uma Reflexão)". In: Melo, José Marques de. Op. cit. 50.
- (7) Id. P. 52.
- (8) Id. P. 57
- (9) Caparelli, Sérgio. "Órgãos Laboratoriais: Espiral, Teia e Reflexão". In: ECA/USP. Cadernos de Jornalismo e Editoração, nº 14. ECA/USP, São Paulo, 1984. P. 25.
- (10) Barbosa, Ana Mae. "A Questão da Interdisciplinaridade na Escola de Comunicação". In: Melo, José Marques de. Op. cit. P. 61.
- (11) Id. P. 62.
- (12) Id. P. 66.
- (13) Lopes, Dirceu Fernandes. Op. cit. P. 162-164.
- (14) I Encontro Nacional de Órgãos Laboratoriais dos Cursos de Jornalismo. Documento Final. In: ECA/USP. Cadernos de Jornalismo e Editoração, nº 14. Op. cit. P. 83-85.
- (15) Lopes, Dirceu Fernandes. Op. cit. P. 57.
- (16) Caparelli, Sérgio. Op. cit. P. 26-27.
- (17) Lopes, Dirceu Fernandes. Op. cit. P. 173-174.
- (18) Kucinski, Bernardo. "O Ano em que fomos felizes". In ECA/USP. Cadernos de Jornalismo e Editoração, nº 21. ECA/USP, São Paulo, 1988. P. 53.
- (19) Id. P. 60-61.
- (20) Id. P. 64.

PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO

A Produção Bibliográfica para a Área de Turismo no Brasil

por Margarita BARRETTO¹

Colaboraram:

Biblioteca da Faculdade de Educação/Unicamp

Cleuza MACHADO²

Lucia C. Della TORRE³

"O bem de um livro
reside no fato
de ele ser "lido".
Sem olhos que o leiam...
é apenas papel pintado"

E. T. da Silva

INTRODUÇÃO

A falta de bibliografia para os cursos de Turismo no Brasil é um fato conhecido por professores e estudantes. Os primeiros cursos de Turismo utilizaram bibliografia Espanhola e Mexicana original e, posteriormente, foram realizadas algumas traduções de livros espanhóis e italianos. Na década de 1970 foram produzidos alguns textos no Brasil, alguns por editoras comerciais e outros editados por órgãos governamentais ou pelos próprios autores.

(1) Professora da Faculdade Ibero Americana de letras e Ciências Humanas.

(2) Gerente da Livraria Papyrus.

(3) Aluna do Curso de Turismo da Faculdade Ibero Americana.

Atualmente, editam livros científicos de Turismo, em série, apenas a Educs, em Caxias do Sul (RS) e a Papyrus, em Campinas (SP).

É preciso discutir os motivos desta pobreza editorial na área, que obriga a uma predominância da comunicação verbal no ensino de Turismo, com o conseqüente empobrecimento da linguagem e a efemeridade das informações transmitidas oralmente.

Nenhuma discussão seria possível sem ter como pano de fundo os componentes da leitura no Brasil, que podem ser divididos, simplificando o esquema dialético de Silva (1985) em Escritor, Obra, Intermediário (editora, livraria, biblioteca) e Leitor.

O LIVRO NO BRASIL, UM POUCO DE HISTÓRIA

Enquanto que a história da imprensa remonta ao ano de 1445, em que foi editada a Bíblia de Guttemberg, no Brasil, prelos e impressoras ficaram proibidos até 1808. A única forma de fazer um livro era em tipografia, de uma forma praticamente artesanal, ou imprimindo-o fora do país, como acontecia com o jornal "Correio Brasiliense" que era impresso em Londres e enviado ao Brasil.

Por outra parte, não existia o hábito da venda de livros, portanto os escritores (mormente poetas) conseguiam publicar seus trabalhos apelando a um mecenas. Nesta procura do que hoje poderíamos chamar de "patrocínio", valiam as armas mais sutis, como a registrada por Lajolo & Zilberman (1991:56) quando, por volta de 1710, Nuno Marques Pereira solicita ao rico "emboaba" Manuel Nunes Viana que o auxilie na publicação dos seus originais pois dessa forma obteria graça divina.

"Suplico a V. Senhoria, como tão devoto da Mãe de Deus, a quem tenho dedicado este livro, se dignem manda-lo ao prelo, e ampara-lo com seu patrocínio para que a mesma Senhora lhe alcance de seu Divino filho mui próspera vida com muito aumento de sua divina graça, como este seu criado lhe deseja".

Este autor, além de revelar grande ingênio negociando com o sobrenatural, demonstra uma relação ambígua da religião com o livro. Com a ajuda concedida, Pereira -para quem o material

escrito circulante então era veículo da cultura profana-edita o "Compêndio de um Peregrino na América", onde conclama os leitores a não lerem, dizendo que *"melhor é ser caritativo do que ler"* (citado por Lajolo:61), o que pode ser interpretado como que a religião católica só via como legítima a leitura de textos sagrados. Uma confirmação disto seriam as memórias do viajante inglês Henry Koster, nas quais relata que, em várias cidades em que viveu, seus vizinhos acharam que ele era padre ou santo porque lia muito.

"Percorrendo o Brasil logo depois da chegada da família real, Henry Koster testemunha a estranheza com que a população nativa encarava a leitura: "Alguns dos meus vizinhos... entravam... enquanto eu estava lendo e achavam estranho que eu achasse prazer nessa atividade... Um homem dizia: - O senhor não é padre, portanto, por quê o Sr. lê? (citado por Lajolo:129)

Esta estranheza da população "nativa" demonstra que a simples carta régia de 13 de maio de 1808, pela qual o Príncipe Regente D. João liberou o uso do prelo, não foi suficiente para a difusão do livro. O público leitor (de literatura "profana") estava concentrado nas classes dominantes da época, como por exemplo filhos de fazendeiros residindo na corte, segmento que, por outra parte não era *"uma camada culta e elevada, pois preferia o vulgar e o extravagante"* (Lajolo:65). Para aquelas pessoas, a leitura como prática social era algo superficial *"É como se, numa sociedade que aprendesse a ler, a leitura... fosse prenda de salão"* (Lajolo:106). Apesar da legislação, não foi propiciado o acesso de toda a população aos bens culturais, *"a nova nação não superou a organização importada da fase colonial, nem teve condições de se modernizar. No plano cultural, persistiu a precariedade dos meios de produção intelectual..."* (Lajolo:11)

Acontece que a implantação da imprensa não só foi tardia¹ mas também desvinculada de um projeto cultural maior. *"...a implantação da imprensa na então colônia lusitana, constituiu uma medida isolada, não tendo sido secundada pela criação e consolidação de instituições e instrumentos necessários à difusão dos produtos impressos. Continuavam faltando escolas, bibliotecas, gabinetes de leitura, livrarias, jornais, editoras"* (Lajolo:129). Este projeto cultural maior só aparece quando o Brasil deixa de ser colônia. De acordo com Lajolo (127) *"O projeto de independência*

política...foi decisivo no Brasil, para o desenvolvimento da leitura e escrita como práticas sociais". Mas a popularização da escola só virá no final do século, com a abolição da escravidão e a nova afirmação do ensino e da ciência surgida a partir da influência do positivismo, que trará ao Brasil a ideologia republicana e o pensamento cientificista. "...o sistema educacional permaneceu frágil e a manutenção do regime escravocrata até quase o final do século impediu a popularização da escola" (Zilberman, 1991:87) e, conseqüentemente, do livro e da leitura.

A RELAÇÃO ENTRE O LIVRO E A ESCOLA

O primeiro prelo a imprimir livros foi do Estado e, em 1809 a edição de livros de geometria, trigonometria e álgebra sela "*desde o início da nossa história editorial, a aliança livros - escola*" (Lajolo:130). A penetração do livro na sociedade mais ampla, dar-se-á através da escola, mas a mesma, no século passado, estava seriamente comprometida.

"Os anúncios da imprensa nas primeiras décadas do século passado...trazem aportes que, além de confirmarem a precariedade do sistema educacional brasileiro, traçam sugestivo panorama da improvisação pedagógica que campeava no Rio de Janeiro da época ... (Lajolo:131). Um anúncio publicado na gazeta do Rio de Janeiro em 16 de fevereiro de 1820 rezava: "*Um sujeito europeu, que tendo-se exercitado nas ciências aritméticas, álgebra, geometria, pilotagem, geografia e história dá lições em casas particulares, por meio da língua francesa e italiana, e ainda ensina duas trigonometrias sem socorro algum de livros, tábuas, escalas, compassos, etc* (citado por Lajolo:132)

Mas esta precariedade do sistema de ensino não era conjuntural da época; tinha suas raízes na história colonial. Os esforços educativos da colônia estiveram dirigidos apenas a catequizar índios e a formar bacharéis e sacerdotes, não havendo interesse em educar massivamente nem sequer às próprias camadas burguesas

"A catequese dos índios pelos jesuítas resumiu o principal programa educacional promovido pela administração portuguesa

na colônia americana durante os séculos XVI e XVII...o Estado subsidiava os custos e protegia as escolas....Os jovens brancos também precisavam ser educados; contudo, inexistia um sistema escolar exclusivo para eles, que ou assistiam às lições dos jesuítas ou permaneciam analfabetos, aprendendo eventualmente a ler, escrever e contar com particulares... Já reconhece nesse ponto a pouca (ou quase nula) preocupação das autoridades com a difusão da leitura e escrita, habilidades essenciais aos cidadãos de um Estado que se deseja moderno, como ocorria nos países europeus, que começavam a investir na educação popular. Assim, a penúria cultural do Brasil, ao longo de todo o período colonial....decorreu da inexistência de um programa regular de formação da infância, a não ser quando se tratava de preparar religiosos e bacharéis. Que, mesmo nesse caso, precisavam completar os estudos em Portugal." (Lajolo:27)

Os livros didáticos praticamente não existiram até 1840 e a maior parte deles eram traduções do francês; não havia produção nacional.

Atualmente existe a obrigatoriedade de adquirir livros didáticos para acompanhar as aulas na escola, o que aparentemente seria um dado positivo para a difusão do livro em geral. Na prática, porém, de acordo com os estudos de Ezequiel T. da Silva, o livro didático gera desgosto pela leitura. Para este autor, fundador da Associação de Leitura do Brasil, a qualidade da maior parte dos livros não é boa, desestimulando o estudante, que só lê quando obrigado. Ele vai mais longe, incluindo o professor de escola entre o público não leitor. *"Sempre tendo em mira possíveis exceções e o caráter dialético da realidade escolar... podemos afirmar que o universo de leitura do professor brasileiro é extremamente restrito"* (Silva, 1991:25). *Não há estudos sobre a condição de leitura do professor universitário, mas a evidência empírica demonstra que não é fácil, atualmente, para um professor (sem outras fontes de renda paralelas), adquirir todos os livros que deveria para sua reciclagem permanente.*

O MERCADO EDITORIAL

Em 1820 acabava a censura prévia e em 1821 findava o monopólio do estado na imprensa. Começava o mercado editorial

mas de uma forma descontínua, justamente por não haver um projeto educacional maior que permitisse que as editoras se sustentassem. Os pioneiros foram: a Livraria Universal, dos irmãos Laemmert, fundada em 1833, que prioriza os livros científicos e produzia um almanaque que ficaria famoso; em 1844 inaugurou-se a Garnier Frères, só para venda de livros (não editavam); em 1854 a Livraria Clássica que em 1897 passaria a chamar-se Francisco Alves e que em determinado momento chegou a ter 90% da sua produção voltada para os livros didáticos.

De acordo com Sodré (1981:132), a atividade editorial a nível nacional só acontece a partir de 1930, com a industrialização, mas verifica-se o progressivo encarecimento do livro e uma inadequação da forma de distribuição, que privilegia os leitores dos estados do centro-sul. Depois de 1964 retorna a censura e muitas editoras são compradas por empresas estado-unienses que publicam livros e revistas em quadrinhos que *"com o nosso país, só têm afinidade o idioma em que são impressos"*; as editoras deixam de veicular cultura brasileira para difundir uma cultura totalmente alheia à nossa objetivando, conforme Sodré, incutir nos jovens as idéias e preconceitos oriundos da "guerra fria".

A falta de interesse em produzir livros evidencia-se na década de 80, quando o período de vigência da Lei 7505 de incentivo à produção cultural, conhecida como "Lei Sarney". Esta lei também aplicava-se à produção de livros, porém *"foi nestes onde menos ela foi usada"* (Bonclowicz, 1991:110)

OS LEITORES

Em 1989 estimava-se que havia uma população de 140 milhões de habitantes no Brasil, dos quais apenas 5 milhões eram leitores. Há outras estimativas de fonte duvidosa que elevariam esse número a 12 milhões, porém não há estudos específicos, apenas estimativas e inferências a partir de outros estudos².

Sendo que grande parte dos cursos de Turismo é ministrada em escolas particulares, cujos alunos provêm de escolas públicas, pode-se ter uma idéia da falta do hábito da leitura por parte dos alunos a partir de uma pesquisa realizada nas escolas estaduais do Estado de São Paulo em 1992, que revela que 49%

dos alunos entre 5ª série do primeiro grau e 3ª do segundo, lêem só de vez em quando (Secretaria: 1992:18), e quando isto acontece suas preferências somam 51% entre aventura e romance (Secretaria:26). Os jovens também observam que, tanto seus colegas quanto seus pais e irmãos lêem pouco (Secretaria, 52-53). Surpreende a pouca aprendizagem residual da leitura, evidenciada pela resposta de 14% dos jovens que não lembram qual foi o último livro que leram (Secretaria: 27).

Verifica-se, outrossim, que os hábitos de leitura dos alunos refletem, de alguma forma, os dos seus mestres: os professores do Estado apresentam, na pesquisa, um comportamento análogo ao dos alunos, pois 38% preferem ler romances, contra apenas 8% que lêem textos técnico-didáticos (Secretaria: 67). Por outra parte vemos a falta de incentivo da escola para a atividade de leitura, pois 49% dos professores declaram não indicar a leitura como atividade obrigatória (Secretaria: 90).

Outra pesquisa realizada a nível nacional, dentro das famílias, revela pouco índice de leitura e traz outro dado interessante: as mulheres são as que mais lêem, (54% dos casos), só que o interesse maior é pela leitura de revistas, seguida de livros de literatura, restando para os livros técnicos apenas 3%.(Finep, 189:119)

O PROBLEMA DO PREÇO E DA REPROGRAFIA

Os livros estão ficando cada vez mais caros, entre outras coisas porque o preço do papel é, inexplicavelmente, 30% maior do que em qualquer parte do mundo; mas há certas particularidades estruturais da sociedade brasileira e do seu conceito de livro: o leitor não aceita edições econômicas, ao contrário do que acontece no México, Cuba, Estados Unidos e Argentina, entre outros, em que é realizado um pequeno número de exemplares em papel "couché" para bibliotecas e instituições; para o grande público, são feitas edições em papel jornal, que custam metade do preço ou até menos.

A falta de hábito de leitura da população que, como demonstrado, obedece a razões históricas, somado às dificuldades de relacionamento com o livro no âmbito da própria escola que

teriam como um dos protagonistas, também, o professor e sua situação econômica, constituem um grave problema para a produção de livros no Brasil. Mas a esses problemas ainda soma-se outro, este sim, mais novo, fruto da nova tecnologia: A FOTOCÓPIA.

A popularização das máquinas fotocopiadoras, o aperfeiçoamento delas, a diminuição do seu tamanho, tudo concorre para transformá-las num inconveniente à produção de livros. *"Nós temos um problema muito grave neste país, que é o problema da reprografia, a falta de educação no preparo do próprio professor no que diz respeito ao livro. Copia-se livros ou capítulos inteiros, a nossa educação é feita em base de cópias reprográficas"* (Bonclowicz, 1991:113).

Em outros países, como os Estados Unidos, fazer fotocópia de livros é considerado um delito. Dificilmente um operador de máquina copiadora aceitará a tarefa; a resposta que se ouve normalmente é que o usuário consiga uma máquina e faça a reprodução ele mesmo⁹.

Escrever um livro pode levar anos, tempo que não rendeu economicamente para o autor. A venda do livro nas ruas é a única possibilidade que o autor tem de recuperar, minimamente, em forma de dinheiro, o tempo investido. O 10% que o autor recebe pouco, mas é alguma coisa. Cada livro fotocopiado, representa um leitor que não pagará direitos ao autor. As editoras investem em digitadores, revisores, desenhistas, matrizes, pagam registros e impostos; a recuperação desse capital investido faz-se através da venda do livro; da fotocópia nada chega à editora. Quanto maior a quantidade de fotocópias maior o estoque de livros sem vender e maior o tempo requerido para recuperar o investimento. Isto leva a um encarecimento do livro por conta do tempo de amortização dos originais e a um desestímulo à produção, tanto por parte do autor quanto por parte do editor.

LIVROS DE TURISMO DE AUTORES BRASILEIROS

Foi realizado um "survey" a procura de títulos científicos específicos de Turismo deixando de lado os referentes a lazer e hotelaria, assim como os boletins e relatórios emitidos pela

Embratur e institutos oficiais de Turismo dos Estados. Este levantamento não inclui, tampouco, revistas promocionais como *Brasilturist*, *Touristnews*, *Icaro*, etc. Incluíram-se, sim, estudos de planejamento de organismos oficiais. Foi realizada uma pesquisa nas bibliotecas das Faculdades Anhembí-Morumbi, Capital, Ibero Americana, PucCampinas e USP e no nosso acervo particular. Foi realizado um levantamento via fax nas editoras e outro no sistema Unibibli em CD-ROM que reúne os acervos da USP, Unesp e Unicamp. Foram encontrados 62 LIVROS em total (Anexo I). Desses, 31 foram editados entre 1970 e 1980 e de 04 não foi possível estabelecer a data. Apenas 15 foram editados na década de 80 e 14 entre 1990 e 1993. As editoras comerciais que têm títulos disponíveis são: Ática (01), CTI/Terra (02), Kosmos (01), Loyola (01) e Papirus (06). As editoras não comerciais estão representadas pela Educs (02) e a USP (01). Constatou-se que somente duas editoras produzem livros de Turismo em série, a Papirus, e a Educs, editora universitária de Caxias do Sul⁴. A quantidade de livros de ambas é pequena se comparada com a série Trillas, do México, que conta, atualmente, com 45 títulos.

As revistas científicas também são escassas, destacando-se praticamente como única produção exclusiva de Turismo com cunho científico a *Turismo em Análise*, revista semestral da ECA/USP. A Puc de Campinas tem a *Comunicarte* (de Comunicações e Artes) também semestral mas publicada com muito atraso que inclui, em cada número, um artigo sobre Turismo. A revista *Chronos* da Universidade de Caxias do Sul dedicou, na década passada, o número 09 ao assunto "Turismo".

De 1000 títulos citados por Bercht em 1982 (Rejowski, 1993:72) entre livros, folhetos, apostilas, projetos, etc. de Turismo e lazer, encontramos apenas 12 disponíveis no mercado. Isto não permite concluir que não existam outros livros, apenas que, os que eventualmente possam existir, não estão sendo distribuídos para o consumidor final. Sobre os livros produzidos na década de 1970 e início de 1980 estão esgotados e não se cogita re-edição apesar da sua alta qualidade, como, por exemplo, os quatro livros de Lourdes Fellini.

CONCLUSÃO

Os estudos de Turismo no Brasil estão começando, não há ainda uma tradição de escolas e de pesquisadores, a demanda por livros de Turismo é pequena, o que, provavelmente, torna a área desinteressante para as editoras e distribuidoras. Isto gera um círculo vicioso de livros caros e escassos, e ricas teses produzidas no país⁵ esquecidas nas estantes, círculo este que prejudica, e muito, a abordagem científica do Turismo.

Voltando ao esquema dialético proposto inicialmente, podemos dizer que na área de Turismo há escritores e obras, mas faltam intermediários e leitores.

Cabe, neste encontro em particular e no meio acadêmico em geral, discutir qual seria a nossa contribuição para modificar a situação.

BIBLIOGRAFIA:

- ABELHA, Jose Flavio. - *Manual do turismo Municipal*, Imprensa Oficial, Belo Horizonte, 1973, 130 pág..
- ANDRADE, José Vicente de. - *Turismo, fundamentos e dimensões*, S. P., Atica, 1992, 215 pág..
- BALDERDE, J. J. Godoy. - *Curso de desenvolvimento para executivos de agências de viagens e transportes*, S. P., CNT, 1974, 94 pág..
- BALTASAR, D. Duarte. - *Turismo: dinâmica social e econômica*, S. P., Instituto Cultural e Educativo Manuel da Nóbrega,, 1982, 117 pág..
- BANCO DO NORDESTE. - *Turismo*, Fortaleza, Deptº de Estudos Econômicos, 1971, 112 pág..
- BARRETTO, Margarita. - *Planejamento e Organização em Turismo*, Campinas, Papyrus, 1991, 108 pág.

- BONALD, Olímpio. - *Planejamento e Organização de Turismo, Recife, Empetur, 1984.*
- BONALD, Olímpio. - *Teoria e Técnica de Turismo, Recife, Empetur, 1977.*
- CASTELLI, Geraldo. - *Turismo, análise e organização, Porto Alegre, Sulina, 1975, 184 pág.*
- CASTELLI, Geraldo. - *Turismo, atividade marcante do século XX, Caxias do Sul, Educ, 1986, 127 pág.*
- COSTA, Alfredo C. M. - *Algumas reflexões sobre o turismo na Bahia, Bahia, SCP, 1985, 122 pág.*
- DJURKITCH, Alexandre. - *Meios de Comunicação turística, R. J., Ibet/Cetur, s/d 50 pág.*
- DJURKITCH, Alexandre. - *Modelo Alaguano de Turismo Social, Alagoas, Empresa Alaguana de Turismo, 1982, 56 pág.*
- DOMINGUES, Celestino. - *Dicionário técnico de turismo, Publicações Dom Quixote, 1990.*
- EMPRESA PARANAENSE DE TURISMO. - *Turismo no Paraná: situação atual e perspectivas, Curitiba, Empresa Paranaense de Turismo, 1977, 52 pág.*
- EMPETUR. - *Pernambuco, sinopse da oferta turística, Recife, Empetur, 1977, 41 pág.*
- FAMA, Rubens. - *Curso de desenvolvimento para executivos de agências de viagens e transportes, S. P., CNT, 1974, 28 pág.*
- FELLINI S. Lourdes. - *Introdução ao Turismo, Porto Alegre, ECS/EST, 1977, 89 pág..*
- FELLINI S. - Lourdes. - *Turismo, viabilidade e alternativas, Porto Alegre, EST, 1981, 63 pág.*
- FELLINI S., Lourdes. - *Turismo Rural, Porto Alegre, EST, 1981, 62 pág.*
- FELLINI, Lourdes. - *Turismo, uma atividade municipal, Porto Alegre, EST, 1983, 79 pág.*

- FERRAZ, Joandre. - *Legislação do Turismo*, R. J., CNtur/Embratur, 1977, 190 pág.
- FERRAZ, Joandre. - *Regime Jurídico do Turismo*, Campinas, Papirus, 1992, 162 pág.
- FINEP/Colégio Pedro II. - *Interesses e hábitos de leitura no Brasil*, 1989.
- FUMEST. - *Ilha Anchieta / Plano geral de Exploração turística*, S. P., Fumest, s/d.
- GOMIDE, M. R. - *Turismo, noções elementares*, S. P., FTD, 1972, 155 pág.
- HARAS, Francisco. - *Um estudo para medir a eficácia das medidas de dispersão*, S. P., SCP, 1977, 17 pág.
- HERNANDEZ PENA, D. - *Turismo (4 volumes)*, R. J., Organização Bandeirante de Tecnologia, 1974.
- IGNARRA, Luiz Renato. - *Planejamento turístico municipal*, S. P., CTI/Terra, 1990, 83 pág.
- KERTESZ, Mário. - *Planejamento na Bahia IV*, Bahia, Centro Administrativo da Bahia, s/d 41 pág.
- LAGE, Beatriz e MILONE, Paulo. - *Economia do Turismo*, Campinas, Papirus, 1991, 122 pág.
- LAJOLO, M & ZILBERMAN, R. - *Aleitura rerefeita: livro e literatura no Brasil*, S. P., Brasiliense, 1991.
- LOPES, João do Carmo. - *Turismo Brasileiro: Análise da Permanência dos turistas*, S. P., IPE (USP)/Embratur, 1983, 133 pág.
- MARTINS, Angelo A. C. - *Turismo nas Alagoas: uma alternativa econômica*, Maceió, Sergasa, 1991, 178 pág.
- MINISTÉRIO DE INDÚSTRIA E COMÉRCIO. - *Turismo: desenvolvimento turístico do litoral Rio-Santos*, R. J., Embratur, 1975, 110 pág.
- MINISTÉRIO DE INDÚSTRIA E COMÉRCIO. - *Turismo: legislação básica*, R. J., Embratur, 1970, 349 pág.

- OLIVEIRA, A. U. de. - *Geografia turística do Brasil*, R. J., Kosmos, 1988, 241 pág.
- OLIVEIRA, A. U. - *Turismo, a grande indústria*, R. J., Kosmos, 1984, 221 pág.
- PELEGRINI Filho, Américo. - *Ecologia, Cultura e Turismo*, Campinas, Papirus, 1983, 189 pág.
- PELIZZER, Hilário. - *Uma introdução à técnica do turismo: Transportes*. S. P., Pioneira, 1978, 187 pág.
- PEREIRA, Arlete M. - *Bibliografia sobre Turismo*, R. J., Senac, 1988.
- PIRES, Luciano Davi. - *Nova fase do Turismo Mundial*, S. P., Eu e Você, 1992.
- PORTO Filho, Ubaldo. - *Turismo, realidade baiana e nacional*, Salvador, Um, 1976.
- POZENATO, J. C. - *Carta de viagem, Caxias do Sul*, Educs, 1992.
- PUPO, Oswaldo de Aguiar. - *ABC do Turismo e das Estâncias*, S. P., Martins, 1974, 81 pág.
- RABAHY, Wilson. - *Planejamento do Turismo: análise econômica*, S. P., Loyola, 1990, 167 pág.
- REJOWSKI, M. - *Pesquisa acadêmica em Turismo no Brasil (1975 a 1992), configuração e sistematização documental*, Tese (Doutorado), ECA/USP, 1993.
- RIBEIRO, A. C. Coelho. - *Estudos conjunturais do Turismo no Nordeste*, Fortaleza, BNB/Etene, 1976, 35 pág.
- RODRIGUES, Gabriel. - *Fazendo Turismo: Cartilha de conscientização turística*, S. P., Artes e Texto, 1972, 50 pág.
- RUSCHMANN, Doris. - *Marketing turístico*, Campinas, Papirus, 1991, 124 pág.
- SECRETARIA DE CULTURA, ESPORTES E TURISMO. - *SETUR - Subsídios para a estatística brasileira*, S. P., Secretaria de Turismo do Estado de São Paulo, 1974, 106 pág.

- SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO -FDE.- **Pesquisa: Leitura na Rede Estadual de Ensino**, Governo do Estado de São Paulo, 1992
- SECRETARIA MUNICIPAL DE TURISMO DE S. P. - *Catálogo do cadastro de informações sobre São Paulo*, S. P., Cebitur, 1976, 227 pág.
- SECRETARIA DE TURISMO E DESPORTES DE RIO GRANDE DO SUL. - *Consolidação de estudos e projetos de Rio Grande do Sul*, R. S., Citur, 1974, 19 pág.
- SECRETARIA DE TURISMO DE SÃO PAULO. - *Turismo e Esporte*, S. P., Mauro Ivan Marketing, 1981, 190 pág.
- SILVA, E. T. da. - *As direções da pesquisa na área da leitura*, trabalho apresentado no 3º Seminário de Pesquisa em Educação, Região Suldeste, promovido pela Unicamp, Campinas, 6 a 8 de Novembro de 1985 (inédito).
- _____ - *De olhos abertos: Reflexões sobre o desenvolvimento da leitura no Brasil*, S. P., Ática, 1991.
- SILVEIRA, J. Xavier da. - *Turismo: indústria de base, prioridade nacional*, R. J., Record, 1976, 146 pág.
- SILVEIRA, J. Xavier da. - *Turismo, técnica e operações*, R. J., Sedega, 1974, 174 pág.
- SODRÉ, N. W. - *Síntese de História da Cultura Brasileira*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1981.
- SUDENE. - *Proposta para um plano diretor de desenvolvimento do nordeste Recife*, Sudene, 1980, 12 pág.
- SUDEPLA. - *Turismo Social e balneário*, S. P., Sudepla 1980, 130 pág.
- SUDEPLA. - *Possibilidades turísticas no Vale do Ribeira*, S. P., Sudepla/Seplan, 1974, 176 pág.
- TRIGO, Luiz Gonzaga Godoy. - *Turismo e Qualidade: Tendências contemporâneas*, Campinas, Papyrus, 1993, 121 pág.

TRIGO, Luiz Gonzaga Godoy. - *Cronologia do Turismo no Brasil*, S. P., CTI/Terra, 1991, 70 pág.

VAZ, Alcides Fernádes. - *Administração de turismo*, R. J., ATA, 1975, 354 pág.

Palestras:

BONCLOMICZ, A. K. no 7º COLE realizado em 1989, Campinas, ABL, 1991.

ZILBERMAN, R. *ibidem*.

Preservação da Herança Cultural, Museus e Desenvolvimento no Canadá - Relatório de Estágio no Canadá pelo Facultyenrichment Program

Profª Regina Márcia Moura TAVARES

INTRODUÇÃO

No período compreendido entre 23 junho de 1994 e 30 de julho do mesmo ano, estive no Canadá desenvolvendo programa de estudos na área da preservação do patrimônio cultural e da nova museologia, objetivando a inclusão de conteúdos canadenses em minha programação habitual do curso de Turismo, bem como organização de cursos de extensão para serem ministrados no Centro de Cultura e Arte da Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Na qualidade de criadora e atual presidente do Forum Nacional de Museus Universitários e membro do ICOM-Comitê Internacional de Museus, é minha intenção, também, divulgar as ricas experiências vivenciadas nas várias instituições canadenses, sem dúvida alguma bastante avançadas relativamente às demais

similares do mundo em congressos e conferências de âmbito nacional e internacional.

O sucesso de que se revestiram os estágios teve por base os contatos preliminares que mantive com os orientadores Johanne Landry, diretora de Programas Públicos da Societé Gestionnaire do Biodôme et du Planétarium de Montréal, com Cyril Simard, presidente da Commission des Biens Culturels de Québec e da Association des Economusées, assim como com Francine Lacroix, coordenadora de estágios do Musée de la Civilization de Québec os quais, antecipadamente, organizaram programações detalhadas e abrangentes que me permitiram compreender em profundidade e extensão a área que me propus a estudar. Por outro lado, logo ao chegar, através deles estabeleci contatos com o ONF-Officiel National du Film du Canada e com o Service des Parcs Canadiens nos quais pude, também, desenvolver pesquisas de grande interesse.

Como minha estada prolongou-se além das quatro semanas previstas em meu pedido à Embaixada, acrescentei às minhas observações, outras instituições museológicas como o Royal Ontario Museum de Toronto, galerias de arte e espaços de interpretação tanto em Vancouver quanto em Vitória.

1. O CANADÁ, A PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO CULTURAL E O TURISMO

Quando se chega a esse país com cerca de 25 milhões de habitantes, com cidades modernas e bem planejadas, cheio de verde, com excelente qualidade de vida para a maior parte da população e com comunidades anglofone e francophone disputando espaços políticos para a consolidação de seus projetos de desenvolvimento, tem-se a oportunidade de perceber com clareza a íntima relação que existe entre a preservação da herança cultural acumulada pelos vários segmentos sociais, a percepção que a população tem relativamente a si mesma no presente e as propostas que a mesma formula para o seu futuro.

Creio que minha permanência de 26 dias no Québec, logo no início da viagem, foi de grande significação, pois pude

observar as inúmeras ações recorrentes que se desenvolvem no maior Estado canadense no âmbito tanto da preservação do patrimônio natural, quanto do cultural intangível, móvel e imóvel, ao mesmo tempo que acompanhei, pela mídia impressa e televisiva, as inúmeras discussões que se processam a respeito da soberania de Québec para tomar decisões relativas ao seu futuro.

A onda de restauração de bens patrimoniais que testemunham as raízes francesas, bem como a revitalização de museus antigos e a construção de novos, os projetos de animação cultural em espaços públicos, de certo modo, coincidem com o esforço que a comunidade francófona vem desenvolvendo para reconquistar os espaços políticos perdidos para os anglofones no Canadá.

1.1. MUSEU DA CIVILIZAÇÃO - QUÉBEC

O MUSEU DA CIVILIZAÇÃO de QUÉBEC foi construído há seis anos na região denominada VIEUX QUÉBEC com o claro objetivo de, através da própria arquitetura e de seu projeto de ação cultural, incorporar o passado no presente, assim como promover a revitalização do centro histórico, espaço deteriorado como em tantas cidades de nosso Brasil. O programa de animação cultural que o museu desenvolve na PLACE ROYALE, berço da cidade, é modelo para todos os museus do nosso continente que queiram contribuir para um projeto de desenvolvimento calcado no conhecimento das peculiaridades culturais de cada cidade, região ou país.

Durante meu estágio nessa instituição museológica, mantive contatos com os setores da administração geral e financeira, com a gerência da boutique, das exposições internacionais, com o serviço de pesquisa e avaliação com a direção de difusão e educação. As exposições temporárias estudei-as intensamente, tentando captar desde a oportunidade com que os mais variados temas atingem propositalmente públicos diversos ("habitués", não especializado, infantil, científico), quanto os aspectos museográficos, o volume da informação, os recursos de multimídia utilizados, a reação do público às mesmas. Observei o trabalho dos guias, assim como dos animadores culturais dentro do próprio espaço museal. Frequentei a lanchonete e o café, assim como os

espaços onde os públicos infantil e adulto podem descansar e trocar idéias sobre o que estão vivenciando, a fim de perceber melhor o sentido de suas inserções no contexto. Chamou minha atenção a preocupação com a acolhida que os visitantes têm em todos os setores de atendimento ao público no Canadá mas, principalmente, em Québec onde nota-se a preocupação de se manter o fluxo turístico, primeiro item da balança comercial. Nesse sentido, a recepção nos museus ocupa um espaço central e frontal, onde o visitante não somente paga seu ingresso, mas recebe uma série de informações importantes para um melhor aproveitamento do período que ali passará, bem como para retornos futuros. A abordagem do visitante com o fim de fazê-lo associado da AAM - Associação dos Amigos do Museu, também é feita em setor próximo à recepção.

O MUSEU DA CIVILIZAÇÃO tem hoje 350 funcionários concursados atuando nas mais variadas áreas. Para sua receita o Estado contribui com 80% do orçamento, vindo os restantes 20% da área empresarial, através de patrocínios, assim como das vendas da boutique. Aliás, esta última tem um lugar de destaque em todos os museus, tanto do Canadá como dos EEUU. Comercializam-se nelas não somente reproduções de produtos artesanais locais e de peças dos próprios acervos, mas também reproduções de peças de museus do mundo inteiro. A loja do Museu parece-me importante enquanto uma possibilidade alternativa de difusão cultural, além de considerável fonte alternativa de receita.

O MUSEU DA CIVILIZAÇÃO de QUÉBÉC é, também, um espaço cultural aberto a conferências, lançamentos de obras literárias e plásticas, contando, para isto, com uma excelente infraestrutura em termos de auditório, recursos audio-visuais, gráficos e equipe de comunicação social.

Percebi a presença do citado MUSEU em quase todos os lugares por onde passei em Québec, evidenciando-se uma consciência, por parte de seus dirigentes, de que não basta ser ele uma instituição cultural eficiente, pois há necessidade de se sensibilizar a população para que ela o procure.

Finalmente, dessa instituição e de outras onde estagiei, despachei por navio aproximadamente 20 kg de materiais impressos, entre livros, catálogos, materiais informativos e de setor administrativo, os quais servirão de subsídios a outros interessados nesse assunto em nosso país.

1.2. COMISSÃO DOS BENS CULTURAIS DE QUÉBEC

M. Cyril Simard, arquiteto e etnólogo, atual presidente da Comissão dos Bens Culturais de Québec abriu-me seu escritório, ofereceu-me suas obras publicadas e indicou profissionais competentes a ele ligados da Universidade de Laval para me prestarem todos os esclarecimentos relativos aos sítios preservados em Québec, o papel do estado nessa ação preservacionista e a relação que a mesma mantém com o Turismo receptivo.

Visitei inicialmente a MAISON DU TOURISME, no prédio da rua Ste. Anne, a qual acolhe de maneira calorosa o recém-chegado à cidade de Québec, oferecendo-lhe com presteza as informações de que necessita para hospedar-se, passear, alimentar-se e viajar entre os vários pontos do país; nesse mesmo local o visitante pode fazer troca de moeda e utilizar-se de outros serviços bancários, bem como já fazer reservas em hotéis ou em hospedagens do tipo B & B, universitárias e outras. A situação da MAISON é privilegiada, ou seja, no coração da cidade velha, de onde já saem satisfeitos, curiosos e entusiasmados os turistas para um reconhecimento geral.

Os materiais que lhe são oferecidos são de boa qualidade e fruto de pesquisas cuidadosas, ensejando passeios a pé por todo o centro histórico, bem como roteiros fluviais e terrestres.

Durante o verão, canadenses e estrangeiros, dia e noite percorrem todo o centro histórico da cidade de Québec conhecendo um pouco da conquista desse território pelos franceses, o período da dominação inglesa, os recantos dessa cidade fortificada que ainda tem na mira de seus seculares canhões o magnífico rio St. Laurent. O QUÉBEC vem investindo consideravelmente tanto na reconstrução de áreas que já haviam se descaracterizado completamente, quanto na restauração de imóveis de sítios considerados de valor histórico. Nesse caso, ele adquire os imóveis

dos proprietários, restaura-os e os aluga aos seus antigos donos, preferencialmente. Toda uma infra-estrutura hoteleira, de restaurantes, lojas, galerias e áreas de descanso, aonde se apresentam grupos artísticos, freqüentemente, permite uma intensa circulação nesse espaço central da cidade. Segundo dados que me foram fornecidos, para cada dólar investido em Cultura no QUÉBEC retornam sete(7), e no Canadá, como um todo, retornam quatro(4). Assim sendo, todos os envolvidos nos setores acima mencionados saem ganhando com a preservação da memória local, além do próprio governo que arrecada mais. Fica claro, portanto, que os canadenses entendem que a preservação do patrimônio cultural não somente permite o resgate da identidade, a revitalização do orgulho nacional, mas impulsiona o desenvolvimento, na medida em que o turismo oportuniza circulação de riquezas.

1.3 ASSOCIAÇÃO DOS ECONOMUSEUS - QUÉBEC

M. Cyril Simard, criador do conceito ECONOMUSEU, ofereceu-me as melhores condições para que eu pudesse inteirar-me dessa nova proposta museológica a qual, na realidade, constituiu-se no motivo primordial de minha visita ao Canadá.

Preocupado, permanentemente com a situação calamitosa em que se encontram os museus brasileiros, o artigo publicado na revista MUSEUM, de autoria de Cyril Simard percorrendo sobre a experiência dos Economuseus no Québec, revelou-se uma esperança para mim. A observação que pude fazer "in locu" de quatro Economuseus deixaram-me a certeza de que a atividade museal pode vir a se autosustentar, desde que façamos uma revisão no próprio conceito de Museu. (A Nova Museologia já fez essa revisão e nós, do Museu Universitário Puccamp, já trabalhamos com o novo conceito, embora no Brasil a grande parte dos museus ainda trabalhe para preservar o "raro", o "belo", o historicamente correto tão a gosto das elites dominantes).

Estudei cuidadosamente as experiências da Papelaria St. Gilles - fabricação artesanal do papel de algodão, do Atelier Paré-arte e trabalho tradicional artesanal em madeira, da Verrerie Champlain-produção artesanal do vidro na região de Québec. Pude

constatar que a preservação do patrimônio construído pelas experiências seculares de uma população realmente justifica-se à medida que as mesmas são incorporadas àquelas do presente através da proposta dos economuseus. Por outro lado, a comercialização dos objetos-acervo dão uma dimensão de realidade à ação preservacionista, pois toda a atividade humana, em qualquer tempo ou lugar, organiza-se sobre uma base de trocas. A participação da população na definição do objeto-alvo da preservação é aspecto relevante à medida que estamos sempre aspirando por uma maior democratização nos processos decisórios.

A farta documentação que trouxe sobre o assunto será certamente de grande utilidade em nosso país, visto haver um total desconhecimento no meio museológico brasileiro a respeito do mesmo.

1.4. PARQUES CANADENSES

Se na política cultural canadense a preservação do patrimônio cultural é prioridade, ela anda "pari passu" com a preservação do espaço natural. No QUÉBEC, assim como na Colúmbia Britânica-Vancouver e Vitória, onde passei a maior parte do tempo, observei o zelo que existe para com os parques, os jardins, o arvoredo que circunda as casas, a fauna. A consciência ecológica está presente, também, entre a população no cuidado que tem com a água, com a qualidade do ar. Os programas educativos do BIODOME de Montréal, um Museu de História Natural que reconstituiu os ecossistemas da Terra, são de uma riqueza fantástica no que diz respeito à sensibilização das crianças para com a sobrevivência nessa nave espacial, o nosso sofrido planeta.

O que chamou mais a minha atenção, entretanto, foi o trabalho desenvolvido pelo setor de administração dos parques canadenses nos sítios arqueológicos contidos nesses parques. Os chamados "lieu d'interpretation" incluem não somente a apresentação do resgate arqueológico, mas espaços de acolhida ao visitante onde ele pode assenhorar-se de informações mais detalhadas sobre o sítio, sua relação com o entorno no passado e no presente.

Pensando em inúmeros parques nacionais que estão carentes em nosso país de qualquer projeto, seja para a preservação do meio natural, seja para a preservação da herança cultural que ele contenha, discuti com meus interlocutores a possibilidade de desenvolvimento de um projeto conjunto BRASIL/CANADÁ nessa área, ao que me responderam ser possível; inclusive, citaram recente experiência desenvolvida com o Cambodja através do Ministério de Cooperação Internacional, sem custo para o mesmo, no que se refere à consultoria.

1.5. MUSEUS AO AR LIVRE

As experiências de "open air museum" pude apreciá-las numa aldeia da reserva dos Huron e em Upper, Canadá. Em ambas há enorme fluxo turístico, pois a animação cultural contribui para que a cultura dos autóctones de dois séculos atrás, assim como a dos agricultores do fim do século XIX e início do XX, sejam melhor compreendidas. Nelas, também, a venda de reproduções e de produtos artesanais garante, ao lado dos restaurantes, uma receita significativa para a manutenção da própria proposta museológica.

CONCLUSÃO

Devo dizer que essa visita ao Canadá para conhecer um pouco de sua prática de preservação do patrimônio cultural e museologia acrescentou dados ao meu conhecimento mas, sobretudo, consolidou idéias que já possuía sobre o sentido da preservação da herança cultural para o desenvolvimento de um país em bases próprias. Reforçou, também, minha convicção de que podem conviver várias propostas museais diferenciadas, mesmo porque os públicos são igualmente variados e mais ou menos preparados para captar as mensagens que o museu lhes pode oferecer. O importante é que todas elas estejam profundamente identificadas com os vários processos culturais vivenciados pelos múltiplos segmentos sociais ao longo da história do país.

Como este relatório não pretende ser um documento científico, escusei-me de fazer referências quantitativas, precisar

datas, locais e nomes de todos aqueles com os quais convivi no curto período de meu estágio.

Finalmente, é necessário que se diga que o Faculty Enrichment Program oferecido pela Embaixada do Canadá para a difusão de aspectos da cultura canadense no meio universitário é iniciativa das mais meritórias, refletindo bem a cordialidade e o prazer em dividir que caracteriza o seu povo.

**PUBLICAÇÕES INTEGRANTES DA
REDE IBERO-AMERICANA DE REVISTAS DE
COMUNICAÇÃO E CULTURA**

Dia-Logos

Publicação semestral da Federação Latino-Americana de Associações de Faculdades de Comunicação Social (FELAFACS).

Correspondência:

FELAFACS
Apartado Postal 18-0371
Lima 18
PERU

Intercom – Revista Brasileira de Comunicação

Publicação semestral da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação – INTERCOM – com o apoio do Programa MCT CNPq/FINEP.

Correspondência:

INTERCOM – Revista Brasileira de Comunicação
Caixa Postal 20.793
01498 – São Paulo
BRASIL

Leopoldianum – Revista de Estudos e Comunicações

Publicação quadrimestral da Universidade Católica de Santos (UniSantos).

Correspondência:

Leopoldianum – Revista de Estudos e Comunicações
Rua Euclides da Cunha, 241
11060 – Santos (SP)
BRASIL

Institutions interested in exchange of publications are requested to address to *Las instituciones interesadas en el cambio de publicaciones son invitadas a dirigirse a * Les institutions que désirent établir un échange de publications sont priées de s'adresser à * Le Istituzioni che vogliono ricevere questa pubblicazione in forma di cambio fare la richiesta.

COMUNICARTE

Pontificia Universidade Católica de Campinas
Campus I - Rodovia "D. Pedro I", km 136
Caixa Postal 317 - Telefone (PABX) 52 0899 - CEP 13020-904
CAMPINAS (Brasil)

Cleonice Furtado de Mendonça Raij

Fedra: O corpo como metáfora

Maurício Silva

Modernidade Anti-moderna: O primeiro autor
Kitsch da literatura brasileira

José Antonio Transferetti

"A vida na verdade" A poética de Vaclav Havel

João Baptista de Almeida Júnior

A aceitação ou condenação da imagem

Javier Esteinou Madrid

"Comunicacion, cultura y liberalismo social en
el mexico moderno"

Luiz Gonzaga Godoi Trigo e Paulo Roberto

Faddul Biafora

Qualidade, Qualidade e Qualidade

Isval Marques de Pinho

Mercado turístico brasileiro na europa

OPINIÃO E DEBATE, PESQUISA E DO-
CUMENTAÇÃO